

25
SERÖES

Nº 7 ≈ JANEIRO 1906



Camara

FERREIRA & OLIVEIRA L^o LISB

OBRAS PRIMAS

Bibliotheca dos melhores livros de todas as litteraturas antigas e modernas

Viagens de Gulliver

POR

JONATHAN SWIFT



As **VIAGENS DE GULLIVER**, que se encontram prestes a apparecer, são profusamente illustradas, custando cada volume, em typo novo e bom papel, **200 réis** em brochura, e **300 réis** com elegante encadernação de percalina com ferros especiaes.

Pedir prospectos á

Livraria Ferreira & Oliveira L.^{da}

EDITORES

132—Rua do Curo—138

LISBOA

O segundo concurso de

PHOTOGRAPHIA

Aberto pelos "SERÕES"

O magnifico exito que obtive o nosso primeiro concurso de photographia, limitado apenas aos photographos amadores, leva-nos a abrir já n'este numero dos Serões um cutro, a que poderão concorrer não só os profissionais e os amadores de photographia mas os proprios paes de familia, ou outras quaesquer pe-soas que tenham creanças a seu cargo. visto que o thema que agora offerecemos se, profissionalmente interessa os primeiros, não menos apaixonará e captivará os segundos.

Visto que as **Creanças**, pela graça de flor das suas phisionomias, pelo tocante encanto das suas attitudes, pela radiosa vivacidade dos seus gestos, pela cariciosa e angelica expressão dos seus rosinhos meigos, são um elemento superior de Esthetica e um manancial fecundo de Poesia e de Belleza, será á glorificação e á apotheose da infancia que este concurso se destina.

Todos poderão, portanto, concorrer com quaesquer photographias, contanto que não tenham sido publicadas, de

CREANÇAS OU GRUPOS DE CREANÇAS DIVERSAS.

Devem além d'isso os concorrentes submitter-se ás seguintes

CONDICÕES

1.º — As photographias devem ser de qualquer formato conforme a vontade do concorrente, contanto que o minimo seja o de 9 × 12 centimetros.

2.º — As photographias premiadas serão publicadas nos **SERÕES** com o nome e a residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos **SERÕES** reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.º — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos da publicação, ficará pertencendo aos **SERÕES**.

4.º — A direcção dos **SERÕES** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remetidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.º — A decisão dos **SERÕES** será definitiva.

6.º — As provas devem ser enviadas á direcção dos **SERÕES** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente.

7.º — Haverá **TRES PREMIOS**, sendo o primeiro de **10:000 réis**; o segundo **Uma collecção dos 4 volumes dos SERÕES** já publicados ou, se o preferirem, **Uma caixa com bonecos**; o terceiro **Uma assignatura de um anno nos SERÕES** a qual póde reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, ca-o este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

SEGUNDO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 de março

Titulo da photographia

Local em que foi tirada

Nome e endereço do photographo ou da pessoa que n'ol-a enviar

Declaração. — Declaro que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.

Assignatura

Endereço: A' Direcção dos **SERÕES**, Livraria Ferreira & Oliveira L.^{da}, Rua Aurea, 132 a 138, devendo no verso do envelope indicar — Concurso de Photographia.

Summario

MAGAZINE

PAG.

KURHAUS SANT'ANNA — Alameda de entrada.....	2
OS SANATORIOS DA MADEIRA (8 illustrações)	3
A CONVERSÃO (5 illustrações de MORAES) por JOÃO GRAVE.....	14
ASPECTOS DA CAPITAL — O CHIADO (12 illustrações) por CARLOS DE MOURA CABRAL.....	19
BENITA (3 illustrações) romance africano por H. RIDER HAGGARD	27
CANAL DO PANAMÁ (8 illustrações)	40
UMA POETIZA FILHA DE UM GRANDE POETA — TROVAS DE D. CLOTILDE RAMOS (1 illustração e 2 vinhetas).....	49
HORAS BUCOLICAS — DESFOLHADAS E VINDIMAS NA BEIRA (8 illustrações de ALMEIDA E SILVA) por JOÃO CORREIA DE OLIVEIRA.....	52
UM EPISODIO DE ALBUERA (2 illustrações de MORAES) por CELESTINO SOARES.....	61
SE A MOCIDADE SOUBESSE... — IV — A MALA DO REI (2 illustrações) por AGNES E EGERTON CASTLE.....	64
OS SERÕES DOS BÉBÉS — GALINHA E BACALHAU (2 illustrações de MORAES).....	72
QUEBRA-CABEÇAS (2 illustrações).....	74
JOGO DAS DAMAS (4 diagrammas) por JOSÉ SYDER.....	75
ACTUALIDADES (14 illustrações e 1 vinheta).....	76
O CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES	
Ponte sobre o Dão — <i>Photographia</i> do Sr. EURICO DA SILVA BALTHAZAR BRITO do Porto.....	18
Um trecho de Unhaes da Serra — <i>Photographia</i> do Sr. ANTONIO ANTUNES DOS SANTOS	63
Uma lavra em Ermezinde — <i>Photographia</i> do Sr. LUIZ MARQUES DE SOUSA	84

OS SERÕES DAS SENHORAS (34 illustrações)

NOVIDADES DE ESTAÇÃO.....	117	BORDADO COM BORBOLETAS	125
OS NOSSOS FIGURINOS	121	ÉCRAN GOSTO INGLEZ	126
CHAPEUS DA ESTAÇÃO.....	123	A UNIÃO FAZ A FORÇA.....	126
A NOSSA FOLHA DE MOLDES.....	123	PELOS ALTOS	128
ENXOVAL PARA BÉBÉ DE UM ANNO.....	124	OS ARTISTAS DA MODA (<i>Conclusão</i>).....	106
LAVORES FEMININOS	125	CONSULTORIO DE LUIZA	133
AFMOFADA ARTE NOVA	125		

Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

A MUSICA DOS SERÕES

VENUS	por AUGUSTO MACHADO	4 paginas
-------	---------------------------	-----------

Nos nossos proximos numeros

Artigos de Julio Diniz, *inedito*

Dr. Alfredo Luiz Lopes
Alfredo Mesquita
Anthero de Figueiredo
Coelho de Carvalho

Dr. Curry Cabral
Domingos Guimarães
João de Barros
D. João da Camara

João Luzo
D. José Pessanha
Wenceslau de Moraes
Zacharias d'Aça

Correspondencia dos ((Serões))

QUEBRA CABEÇAS

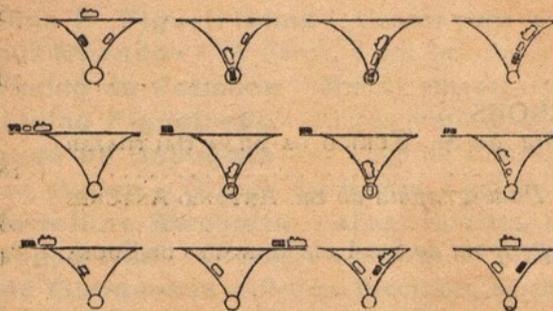
Eram quatro os problemas incertos no nosso numero 4, que exigiam resposta. Para facilidade, numeral os-hemos.

1 *Conta de hotel* — Este problema sahi com um erro, que foi aliás verificado por alguns decifradores. A conta de 18 tostões deve duplicar-se: são 18,000 réis. Os convivas eram 12 e cada um pagou 1500 réis. Se fossem 18 e cada um desse 1200 réis, perfariam 19,000, isto é, mais um quatinho para a gorjeta.

2 *Patetinha!* — O patetinha andou 32 kilometros e faltavam-lhe apenas 5 para percorrer o caminho todo.

3 *Enigma* — *Vintem ou vinte.*

4 *Problema de caminhos de ferro* — A figura junta mostra a serie de manobras a fazer.



Decifradores. — Matultimo (2 e 4), Lucar Som (1, 2, 4), Luiz Braz (4), X. Psilonn (3 e 4), T. R. (2, 3 e 4), Sphyngé, (2 e 3).

ONDE IRÁ PARAR?

Vamos agora, segundo a nossa promessa, continuar a discussão aberta sobre o curioso

problema *Onde irá parar?* do 1.º numero dos *Serões*, inserindo a opinião do sr. Réclus... *manqué*, e guardando ainda a restante correspondencia sobre o assumpto, visto não serem infelizmente elasticas estas paginas supplementares dos *Serões*.

Eis pois o que diz o sr. Réclus... *manqué*, referindo-se á solução apresentada no n.º 5 dos *Serões* :

«Segundo ella, o navio descreve uma espiral sobre a superficie da esphera, approximando-se indefinidamente do polo, sem nunca o attingir.

Esta solução é perfeitamente verdadeira, tratando-se do movimento d'um ponto, mas como na presente questão se falla de um navio, por pequenas que sejam as suas dimensões, não posso perceber como dê um numero infinito de voltas de espiral em torno do polo, sem nunca o attingir. Parece-me que, pelo contrario, deve terminar a sua curiosa viagem n'este ponto. Por outro lado, quem souber o que é uma *helice cylindrica* e uma *helice conica* não pode estranhar que, por analogia, se designe com o nome de *helice espherica* o caminho seguido pelo navio, julgando eu que d'esta madeira não ficaria a curva peor definida, do que chamando-lhe *espiral*, como nas soluções publicadas.

«D'este modo, penso que a solução que eu enviei antes d'esta, é verdadeira, parecendo-me de justiça que V. lhe tivesse feito referencia, differente da que vem no n.º 4, a qual faz parecer tratar-se d'uma resposta absolutamente erronea e me fez guardar impaciente a solução genuina. Felizmente que, depois de a conhecer, readquiri o socego d'espírito.»

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangelro
Anno.....	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre.....	1\$200	Moeda fraca.....	12\$000 Frs.....
Trimestre.....	600		15,00

Numero avulso em Portugal 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes



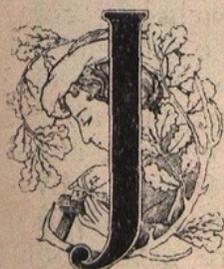
KURHAUS SANT'ANNA — ALAMEDA DA ENTRADA



KURHAUS SANT'ANNA

Os Sanatorios da Madeira

ANTECEDENTES HISTORICOS



Já lá vão dois annos, que uma companhia allemã, presidida pelo principe de Hohenlohe, requereu ao governo portuguez a concessão de facilidades para o estabelecimento de Sanatorios, na Ilha da Madeira, a mais formosa e sadia das terras portuguezas.

A companhia compromettia-se a edificar dois sanatorios, um para ricos e de sua exploração e outro para nacionaes pobres e gratuito; ainda mais faria a edificação de um hotel para as pessoas que acompanhassem os doentes, visto uma casa de saude não estar em condições de conforto e distracção

para abrigar gente com saude. Era razoavel. Nada mais queria a companhia allemã do que a entrada isenta de direitos dos materiaes para a construção dos sanatorios.

Embora um interesse, talvez puramente commercial, arrastasse um grupo de homens a explorar a pureza do ar e a temperatura excepcional do clima madeirense, evidentemente que a ideia não podia ser mais feliz nem mais sympathica.

Portugal parece que devia ter grande interesse na valorisação de uma das mais brilhantes joias dos seus vastos dominios, no aproveitamento das condições paradisiacas que a Madeira oferece ao mundo.

Foi em maio de 1903 que Sua Alteza o Principe de Hohenlohe se propoz organizar uma empreza com o

fim d'estabelecer na Madeira sanatorios para tuberculosos, construidos segundo os mais modernos preceitos da sciencia, sollicitando logo como necessaria condição de tão benemerito empreendimento, entre outras vantagens, que lhe fosse decretada a utilidade publica e urgencia das expropriações dos terrenos necessarios ás installações projectadas, pedido que foi deferido pelo governo em lei de 5 de junho de 1903, ficando, comtudo, a concessão definitiva dependente da apresentação e approvação dos projectos e realisação do deposito offerecido.

Em setembro era enviada pelo Principe de Hohenlohe, d'accordo com o nosso governo, uma commissão technica encarregada de escolher os locaes mais apropriados para as installações projectadas, commissão de que fazia parte, como delegado do governo, o illustre medico portuguez sr. D. Antonio de Lencastre, medico particular de S. Magestade a Rainha D. Amelia, sendo então indicada, como região mais propria para os estabelecimentos de Sanatorios Maritimos e Kurhoteis, a zona littoral a oeste do Funchal, na facha de 500 metros a contar da beira mar para o interior, e na extensão que vae da «Quinta Lambert» á fabrica de distillação d'alcool no sitio do Salto Cavallo, comprehendendo-se por consequencia n'esta zona a «Quinta Pavão».

Isto consta do relatorio da commissão medica, assignado no Funchal a 28 de setembro de 1903, e do relatorio do delegado do governo, publicado na folha official de 21 de novembro do mesmo anno.

A seguir foi elaborado o projecto geral de sanatorios, que foi apresentado ás estações competentes acompanhado d'uma planta chorographica da cidade do Funchal e seus arredores, onde eram especialmente indicadas as zonas escolhidas pela commissão medica, tendo sido o projecto submettido, com pareceres favoraveis da commissão executiva da Assistencia Nacional dos Tuberculosos e Conselho Superior d'Hygiene Publica, á apreciação do governo, que o approvou por despacho mi-

nisterial de 4 de janeiro de 1904, e no qual se ordenou ao requerente que entrasse com o deposito de dez mil libras para garantia das clausulas e condições da concessão, assim feita, declarando-se, expressamente, que o concessionario ficava auctorizado ao levantamento dos projectos definitivos das construcções a fazer dentro das zonas indicadas, afim de serem submettidas á ulterior approvação do governo e «se poder depois seguir os termos regulares e legaes das expropriações a fazer para esse effeito».

Assim ficou tornada definitiva a concessão, reconhecida depois ainda pelo decreto de 15 de dezembro de 1904 que regulou a importação, com isenção de direitos, dos materiaes e instrumentos destinados aos Sanatorios da Madeira.

Temos seguido a ordem chronologica de todos os trabalhos e por esta exposição se conclue que só faltava, para se tornar effectivo o direito d'expropriação a que se refere a lei de 5 de junho de 1903 e o despacho de 4 de janeiro de 1904, a approvação dos projectos definitivos, formalidade que o governo cumpriu, como se vê pelo despacho de 13 de setembro de 1903, approvando os projectos definitivos dos sanatorios de *montanha*, e do despacho de 10 de maio do corrente anno, que deu approvação ao projecto definitivo do sanatorio *maritimo* ou Kurhotel.

Ora este ultimo despacho foi comunicado a Sua Alteza o Principe de Hohenlohe por officio da Direcção Geral de Saude e Beneficencia Publica, datado de 11 de maio do corrente anno, no qual se declara «que foram approvadas todas as peças de que se compõe o projecto definitivo», entre as quaes figura a planta cadastral do terreno destinado ao Kurhotel, e da qual faz parte a propriedade que se pretende expropriar.

Eis pois as bases juridicas em que assenta o pedido d'expropriação da «Quinta Pavão»

O QUE DEU MOTIVO AO INCIDENTE DIPLOMATICO

A Companhia da Madeira esteve muito tempo em negociações com as

antigas proprietarias da Quinta em questão, porque todo o seu desejo era, como aconteceu com os outros terrenos, chegar a um accordo completo ácerca das condições de compra.

Não a detiveram nunca circumstanças que se prendessem com os preços de quaesquer terrenos, offerecendo sempre o que lhes foi pedido, sabendo d'antemão que n'estes casos se exige

sado na occasião opportuna, adquirindo o predio em abril do corrente anno, e transferindo pouco depois os seus direitos aos actuaes possuidores, ainda dentro d'este mesmo mês.

A compra foi feita depois dos actuaes possuidores saberem que a Quinta estava contida na faixa sujeita a expropriação e, por consequencia, esse acto veiu embaraçar os projectos da Com-



SANATORIO D. AMELIA — FRENTE DO EDIFICIO MOSTRANDO AS VARANDAS DA CASA

muito mais do que é representado pelo valor real.

Mas, com a «Quinta Pavão», acontece que depois da Companhia haver chegado a um accordo com as suas proprietarias, é surprehendida por um contracto de arrendamento realisado em 24 de dezembro de 1904, — muito posterior, como se vê, á escolha official das zonas destinadas aos sanatorios — no qual se dava ao arrendatario o direito de preferencia no caso de venda, direito que foi reclamado pelo interes-

panhia da Madeira que desejava adquirir esses terrenos em circumstanças normaes, como já havia tratado, a qual se viu na necessidade de recorrer aos seus direitos d'expropriação assegurados pela lei que especialmente lhe respeita.

RIVALIDADES ENTRE INGLEZES E ALLEMÃES

O commercio inglez na ilha, que se manifesta sob varios aspectos, tem como principal ramo de exploração os

hoteis. Por isso, como a empresa resolvesse um grande hotel anexo aos sanatorios, naturalmente os proprietarios dos hoteis inglezes sentiram-se lesados e procuraram de todas as maneiras impedir ou pelo menos difficultar essa construcção que fatalmente os havia de prejudicar. D'ahi a insinuação de que os sanatorios eram apenas um pretexto para á sua sombra passarem aos direitos os materiaes para o hotel, prejudicando-os não só a elles e ao governo portuguez, mas ainda aos madeirenses, negando lhes trabalho nas obras que só dariam a allemães mandados vir. A empresa, querendo defender os seus interesses, fundou um jornal, o *Heraldo da Madeira*, que, diga-se em abono da verdade, é para o Funchal uma publicação de primeira ordem. Este jornal, dirigido pelo tenente sr. Reis Gomes, que é um grande talento, muito tem feito na defesa dos interesses da companhia.

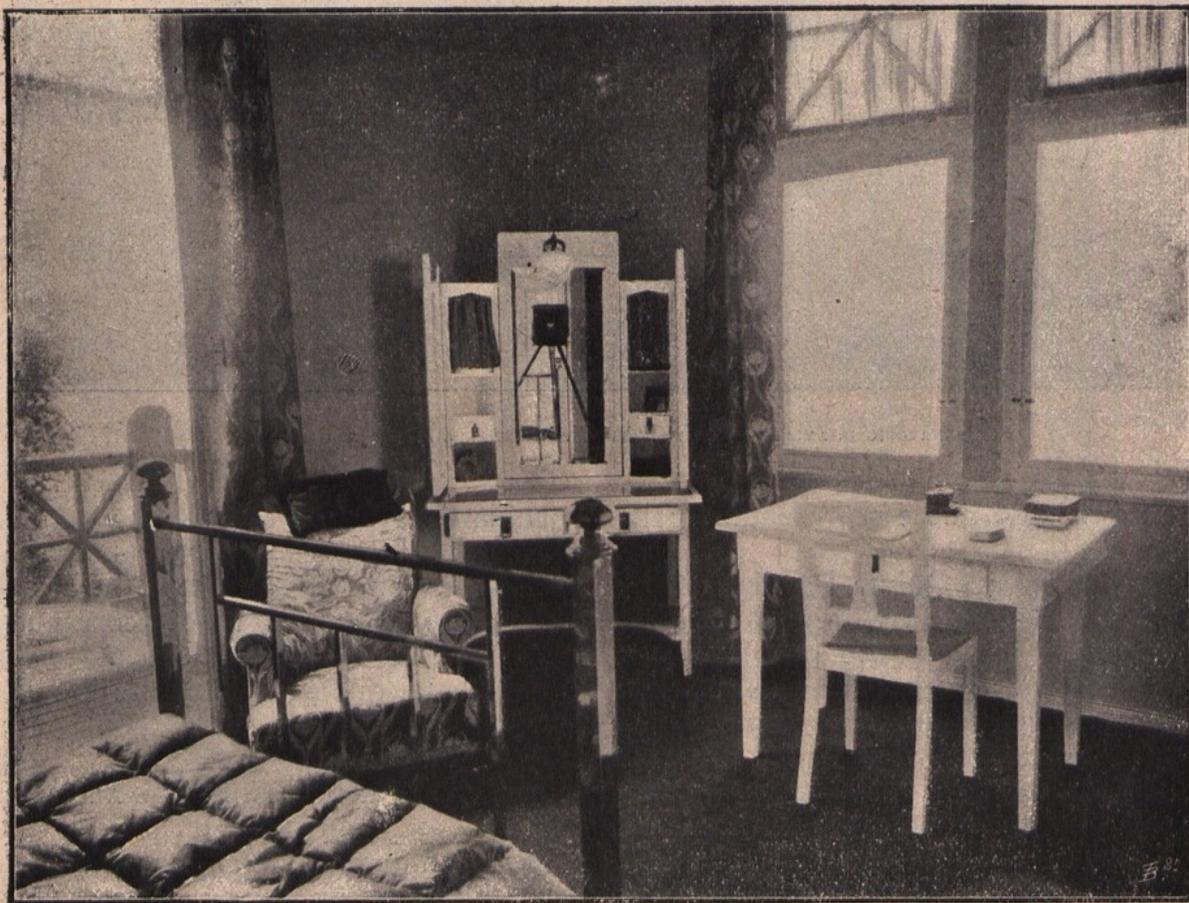
O commercio inglez tambem tem um

jornal, *O Diario de Noticias*, que, pelo fallecimento do Barão do Jardim do Mar, foi adquirido pela casa Blandy, a mais rica e prestigiosa casa ingleza de commercio no Funchal.

É n'este jornal que o elemento inglez, auxiliado pelos seus empregados, todos madeirenses, faz a sua politica local.

Depois de tudo isto, não é difficil encontrar a causa de todos os incidentes havidos e por haver no que diz respeito a sanatorios da Madeira. Luctas de interesses que certamente nunca deixarão de existir, porque entre os elementos inglez e allemão não póde haver *entente* possivel, sobretudo agora que a rivalidade chegou ao estado em que se encontra.

Quando o contracto provisorio foi assignado entre a companhia e o governo portuguez, os concessionarios puzeram a sua obra sob a protecção de Sua Majestade a Rainha, que tem dedicado um grande affecto aos trabalhos



SANATORIO D. AMELIA — UM QUARTO DE DORMIR



SANATORIO D. AMELIA -- QUINTA SANTI'ANNA

d'esta natureza. Sua Majestade, que prometeu o seu auxilio, pediu ao dr. Lencastre para ir á Madeira vêr as condições em que os sanatorios seriam edificados, combinando os medicos allemães com o distincto medico portuguez a escolha dos locais e como instalação transitoria o Kurhaus Sant'Anna; porém, antes de acabada esta obra, uns

exgoto ou infiltrada nas camadas do sub solo.

Quem tem aproveitado estes sobejos é a casa Blandy, nas Fontes — por concessão camararia, fornecendo as barcas de agua, que por sua vez abastecem os vapores e outras embarcações que tocam o porto.

Evidentemente que a ideia da com-

Bianchi

Pavão

Vigia



VISTA PANORAMICA DAS TRÊS: VIGIA, PAVÃO E BIANCHI

comerciantes allemães pensaram fazer no Funchal uma canalisação de agua ramificada pelas habitações. Era uma companhia das aguas que prestava um grande beneficio á cidade, porque esta é fornecida por agua de um certo numero de nascentes e chafarizes. Quem precisa agua tem que mandar buscar em bilhas á fonte. Todas as sobras vão para o mar na canalisação de

panhia das aguas prejudicava a casa Blandy e portanto, entendeu esta pôr toda a sua influencia em campo, para impedir ou pelo menos addiar a realisação d'esta ideia; e apesar dos esforços dos allemães, a ideia parece que abortou e tudo nos leva a crêr que os inglezes venceram. Como esta, outras questões se teem dado, dia a dia, até que a ultima, a da «Quinta Pavão», to-

mou vulto, chegando os allemães a pedir ao seu governo que intervisse sobre a questão provocando o incidente diplomatico que felizmente parece resolvido sem maiores consequencias.

A origem d'este conflicto ultimo foi o requerimento por parte do concessionario para a expropriação da «Quinta Pavão» para ali se construir um estabe-

e arrastada de um pavão que ali nasceu e ali morreu, ficou agora celebre na historia dos sanatorios, augmentando o seu valor pelo interesse que despertou.

Resolvido o incidente, as obras continuam e d'aqui a uns annos esperamos vêr construidos os Sanatorios Marittimos, como agora vemos os estabelecimentos provisorios da Montanha.

lecimento Kurhotel, destinado aos predispostos á tuberculose.

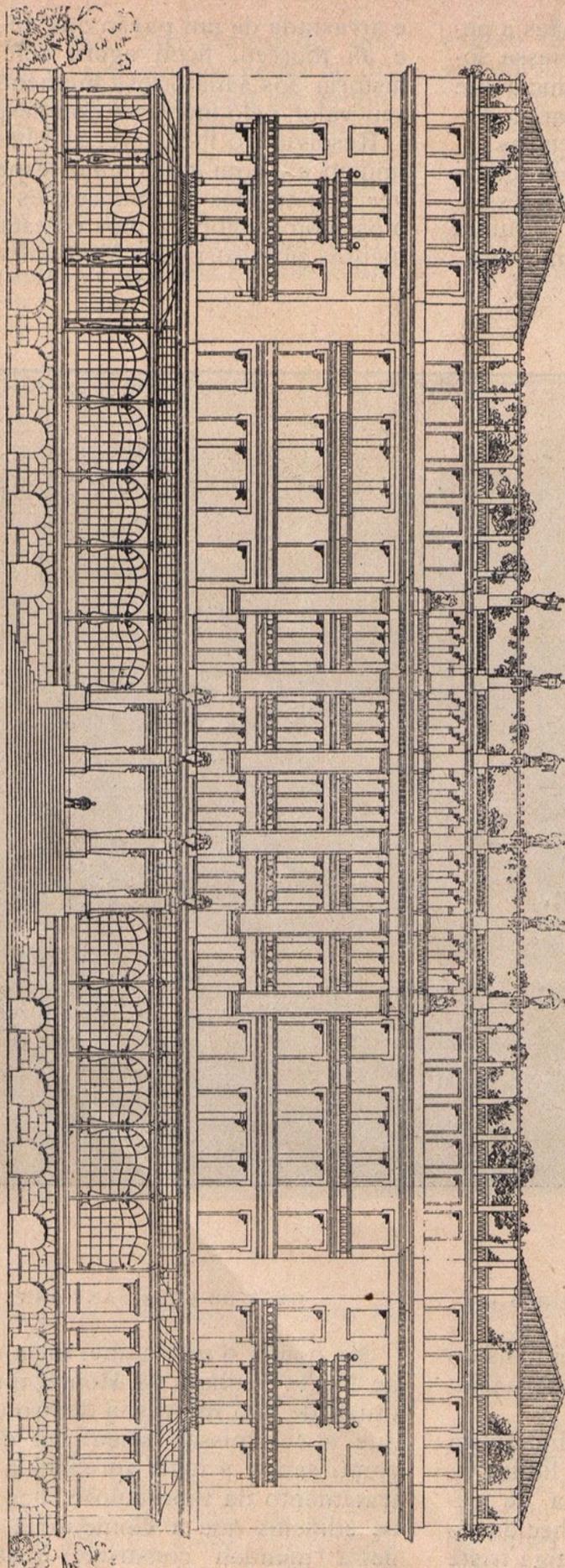
D'ahi o conflicto, que não foi mais do que uma questão de direito internacional privado.

A «Quinta Pavão», com a linda vista de mar, que é uma das mais lindas vivendas da cidade, sombreada de cedros e florida de rosas, conhecida do povo que a baptizou pela cantiga triste

• CASA DE CURA SANT'ANNA

Na quinta d'este nome, meia encosta de Nossa Senhora do Monte, n'uma altitude de 360 metros, a dentro da zona que a commissão scientifica escolheu como sendo a mais apropriada para o tratamento da tuberculose, fica a serie de edificios que a Companhia da Madeira mandou construir, instalações

PROJECTO DE UM KURHOTEL



magnificas, completando-se umas ás outras, as quaes, no seu conjuncto harmonico e elegante, formam o chamado Kurhaus Sant'Anna, servido por um soberbo e bem delineado parque.

A antiga casa de residencia, mandada construir no começo do seculo passado pelo dr. Oliveira, medico d'el-rei D. João VI, foi completamente transformada n'um delicioso Kur-Restaurant, concebido n'um fino gosto, de moderno luxo, com a sua cozinha modelo e os seus confortaveis salões, salas de bilhar, bibliotheca, etc.

Cá fóra, os jardins, com massiços de flôres em mosaico pelos canteiros entufados, estendem se sobre um tapete ondulante de relva arripiada ao sopro da viração.

Que mestria e sabio contraste! Aqui, uma alameda de arvores seculares, austeras, abraçando-se a folhagem n'um tunnel convidativo á meditação, que breve termina n'uma franca e graciosa esplanada, d'onde a vista se espraia pelas vertentes verdejantes e luxuriosas; lá em baixo a cidade apinhada de casaria branca, acavalgada, o porto sereno, envernizado, a reflectir as embarcações, e as rochas da costa, além, pardacentas a fugirem, sumindo-se n'um azul manchado de cinzas.

Depois, o encruzilhado d'um passeio que vaé serpenteando sempre á procura d'uma inclinação suave, de cujos taludes pendem, com frescor, as fron-

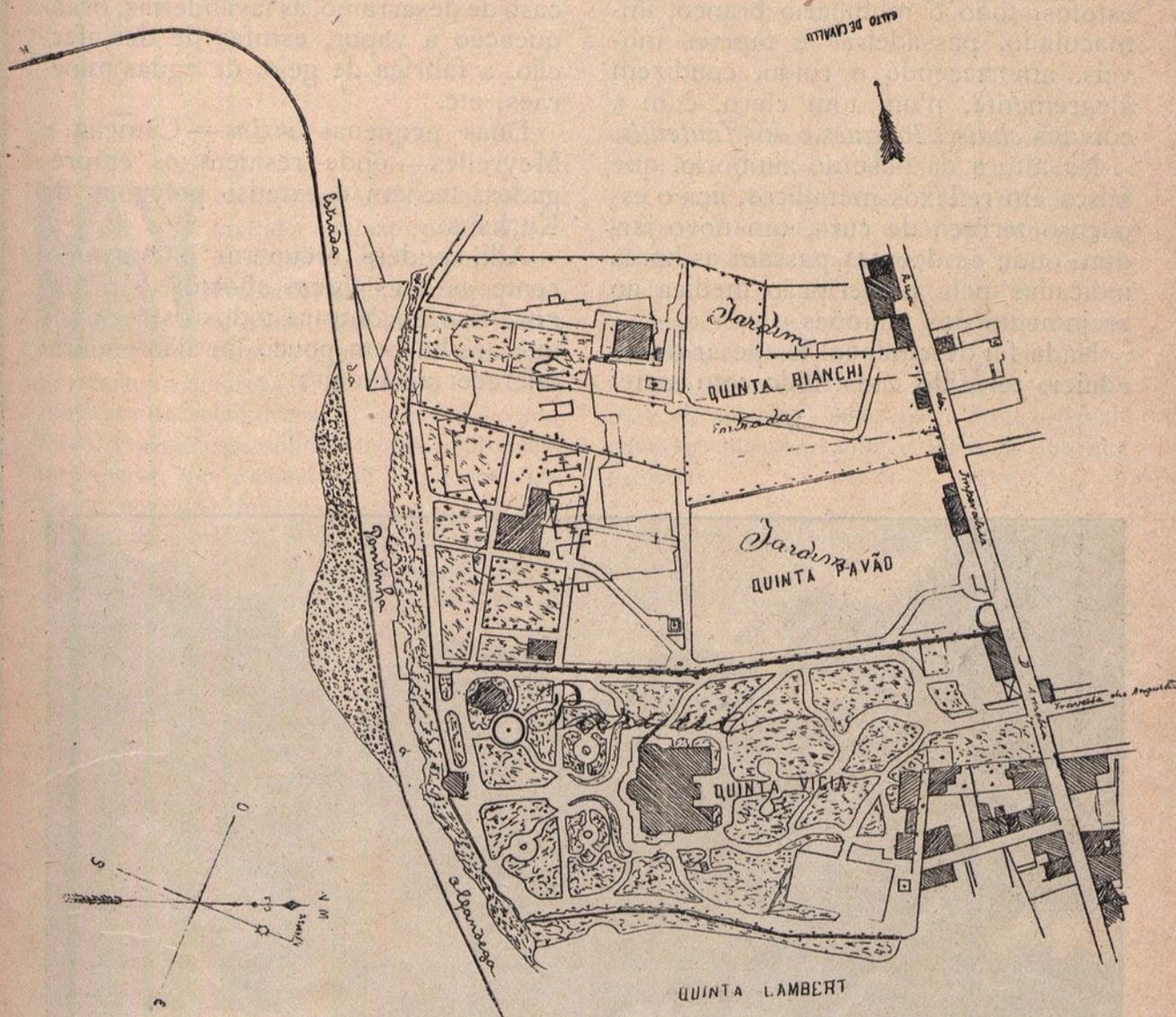
des viçosas dos fetos. N'uma escarpa revestida artificialmente de pedras de basalto lascado, lamellar, os cactus papudos se illudem, julgando vegetar da rocha.

Plantas raras, arbustos exquisitos e de ornamentação, fraternizam contentes de bem tratados, embalsamando o

a hygiene tem inventado com as suas extraordinarias exigencias.

Surgiu este sanatorio como por encanto á vara magica d'uma fada, tal o afan e rapidez com que foi construido por processos completamente novos na Madeira.

Elegante e opulento nos mais peque-



PLANTA GERAL DOS TERRENOS ONDE SE DEVIA CONSTRUIR O KURHOTEL COM SEUS JARDINS E PARQUE

ar n'uma fusão extranha com o aroma sadio dos pinheiras.

SANATORIO D. AMELIA

Todos os passeios vão dar ao novo edificio D. Amelia, modelo requintado de sanatorio, onde não falta a mais sonhada commodidade ao lado de quanto

nos detalhes, é o edificio consagrado aos protegidos da fortuna, e, todavia, foram lá provisoriamente reservados logares para indigentes soffredores de molestias pulmonares.

Alli se acham as installações de banhos turcos, electricos, luminosos, mineraes, tudo magnificamente installado, funcionando sob a direcção d'um

peçoal escolhido e competentemente habilitado.

Aos andares superiores leva um elegante elevador interno, evitando o cansaço da subida por uma vasta escadaria ornada de balaustradas em arte nova.

Os quartos de dormir surpreendem: leitos largos de bronze polido, macios estofos, todo o mobiliário branco, immaculado, passadeiras e tapetes moveis, amortecendo o ruído, condizem alegremente, n'um tom claro, com a côr das *chaises longues* e dos *fauteuils*.

Na altura da base do zimbório, que faísca em reflexos metallicos, fica o espaçoso terraço de cura, um novo jardim, onde os doentes passam as horas indicadas pela prescrição medica no arejamento dos pulmões.

Nada foi descuidado. E apesar d'este edificio ter sido construido com mate-

rial incombustivel, varias bocças de incendio estão promptas a lançar, a um tempo, jorros d'agua sobre pressão.

Os terrenos do Kurhaus abrangem uma area de 60 hectares.

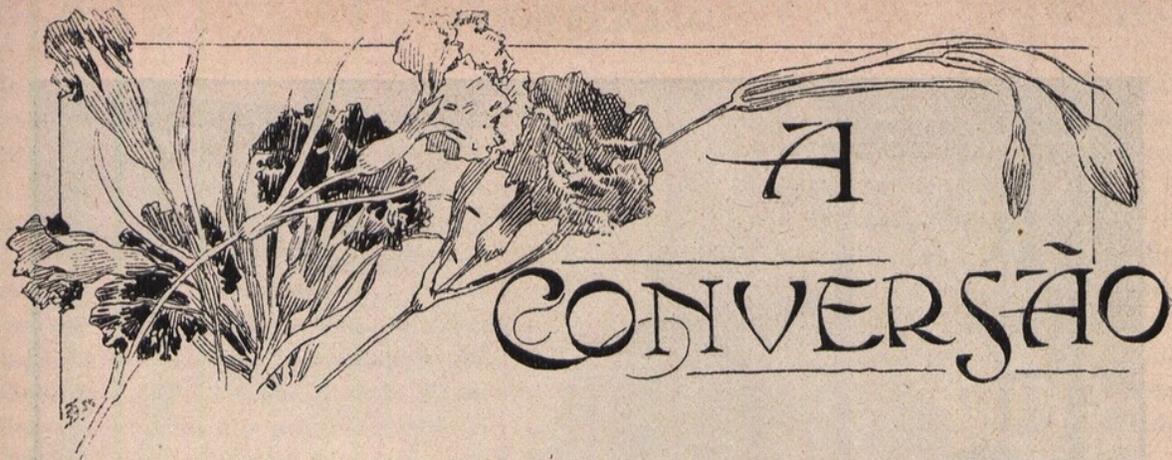
N'um outro edificio ficam: a casa das machinas, geradores da luz electrica com poderosos accumuladores para um caso de desarranjo, as lavanderias, branqueação a vapor, estufas de desinfecção, a fabrica de gelo, de aguas mine- rães, etc.

Duas pequenas *villas* — Camelia e Meyrelles — onde residem os empregados, fecham o extenso polygono do Kurhaus.

Alli, poderá recuperar o convalescente as suas forças abaladas e o *touriste* rico encontrará todos os recursos que até ha bem pouco lhe não poderia offerecer a Madeira.



QUINTA SANT'ANNA — UM ASPECTO DOS JARDINS



I



VIDA sentimental de Julião, hoje lavrador opulento, pae de filhos robustos e gordos, marido afavel e correcto, e outrora poeta elegiaco, sem ser talvez muito rara, original e saliente como psychologia amorosa, é em todo o caso bem interessante como drama e, sobretudo, como farça. Porque esse solido e trigueiro proprietario rural, que eu encontrei ha poucos dias ainda, por uma dourada e evocadora manhã d'outomno e que tão effusivamente me abraçou, tem com effeito na sua existencia episodios comicos e dramaticos. Eu conheci-o n'uma época remota e saudosa para o meu espirito — se a lembro florida das puras rosas da adolescencia, sob ceus esplendidos de fulgor e de luz! Era pallido, lymphatico, trazia longa cabelleira então em moda nos rapazes apenas saidos dos encantos e dos languidos desfallecimentos do romantismo, fazia madri-gaes, lia romances e vivia mergulhado nas inquietações e nos extasis d'uma paixão constante. Os seus versos (que eram banaes, sem vibração e sem riqueza de themas inspiradores) laboriosamente rimados á sombra deleitosa das arvores ou nos suaves silencias do seu desconfortavel quarto de bohemio, alludiam sempre a virgens loiras que passavam, rosadas de pudor sob a alvura das candidas capellas de flôr de lorangeira, na pompa dos cortejos nupciaes, a um sol fulvo, para os templos recolhidos e austeros, ou a noivas tristes que se finavam ao brando cair dos crepusculos, d'olhos postos no ceu. Compôz tambem um poema lancinante, *Precito* (o precito era o meu lamentavel amigo!) que foi celebrado com entusiasmo e ardor, na roda dos esturdios que com elle conviviam. Ahi se

declarava furiosamente, em plena manhã e em plena primavera da vida, viuvo d'affeição, sem fé, sem amor, escorraçado dos homens e escorraçado de Deus, vendo tudo sombrio, errando n'um mundo que não o comprehendia e que era um vasto cemiterio, onde a penumbra das cruces se projectava desoladoramente sobre os tumulos — entre a dôr e o ermo. O precito tinha um gesto que nos pareceu soberbo; pela sua altivez: — suicidava-se, blasphemando e legando aos que ficavam:

«O desprezo, a chimera, o soffrimento!»

Ah! com que sincera, com que espontanea e calorosa admiração nós todos o saudámos na hora inolvidavel em que Julião nos declamou, com gritos, o poemeto glorioso, que era a sua renuncia desdenhosa e amarga a todos os gozos, a todas as seducções e a todos os desenganos do universo! Para celebrarmos o genio lirico e d'um tão negro espiritualismo do nosso camarada, que ousamos comparar a uma luminosa figura do agiologio, organisámos uma ceia tremenda, que ficou celebre na ruidosa chronica da «Taberna Elegante». Comemos como só se come na juventude: houve até um certo prato de pescada com pimentos — n'essa éra amavamos as commoções fortes, mesmo em culinaria! — que pareceu mais bello ao poeta de que os intensos regalos da existencia; e lembro-me que depois do vinho, todos concordaram em que a vida era uma burla, o amor uma fraude, a arte uma futilidade e as religiões uma mentira. Fomos especialmente muito severos para a Philosophia, ali demolida asperamente, n'essa noite memoravel, a murros tumultuosos, sobre o marmore das mezas — tão tumultuosos que accordaram um sombrio cava-



TODOS CONCORDARAM EM QUE A VIDA ERA UMA BURLA

lheiro que dormia com a face congestinada sobre os braços cruzados e que, despertando precisamente no momento em que o auctor do *Precito* berrava com raiva: — «Abaixo Kant!» rugiu: — «Viva a Carta Constitucional!» — e pediu um calice de genebra. Foi sério! Assim ultrajados nas suas convicções e no seu scepticismo, os meus arrebatados companheiros queriam immolar á politica mais uma victima. Accudiu então a patrulha e deu coronhadas nos adversarios da Carta.

Quando saímos para a rua, fazia um luar maravilhoso de translucidez, uma serenata soluçava ao longe, havia idyllios pelos silenciosos balcões: e nós pensavamos que tinhamos alluido, d'um golpe pezado e irremediavel, todos os *systhemas philosophicos* e toda a illusão humana. A mocidade possui d'estas adoraveis e profundas confianças!

II

Julião tinha um tio abba de n'uma repoisada e verde aldeia do Minho, santo velho d'alma ingenua e infantil que ainda agora estou a vêr, terno e sorridente, alporcando os craveiros nos alegretes do seu passal. Que encantadora e immaculada velhice! Os cravos eram a sua unica adoração terrestre: e com que carinho os cuidava, regando-os ao descer das tardes harmoniosas em que os coloridos esmorecem docemente! Nos dias lindos de julho, era uma clara e victoriosa symphonia de tonalidades. Havia-os brancos como neve, amarellos como uma geada de topasios que o frio congelasse, vermelhos como sangue, côr de fogo e côr d'oiro! E entre o esplendor de tanta belleza radiante, dir-se-ia que a candura d'aquelle padre simples se tocava de maior enlevo e de maior unção! Foi n'este placido refugio que Julião se isolou para convalescer da doença d'alma que o devastava. A tensão nervosa, a exaltação vehemente, a intensidade sentimental, as irregularidades d'uma vida desordenada, sem methodo e sem uma occupação d'elevada nobreza moral que a enchesse e lhe dêsse relevo, desequilibraram-n'o e exauriram-n'o de toda a energia e de toda a vontade.

O amor, para elle, era uma visãoenigmatica, incorporea, mysteriosa como as divindades e como ellas intangivel. Nunca o encontrava, por mais que o procurasse. O Viegas, moreno e sensual, costumava dizer que

o auctor do *Precito* andava sempre sordidamente embriagado de poesia; e o Pères, um sceptico intransigente, accrescentava, n'um riso sarcastico e frio:

— De poesia, não! De cognac!

Quando partiu para a quieta residencia abacial, que lhe refez uma tão pura virgindade de espirito, o meu pobre amigo ia mal do corpo e mal do coração, e a derradeira noite que na cidade passei com elle foi tempestuosa e [revolta de coleras. Hallucinado, fumando



COM QUE CARINHO OS CUIDAVA,
REGANDO-OS AO DESCER DAS TARDES!

desabaladamente, percorria o quarto a grandes passos e blasphemava. A aldeia aterrava-o, com a sua quietação, os seus scenarios, a sua paisagem, a sua simplicidade e o seu tedio. Fez e desfez as malas, n'uma hesitação que me consternava; mas, por fim, a emoção, as recordações ineffaveis d'éras gratas, chocaram-n'o e venceram-n'o; e, com uma decisão que eu não lhe conhecia, saccudiu para o pó da rua, em cinzas, tudo o que o prendia ao passado: — flôres seccas, madeixas de cabellos, ardentes cartas de namoro, ganchos, retratos, ligas romanticas, fitas de sêda — e ficou curvado e mudo sobre a janella, d'olhos

fixos na escuridão, como quem espreita a solidão d'um tumulto. Assim morria o idealista! Quando queimou cruelmente a ultima confissão da eterna Elvira, Julião estava pessimista; e o molle aperto de mão que me deu foi, com effeito, o d'um homem que se fizera descrente. Com que tristeza o vi desaparecer, por uma tarde morna de primavera, ao arquejar da machina d'um comboyo que o arrebatava ao meu affecto fraterno!...

Ainda no verão d'esse anno me demorei com elle toda uma semana doce, em casa do tio, o bom abbade d'olhos azues tão fundos e tão absorventes de luz, que toda a alma se espelhava n'elles. E que alma simples! Era, como Jesus, amigo das creancinhas, que lhe puxavam pela batina e lhe estendiam, na innocencia celeste da bocca, castos beijos; como Jesus, fallava aos velhos e aos pobresinhos, que se acolhiam çonfiados á sua protecção. Sempre que o contemplava, parecia-me que por este homem, perdido nos confins remansosos d'uma provincia, entre gente humilde, nunca tinham passado, com o seu fogo impuro, as vãs paixões do mundo hostile. Jámais olvidarei as suas longas praticas nas noites solitarias, ao chá, na residencia tranquillada. Por toda a parte, jarras de faiança com flôres; a sala de jantar tinha tecto de maceira, e nos frisos, que corriam ao longo das paredes, as maçãs camoezas amadureciam e perfumavam; e, deante d'um oratorio onde um Christo macilento agonizava na cruz, havia sempre cravos rajados, orvalhadas rosas exhalando aromas adocicados, e ardiavam velas votivas. A voz do padre era austera e vibrante, mas d'um tom persuasivo e brando que amollecia todas as resistencias e convencia.

Discutiamos, n'um d'estes vagarosos serões, a felicidade. Julião, cada vez mais desinteressado da vida, negava com irritação e teimosia; eu duvidava tambem: e só o santo sacerdote, olhando o sobrinho com dolorosa ternura, affirmava convictamente, como se nos seus sessenta serenos annos enflorassem miraculosamente os chimericos vergeis da ventura. Fóra, no largo campo de linhas indecisas que a lua cheia illuminava, tudo era quietação; pela janella aberta, entrava liricamente um ramo de madresilva cheirosa: e o abbade, com um rubor extranho na face, e de mão tremula no ár, exclamava:

— Como os rapazes de hoje são fracos! A felicidade, meus filhos, existe! Mas, para de-

sencantal-a no seu sagrado templo, é preciso que nas almas nunca se apague a etherea claridade da fé! E vocês, aos vinte annos, começam por eliminar essa fé transcendente e redemptora, como se ella fosse uma vergonha social!

— Abstrações! — rosou Julião com rancor.

— Realidades! — atalhou o padre vivamente.

— As portas d'ouro do Palacio lendario, já hoje se não abrem triumphantemente aos peregrinos! — disse eu.

— Elles cançam a meio de jornada, meu amigo! No meu tempo!...

Adivinhei um drama sob a escuridão d'essa batina preta, e pareceu-me que uma onda de sangue corava a face enrugada e branca do sacerdote. Teria elle amado? Bateria ainda, da saudade de uma lembrança profana, aquelle coração fechado ás tentações da carne? Fitei-o com curiosidade devoradora, mas o abbade comprehendeu certamente a impaciencia do meu irreflectido movimento, e curvou-se a aspirar o aroma d'um cravo opulento que vicejava n'um claro vaso de crystal.

Quando deixei a pacifica abbadia, julguei Julião inteiramente perdido.

III

Oh! a surpresa indizível, que ainda tenho no coração como um cantico de juventude e de renascimento! N'essa preciosa manhã estava eu n'um café melancholico, ouvindo bater as pedras do dominó sobre a mesa e lendo, para exacerbar o meu aborrecimento mortal, o artigo de fundo violento d'um jornal da opposição, que insultava o governo. E de repente sinto, com sobresalto, cair rijamente sobre o meu hombro exangue uma poderosa mão musculosa e dextra. Ia já para responder com uma brutalidade bem portugueza, quando encarei um rosto brunido e respirando saude, que um riso affavel e bom allumiava.

— Oh! Julião! — berrei, levantando-me.

Os braços do meu amigo apoderaram-se do meu corpo exausto e magro apertando-o n'um abraço tão formidavel, que espavoriu os somnolentos e bocejantes moços do bottequim.

— Pois és tu?

— Sou eu, com effeito!

O que o campo, o que a quietude virgiliana e rustica tinham feito d'esse rapaz effeminado e pallido, a quem nós chamava-

mos outr'ora «Monsieur Zephiro»! Todo elle resplandecia de contentamento, de alegria de viver, de satisfação! Engordára soberbamente, o seu peito era amplo, a sua face queimada e, por debaixo das mangas do casaco, havia estriados, elasticos musculos.

— Mas é uma resurreição!

— Sim, amigo! Levantei-me do tumulo! Mas vê: — sou contemporaneo e tenho appetite ao almoço, um appetite grosseiro que a tua sensibilidade desculpará a um cavador serrano!

E de braço dado, n'uma conversa interminavel e saborosa, dirigimo-nos ao primeiro restaurante que encontramos. Ahi soube, entre um *beef* nutriente e a sobremeza, toda a historia moderna de Julião. Casára havia annos, quando no passal do tio abbade desabrochavam os primeiros cravos, com uma creatura meiga que o seu

coração amou, e para distrahir a sua ociosidade — fizera-se lavrador.

— Tu casado, meu propagandista feroz de celibato!

— E' verdade! Casado e satisfeito! — exclamou Julião com a larga fronte toda envolvida de claridade e de riso!

Viéra á cidade comprar, precisamente, machinas agricolas para aperfeiçoar a cultura das terras, que era primitiva na sua aldeia. Tinha grandes e novas plantações de bacellos, onde amadurecia, em setembro, um vi-

nho mais leve e grato do que o que os poetas suavemente cantaram, tinha campos d'oliveiras, quintas a milho e trigo, pomares de fructa, lameiros para a pastagem das manadas, adegas, celleiros, tulhas e uma vivenda tranquilla, entre castanheiros, na quebrada d'um valle, onde era ineffavel passar os dias de descanso, ouvindo a cantilena bucolica das aguas que reverdeciam constantemente as terras alfombras, e aspirando o cheiro picante e cáldo

das roseiras de trepar, que subiam pelas paredes e se despenhavam em festões e em grinaldas em flôr. E, sobretudo, possuia uma fé arreigada, luminosa, transfiguradora, na existencia — que outrora lhe parecera a mais dura das condemnações e que hoje era o seu maior gozo! O seu lar era confortavel e quieto, a mulher que seduzira a sua alma, a mais docil e a mais intelligente das mulhe-

res, a fragilidade e a graça, a candura, o amor!

— Que linda novella, Julião!

— Que incomparavel certeza e que perfeita verdade, amigo!

E como o seu riso era consolador e facil!

A sua vida — antigamente tão atormentada! — deslisava agora placida, egual, sem asperezas nem soffrimentos. De manhã, sobre o dorso d'um pôtro, de cajado traçado sob a perna, galopava pelos caminhos, envolvido na caricia do ar refrigerante e no fio



— COMO OS RAPAZES DE HOJE SÃO FRACOS!



CASARA HAVIA ANNOS...

lhia com affecto e a alegria infinita dos filhos, que lhê offereciam, na candidez da sua bocca, beijos amovaveis!

— E nunca sentiste a necessidade de vêr homens?!...

— Nunca. Bem sei que o homem, na opinião do philosopho, é o mais forte e sensacional espectáculo para o homem; mas eu prefiro idealisal-o á sombra dos meus limoeiros ou das minhas ramadas, contemplal-o

dourado da luz, e ia vigiar os trabalhos; e a o meio dia, quando regres-sava, sempre á porta da sua habitação en-contrava um peito que o aco-

de longe, sem que tenha de roçar-me por elle. Como a vida, entre a ventura e a adora-ção, purifica e inspira!

Dilecto Julião! Optimista, proprietario abas-tado, um vigor esplendido, sangue rico de seivas, e, mais que tudo, crente, jocundo e amado!

— Ah! Precito! — exclamei, quando elle accendia o charuto e soprava com delicia o fumo á brisa.

— Asneiras de mocidade! Acreditas que apenas comecei a robustecer, quando perdi a faculdade de rimar tolices?

— Pois já nem fazes versos, Julião?

— Nem já faço versos, meu caro. E creio que a poesia e a dispepsia são as duas enfermidades mais anniquiladoras da huma-nidade! Pade-ci cruelmente d'ambas, mas sarei!

Antes de volver ao seu paraizo, Julião fez-me prometter que eu iria passar a sua casa umas tranquillias férias; e eu, certamente, vou, porque me dizem que a felicidade é con-tagiosa...

JOÃO GRAVE.

Concurso photographico dos «Serões» — Menção honrosa



PONTE SOBRE O DÃO

Photographia do sr. Eurico da Silva Balthazar Brito

Aspectos da capital



O CHIADO PELOS MEIADOS DO SECULO XIX

O Chiado

CHAMA-SE, oficialmente, agora: *Rua Garrett*.

É assim que o tratam em escripturas sollemnes, registo de arrendamentos, diante de testemunhas e reconhecimentos de notarios.

No uso vulgar, porém, elle continúa a ser simplesmente, o Chiado; um nome facil, rapido, bom para telegramma, que não arruina ninguém, se lá de fóra, do estrangeiro, quer mandar saudades á familia, pelo telegrapho terrestre ou submarino.

Ha nomes de ruas em Lisboa que desequilibram as finanças a qualquer, que não tenha previsto, no seu orçamento, a possibilidade de ter de recorrer á telegraphia electrica, além da fronteira, para dizer aos da casa que chegou ou partiu, está são ou doente.

Chiado!

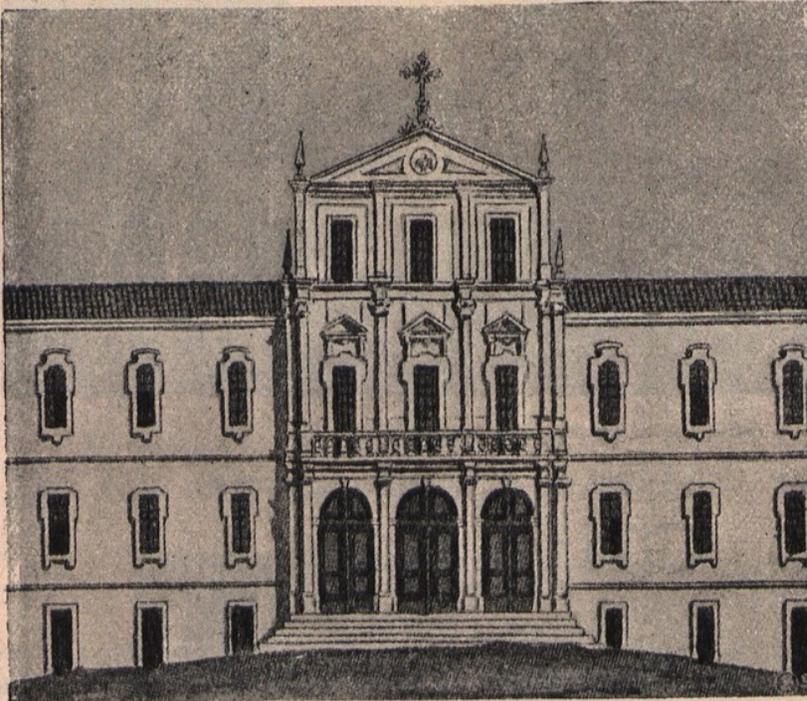
Não ha nada de mais economico nem de mais modesto. O contrario de muitos outros

arruamentos, que nos fazem rir com as suas séries de nomes, prenomes e appellidos, ou com os seus atavios ridiculos e pomposos de cartas de conselho.

Os municipios teem algumas horas da vida em que suas arduas tarefas acabam por completo, e, em vez de seguirem velhos preceitos que determinam aos que não teem que fazer... fazer colheres, entreteem-se com as ruas da capital, substituindo nomes antigos, apagando alguns que todos sabiam de quem eram ou o que significavam, por outros que todos desconhecem e não decifram; fazendo promoções de beccos a travessas e de travessas a ruas, como em qualquer quadro burocratico de repartição do estado; fabricando apotheosesinhas a individuos, de quem as chronicas não rezam o mais pequeno feito; estabelecendo, emfim, grandes baralhas no nosso espirito, como se tivéssemos a resolver algum complicado logogripho.

A este capricho de ideias e de evoluções não poderam fugir essas seis letras — Chiado — a que nós havíamos habituado os labios e os ouvidos, apesar de terem a sua origem em cousa de pouca monta, ao que parece.

Até hoje outra origem não lhe encontraram os que rebuscam nos archivos e cousas velhas, senão de que a ladeira era fallada pelo movimento de pezados carros, que por ali passavam e chiavam desalmadamente, o que seria muito pittoresco, mas que a capital foi pondo, por incommodo e monotono, para fóra de portas e estradas de provincia.



O CONVENTO DO ESPÍRITO SANTO

No local onde mais tarde foi a casa do Manoel José dos Contos, depois palacio Barcellinhos, depois palacio Ouguella, e onde actualmente estão installados os Grandes Armazens do Chiado.

Muita gente suppõe que a denominação da calçada provém de alli ter vivido e morrido no seculo xvi um poeta popular, quando é certo, no dizer dos eruditos, que o vate celebrado por seus improvisos e jocosidades, de nome Antonio Ribeiro, é que, por habitar uma das moradias do sitio, recebeu do publico a alcunha de *O Chiado*, com que passou vida galhofeira e foi assignalado na chronica dos tempos.

Actualmente, se não se vê um poeta, por muito popular e bemquisto que seja, baptisado com o nome da rua onde móra, não é difficil encontrar, entretanto, na secção das

nobiliarchias geradas no ministerio do reino, publicadas na folha official, varios titulos de barões e de viscondes do arruamento em que vivem, á falta de melhores grandezas.

*
* * *

O Chiado adquiriu, de ha muito, fóros de elegancia e de bom tom, que ainda hoje conserva, apesar de todos os progressos e transformações porque tem passado a capital.

Abrem-se, por ahi fóra, novos bairros, rasgam-se largas avenidas, cortam-se parques e *squares*, levantam-se palacios, arrazam-se casebres, corrigem-se e alindam-se, por toda a parte, praças e ruas; quem não venha a Lisboa ha trinta annos quasi a não conhece se volta a visital-a, tanta cousa lhe falta e tanto de novo ella adquiriu; e, comtudo, o Chiado vae resistindo, luctando, mantendo a mesma linha, senhor do mesmo reclamo, com as mesmas pretensões fidalgas e os mesmos requintes de coquetismo.

Pódem querer amesquinhal-o, comparal-o a um arruamento vulgar, em vista dos seus gallegos ás esquinas e dos seus magotes de pobres a abusarem da caridade dos afortunados; podem atravancal-o com os carros electricos, apesar das suas curvas apertadas e

dos seus passeios mesquinhos, onde os peões se acotovellam em tardes de concorrência; podem tudo tentar que lhes aprouver e apeteecer para o perderem, para o aniquilarem; o Chiado será sempre... o Chiado.

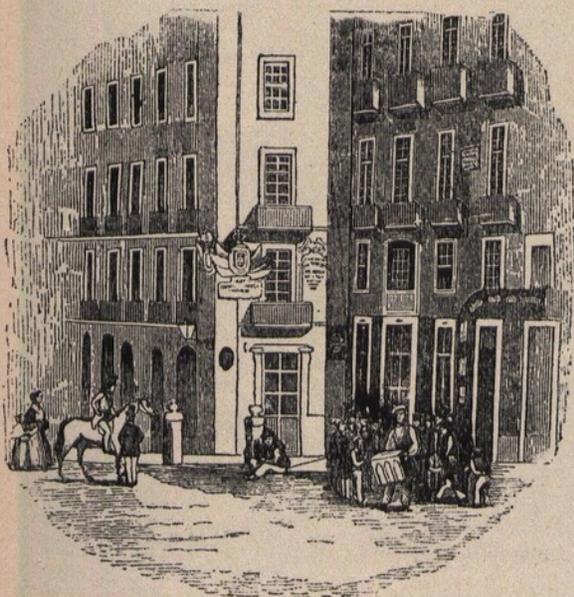
Nenhum outro ponto da cidade tem, normalmente, aspecto mais festivo, nem sonha conquistar sympathias tão profundas á nossa sociedade. É como que a nossa *Regent's street* ou a nossa *rue de la Paix*, ambas tão apregoadas pelos seus armazens de luxo e os seus elegantes frequentadores.

Tudo alli se tem ido transformando desde que o azeite foi substituido pelo gaz e este

começou a lutar com a electricidade. O camartello da civilisação, como vulgarmente se diz, tem ido demolindo lojas rachiticas, pequeninas baiúcas de capellistas, tabernas e hervanarios, que por alli viviam ao lado de outras, que já tinham nomeada e onde se davam *rendez-vous* bellas heroínas da moda e fallados homens do *sport*.

Alli assentaram seus arraiaes muitas das primeiras costureiras, que vieram de paizes estrangeiros com as suas bagagens de sedas e de rendas, para attrahirem ricas clientelas e imprimir-lhes donaires e graciosidades de salões aristocraticos. Alli fizeram época a Marsoó, a Levaillant, a Elisa, a Marie, a Aline e outras muitas que foram desaparecendo como os seus manequins predilectos.

Ainda hoje é fallado, como uma recordação historica, o Marrare do polimento, um café da moda, onde se reunia o janotismo decantado pelas suas proezas e aventuras, conquistadores famosos de beldades em evidencia; duellistas e brigões, que expunham facilmente o peito a uma estocada em defeza da sua dama; prosadores, poetas e politicos da época, uns que iam alli muitas vezes ensaiar os seus discursos, com que, no dia seguinte, derrubariam os governos, outros que iam escrever missivas e madrigaes, poemas de fogó com que pretendiam incendiar os corações das deusas que passavam e lhes sorriam do fundo das suas seges e traquitanas,



O ANTIGO ARMAZEM DE MARIE, LEVAILLANT POR 1852

Distingue-se pelo tropheu junto da janella

lindas figurinhas das comedias de amor dos salões de Farrobo, valsistas e cantoras festejadas das assembleias e clubs frequentados pela alta.



O MARRARE DO POLIMENTO

Pelos meados do seculo XIX

Cá fóra, no passeio, alguns punham cadeiras para gozarem mais á sua vontade, e, commodamente reclinados com seus dandysmos e requebros, melhor verem

*Quantas mulheres tão bellas
Ebrias de amor e desejos*

por alli passavam felizes, enamoradas d'elles, porque elles eram os leões do tempo, e o reclame de que disfructavam era como que um aperitivo para o crime... de amor.

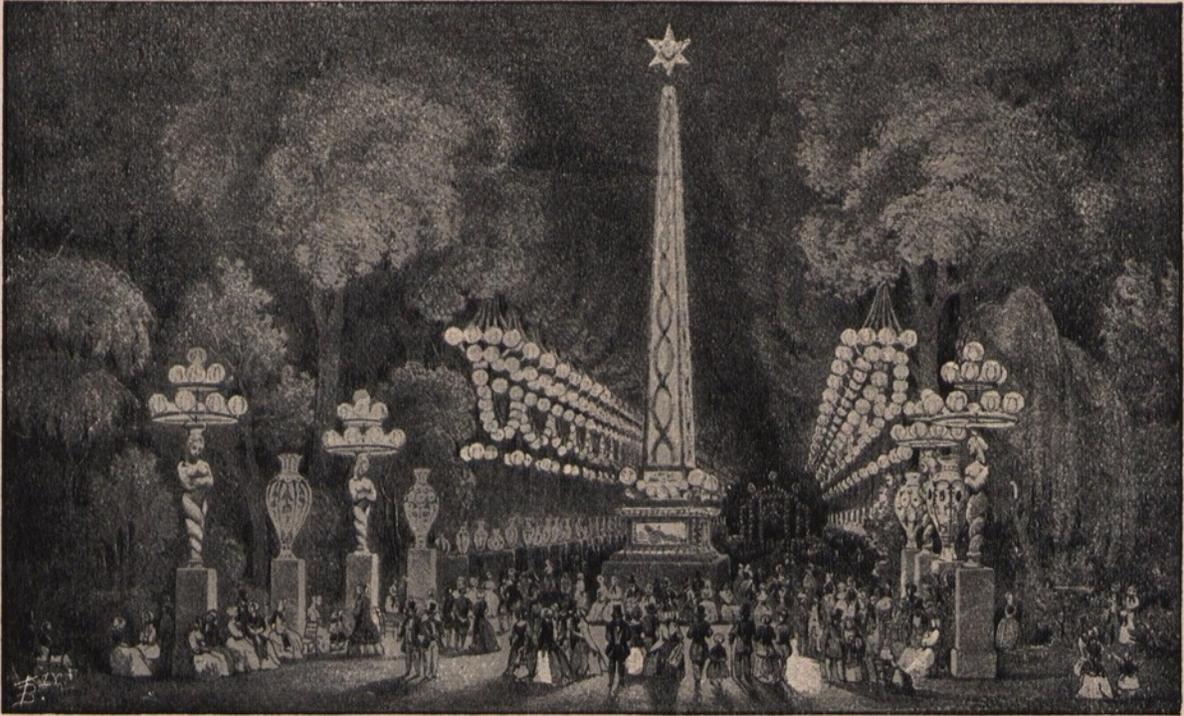
Era moda, no verão, irem alli as senhoras tomar neve.

Os sorvetes tinham alguma fama, mas não era, positivamente, esta a causa da concorrência. Ia-se alli porque se tinha a certeza de encontrar fulano ou beltrano, porque era chic relatar, no programma executado durante o dia, um quarto de hora no Marrare entre um sorvete bem gelado e o olhar bem ardente d'um admirador entusiasta.

Mais adiante havia o Toscano, um outro café, que tambem era fallado e tinha clientela vária, mas que não deixou, ao que parece, tantas recordações como o seu visinho.

*
* *

Quando o Marrare do polimento desapareceu, surgiu immediatamente o Café Cen-



O PASSEIO PUBLICO EM NOITE DE ILLUMINAÇÃO EM 1851

tral, que vinha como que gritando: *le roi est mort, vive le roi!*

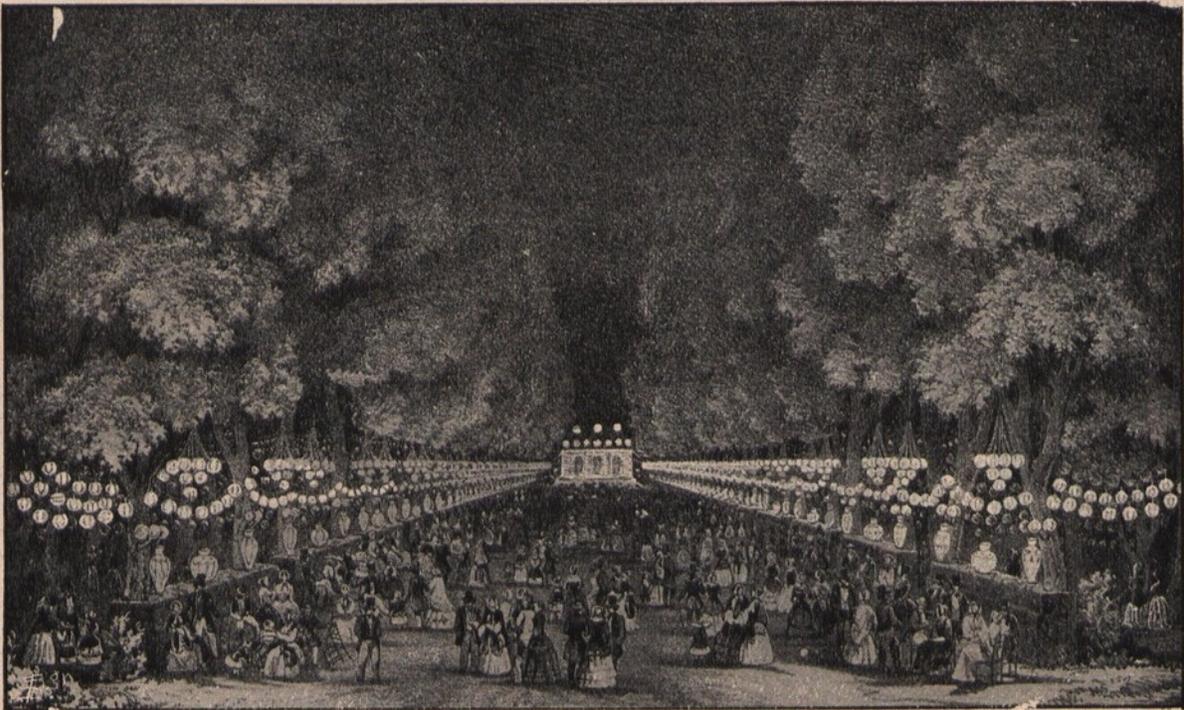
A linha, porém, era bem differente da do seu antecessor.

Isso não quer dizer que na historia roma-

nesca e cavalheirosa do Chiado, não deixasse igualmente nome celebrado.

Não era um centro de letras, de politica, de janotismos.

O que alli predominava era o toureiro, o



OUTRO ASPECTO DO PASSEIO PUBLICO EM NOITE DE ILLUMINAÇÃO EM 1851

Segundo lithographias do tempo

tooureiro amator, o toureiro fidalgo. D'alli e do seu visinho, um pequenino estanco, do Nunes, especie de annexo do famoso café, partiram os grandes planos e programas de touradas que ficaram assignalados; tardes festivas de que hoje ainda fallam com orgulho os poucos que restam d'esses brilhantes torneios, onde havia arte e coragem, galhardia e dextreza, que emocionavam a praça inteira.

A bravura que caracterisava os *habitués* do Central, rapazes de bons musculos e desembaraçados que não se temiam de rixas e desafios, fez escola, que, como tudo da vida, teve os seus exageros e peccados.

D'alli nasceu o Marialva, brigão audacioso mas provocante, que, apenas pelo luxo de ser fallado, sem causa a justificar-lhe o acto, armava horrivel contenda, onde o *box* e a *canna da India* eram, por vezes, valiosos auxilios de triumpho; batia e levava com a maior frescata, antegozando uma notoriedade de valente e destemido, o prazer infinito de ser cotado entre os verdadeiros bravos, que, da sua bravura, só davam provas em casos de brio e honra.

Cabeça rachada ou braço partido eram

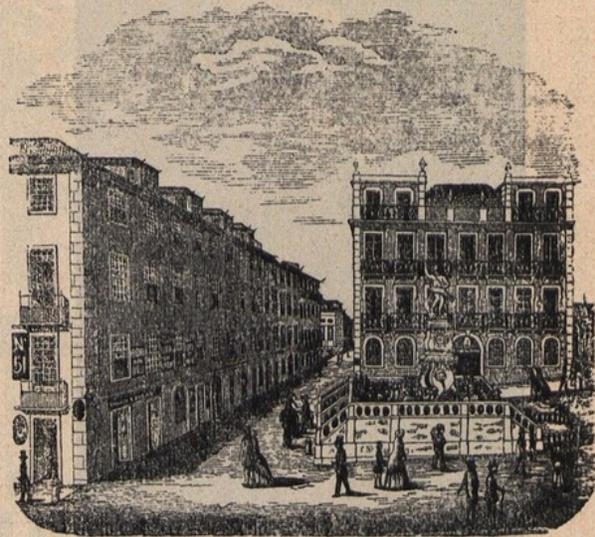


MADAME STOLTZ, NA «FAVORITA»

Lithographia do tempo

sympathicos titulos de orgulho para futuros reptos.

O Marialva era, em geral, delgado, ossudo, o rosto macilento pelas noites perdidas



LARGO E CHAFARIZ DO LORETO COM O CELEBRE NEPTUNO

Em meados do seculo XIX

á meza do jogo, nas ceias dos restaurants, nas alcôvas perfumadas do *demi-monde*.

Não o attraíam os salões, a conquista de preciosas que córavam por um nada de amor; horrorisava-o o galanteio, o *flirt* entre valsas e *cotillons*, a phrase delicada e madrigalesca escutada atravez d'um leque de rendas d'Alençon. Seduzia-se antes com a vida irrequieta e alterosa das mulheres faceis, que vinham, de mão em mão, até se lhe aproximarem, gastas, cançadas, materilisadas, e tinham, como divisa, viver e gozar.

Trajava pittorescamente o Marialva: a calça esguia, apertada pela perna, um pouco larga sobre a bota, chapéu alto de aba direita, que as modas inglezas ou francezas já-mais conseguíam transformar; outras vezes o serrano e o varino tinham primazias e encantos indiscutíveis; o calçado era quasi sempre de salto de prateleira, onde a espora de correia telintava caindo desdenhosa.

A espera de touros era o seu divertimento favorito.

E quanto mais brilhante e mais arriscada, alli, á cabeça do gado, que se tresmalhava de quando em quando, correndo montes, valles, passando as barreiras, vindo passear até as portas do Passeio Publico ou até ás esquinas do Rocio, derrubando ou furando



A CELEBRE CANTORA ALBONI

qualquer besta ou individuo que encontrasse no caminho, maior alegria e entusiasmo a festa despertava.

E este nome de Marialva, que na historia patria figura em brilhantes epopeias, ia sendo apelintrado pelo publico, que o applicava, indistinctamente, a todos aquelles que se manifestavam na provocação de justas reles, de uma triste heroicidade.

*
* * *

O Chiado e o seu visinho o theatro de S. Carlos deram-se sempre á maravilha.

As physionomias mais conhecidas n'este foram sempre conhecidas n'aquelle.

Ás tardes, pelas esquinas do arruamento, notaram-se, em todo o tempo, os que a nossa Opera considera como a sua plateia *d'élite*, discutindo os triumphos e *fiascos* de empresarios e de cantores. Ahi se combinaram essas noites memoraveis da Bocabadati e da Barili que fizeram as delicias dos nossos avós, da Stoltz e da Novello, da Alboni e da Castellan, e de outras muitas que, em successiv. s épocas, tiveram fervorosos enthu-siastas e terriveis adversarios, Rey-Balla, Fricci, Sass, Pasqua e De-Reszké, em honra das quaes se organisavam cortejos vistosos,

com carros de gala, estribeiros fidalgos, fan-farras, fogos de bengala, vivorio e taças de champagne, que muitas vezes punham em risco as caras dos que não adheriam e antes protestavam.

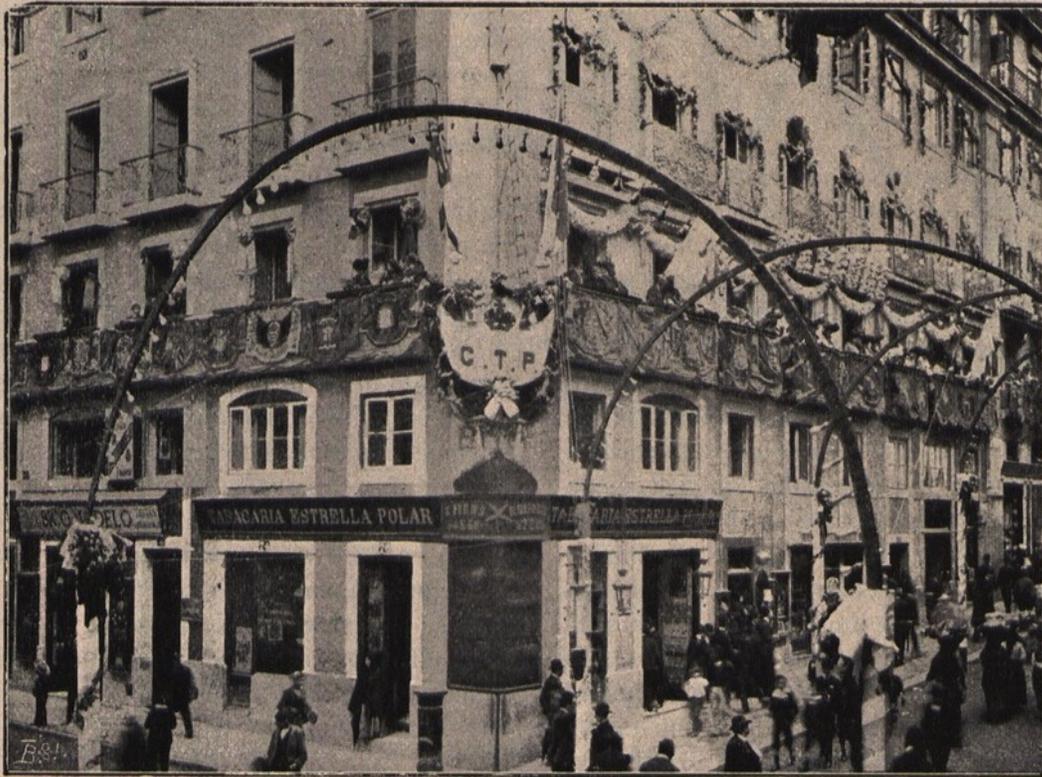
N'esse tempo o theatro de S. Carlos não era apenas frequentado pelo snobismo frio e *poseur*; tomava-se calor, havia batalhas, havia aventuras. Por isso a velha guarda, esse corpo de veteranos, que se vae extinguindo pouco a pouco, olha com desprezo os tempos que vão correndo e grita a cada momento: já não ha rapazes! já não ha cantores! e cita, com uma certa gulodice e saudade, os dós de peito do Mongini e a elegancia de corpo e frescura de voz da Volpini.

O Chiado tomou sempre parte n'estas festas de honra de cantoras, que, depois da diva se recolher a valle de lençoes, se terminavam nas ceias do Matta, esse Vatel portuguez, que andou sempre contornando o arruamento, de que nos occupamos, com os seus famosos restaurants da rua do Alecrim, rua do Carmo e rua do Outeiro, nos salões dos quaes elle viu desfilar algumas gerações, a gente da moda, alegre e gastadora, que, mais tarde, passou para o Silva (Restaurant-Club), onde viveu largas noites e viu romper muitas madrugadas.

Era o proprio Matta que cosinhava os finos jantares e deliciosas ceias de noivados, tanto da mão direita como da mão esquerda, por-



O FAMOSO TENOR MONGINI



O TURF-CLUB ORNAMENTADO POR OCCASIÃO DA VISITA DO REI DE INGLATERRA EDUARDO VII

que uns e outros a elle recorriam, certos de que ninguem como o Matta sabia observar a *Physiologia do paladar*, descripta por Brillat-Savarin.

E, entretanto, este cosinheiro famoso, que Lucullo não desprezaria, depois de preparar tantos festins, o que saboreava com verdadeiro prazer era uma posta de bacalhau em qualquer humilde taberna.

O Baldanza, que ainda hoje existe e deve o seu nome á frequencia que lhe dava um cantor amigo da nossa viticultura e dos bons petiscos nacionaes, tambem mereceu clientela escolhida e afamada de entre os *dilettanti* de S. Carlos.

D'alli saía o *piteireiro fino*, como diz Julio Machado na sua *Lisboa na rua*.

O Chiado teve por um momento o seu jornal. Já lá vão quasi trinta annos. Intitulava-se *Gazeta do Chiado*.

Era feito n'um gabinete do Restaurant-Club, onde nos reuniamos todas as noites em alegres ceias. O jornal era humoristico e brincahão, mas feito *à la diable*, incorrendo cada numero em multa por falta de habilitação... que custava muito caro para as magras bolsas dos proprietarios da folha. Vendiam-se perto de dois mil exemplares, o que

era um successo enorme, mas morreu ao undecimo numero.

Cantava n'esse tempo, no Principe Real, a Preciozi, uma cantora de opereta de olhos de fogo, que fazia a cabeça doida á rapaziada de Lisboa, e dava a moda no Chiado o Jeronymo Collaço (Condeixa). Vinha de quando em quando de Paris disfructar a Parvonia, impingindo-lhe *toilettes* mirabolantes, que elle não se atrevera a vestir nos *boulevards*, como sendo o ultimo figurino, e que os *gommosos*, como então se chamavam os janotas, que Ramalho denominou *estoiradinhos*, copiavam ás cegas.

Foi um celebre do Chiado esse Jeronymo Collaço, mão de redea notavel e notavel esgrimista, apreciado nos Clubs de Paris mais requintados, que no seu palacio da rua da Horta Secca tinha o capricho de dormir n'um quarto armado em camara ardente, só para fazer desesperar o indigena que d'elle se occupava nas mais pequeninas cousas. Todo o seu amor era por Paris e tão grande era esse amor que, sentindo-se aqui gravemente enfermo e percebendo que morria, quiz que o levassem para lá e lá foi morrer d'ali a dias, ouvindo nos ultimos momentos todo esse ruido da vida parisiense, que, sob o balcão da sua

garçonnière, passava como que cantando em festa as suas melhores canções.

*
* * *

Os tempos tem ido mudando tudo; o Mar-rare, o Matta, o Central, o Silva, de ha muito passaram á historia com os seus heroes; o Catarro, o Keil, o Stauss, que faziam a moda masculina, foram sendo substituidos; o God-froy começou a ter concorrentes varios; as luvas do Baron deixaram de ser melhores do que as outras, que a industria nacional ia fabricando; espalharam-se por toda a parte modistas, costureiras reclamadas em secções de *high-life*; por toda a parte se abriram armazens com as primeiras novidades de Paris; mas o Chiado ficou sempre, como dizemos no começo d'este artigo, aureolado de sua tradição, mantendo ainda reputações de sport, não se dando por vencido pelas avenidas que se cortavam por essa Lisboa, depois que o Pas-

seio Publico foi arrazado, sepultando no esquecimento seus festivaes e amores, noites alegres do velho Price.

Quem quizer conhecer a Lisboa elegante, que se diverte, que anda fallada nos theatros e nos bailes, a que viaja, vae a Paris e ás aguas estrangeiras, que tem dinheiro, emfim, vá pelo Chiado em tarde de Carnaval, de Pro-cissão de Passos, de alguma festa em honra de reinante que nos visita.

Os primeiros andares sobretudo, disputados com todo o fervor e entusiasmo, offercem-nos n'essas solemnidades, nas suas janellas, o aspecto de recitas de gala com toda a Lisboa galante nos camarotes.

Aquelle que não a conhecer, fica-a conhecendo, e facil será ouvir da bocca dos que passeiam cá em baixo, cortejando as mais bellas, a historia de cada uma, as virtudes d'aquellas, os ridiculos d'estas, como se perfumam, como ellas amam, como resistem e... como capitulam.

CARLOS DE MOURA CABRAL.



O LARGO DAS DUAS EGREJAS, NA ACTUALIDADE



NOTA DO ORIGINAL INGLEZ

Aos leitores do presente romance interessa porventura saber que o autor crê ser elle baseiado n'um facto verdadeiro.

Consta que ha cousa de vinte e cinco ou trinta annos um negociante aventureiro, tendo ouvido a alguns indigenas do territorio para o interior de Quilimane a lenda de um grande thesouro enterrado por volta do seculo xvi por um grupo de portuguezes que depois foram trucidados, para descobrir esse thesouro recorreu por fim ás operações mesmeristas ou hypnoticas. Segundo se conta, a creança que se sujeitou á experiencia revelou, no estado hypnotico, as aventuras e a morte dos desgraçados portuguezes de ambos os sexos, dois dos quaes se precipitaram do cimo de um elevado rochedo no Zambeze. Comquanto não soubesse lingua alguma a não ser o inglez patrio, essa creança vidente diz-se que repetiu em portuguez as orações que os infelizes ergueram ao ceu, e até cantou os hymnos que elles entoaram. Além d'isso, com muitos outros pormenores, ella descreveu a fórma por que se enterrou o grande thesouro e a sua situação exacta, com tanta precisão que o branco e o hypnotisador conseguiram escrever e encontrar o sitio «onde elle estivera» — porque os sacos tinham desaparecido, varridos pelas cheias do rio.

Ainda restavam comtudo algumas moedas de ouro, uma das quaes era um ducado de Aloysio Mocenigo, doge de Veneza. Mais tarde o pequeno foi novamente posto em transe hypnotico (ao todo foi oito vezes hypnotisado), e revelou onde permaneciam ainda os sacos; mas antes que o negociante branco podesse continuar nas suas pesquisas, o seu rancho foi expulso do territorio pelos indigenas, cujos temores supersticiosos havia despertado, e a custo escaparam da morte os europeus.

Deve accrescentar-se que, como no romance que segue, o regulo, que alli governava quando occorreu a tragedia, declarava que o local era sagrado, e que, no caso que alguém lá chegasse, succederia algum desastre á tribu. Assim se explica que durante muitas gerações ninguem se atrevesse a violal-o, até que afinal os descendentes do regulo foram repellidos á força de armas das margens do rio, e foi da boca de alguns d'elles que, o commerciante branco poudo colher a lenda.

NOTA DO TRADUCTOR

Dadas as qualidades de imaginação que notabilisam o grande romancista inglez Rider Haggard, autor das «Minas de Salomão», de «She», de «Ayesha», de tantos livros que obtiveram em todo o mundo uma brilhante voga, o romance «Benita», actualmente em via de publicação, offerece todas as garantias de interesse dramatico e de pittoresco. Para os lei-

tores portuguezes, tem elle além d'isso um interesse palpitante, visto que se refere, como vimos na nota preliminar, a personagens da nossa terra, dos tempos gloriosos em que raros europeus comnosco partilhavam as glórias de pioneiros da civilização nos sertões da Africa.

Qual será a lenda evocada pelo inglez Rider Haggard n'este seu novo trabalho? A suspeita que nos occorre de que tivesse conexão com a dolorosa historia de Sepulveda, é naturalmente posta de parte, por isso que o naufragio do illustre portuguez occorreu em 1552, dezoito annos antes que Aloysio (ou Luiz) Mocenigo fosse eleito doge de Veneza. Possivel é que se ligue com outra tragedia maritima, a que teve por protogonista D. Paulo de Lima em 1589, comquanto as circumstancias não pareçam identificar-se de todo com a rapida narrativa da nota. Da preciosa colleção portugueza, conhecida pelo nome de «Historia tragico-maritima», outro episodio nos não occorre que tivesse podido suggerir a Rider Haggard o seu novo romance, cujo começo desde já nos empolga. Convidamos os nossos leitores, dados a investigações historicas ou conhecedores de cousas africanas, a enviar-nos qualquer suggestão sobre a lenda a que se refere o autor inglez. Seria interessante confrontar essas diferentes suggestões com a ideia originaria do romance, a qual a seu tempo se desenvolverá. Na correspondencia dos «Serões» iremos publicando o que sobre o assumpto se offereça ao espirito dos nossos prezados leitores.

I

Confidencias

Formosa noite aquella! Não havia uma aragem; o fumo negro do paquete *Zanzibar* extendia-se por cima da superficie do oceano como as plumas colossaes e fluctuantes de um abestruz que uma a uma se desfizessem á luz das estrellas. Benita Beatriz Clifford (era esse o seu nome por extenso, havendo sido baptisada com o nome da mãe, Benita, e o da unica irmã de seu pae, Beatriz), indolentemente debruçada no varandim do tombadilho, pensava de si para consigo que uma creança poderia por allí navegar n'um barquinho de cortiça até surgir em porto de salvamento.

Subia da camara um homem alto, de uns trinta annos de idade, fumando um charuto. Quando elle se aproximava, ella afastou-se um pouco como para lhe dar lugar ao seu lado, e houve o quer que fosse n'este movimento que, para alguém que a estivesse observando, poderia ter suggerido que entre os dois existiam laços de amizade ou porventura intimidade maior. Durante um momento elle hesitou, e espalhou-se-lhe na physionomia uma expressão de duvida, de magua até. Era como se comprehendesse que

da acceitação ou da recusa do gentil convite dependia para elle materia de importancia, e como se vacillasse no procedimento a seguir.

E de facto muito dependia de tal passo, nada menos do que os destinos de ambos. Se Roberto Seymour se houvesse afastado para acabar no isolamento o seu charuto, teria esta narrativa um desenlace muito differente; ou antes, sabe Deus como ella haveria concluido! O terrivel e predestinado successo de que essa noite estava pejada, teria chegado a produzir-se sem que certas palavras se trocassem. Ter-se-hia seguido uma separação violenta, e ainda que ambos elles houvessem sobrevivido ao terror, que perspectiva se offerecia de que as suas vidas se tivessem jámais encontrado n'essa immensidade da Africa?

Mas não o havia assim determinado o destino, porque justamente no momento em que elle avançava um passo para proseguir no seu caminho, Benita falou com a sua voz branda e melodiosa.

— Vae para a sala de fumo ou para a sala de baile, sr. Seymour? Disse-me agora um dos officiaes que se ia dansar — acrescentou ella em modo de explicação — Está tão sereno que parece que estamos em terra firme.

— Nem para uma banda, nem para outra — redarguiu elle — A sala de fumo está atu-

lhada de gente, e a respeito de dansa, já lá vae para mim esse tempo. Não; a minha ténção era fazer exercicio depois do nosso copioso jantar, e em seguida sentar-me para ahí n'uma cadeira e deixar-me adormecer. Mas — proseguiu elle, com interesse crescente — como percebeu que era eu? Nem sequer voltou a cabeça.

— Tenho ouvidos, assim como tenho olhos — respondeu ella com um risinho — e depois de passarmos quasi um mez juntos aqui a bordo, não admira que lhe reconheça o andar.

— Não me lembro de ninguem até hoje que o tenha reconhecido — disse elle, mais comsigo do que para ella.

Em seguida acercou-se e encostou-se ao varandim á beira de Benita. Tinham-se-lhe desvanecido as duvidas. O destino falara.

Houve uns momentos de silencio; em seguida elle perguntou se ella ia dansar.

Benita abanou a cabeça.

— Porque não? Miss Clifford gosta de dansar, e dansa perfeitamente. Não faltam officiaes para lhe servirem de pares, especialmente o capitão... — e Seymour interrompeu-se.

— Effectivamente — replicou elle — não deixava de ser agradável, mas... Sr. Seymour, tomar-me-ha por doida se lhe confessar uma cousa?

— Nunca a tomei como tal até hoje, Miss Clifford, por isso não sei por que motivo havia de principiar agora. Que é?

— Não vou dansar porque estou com medo, deveras, com um medo horrivel.

— Medo! Medo, de que?

— Sei lá! Mas o que é certo, sr. Seymour, é que tenho um presentimento terrivel, como se estivessemos á beira de uma tremenda catastrophe, como se estivesse imminente uma mudança radical, e além d'ella uma outra vida, um futuro novo e extranho. Colheu-me esta impressão ao jantar, foi por isso que me levantei da meza. N'um relance de olhos repentino, toda a gente se me afigurou differente do que era, toda a gente, sim, com raras excepções.

— Tambem eu lhe pareci differente? — interrogou elle com curiosidade.

— Não, o senhor não!

A elle, pareceu-lhe que a ouviu acrescentar entre dentes: Graças a Deus!

— E Miss Clifford, estava differente?

— Isso não sei. Nem olhei para mim: era eu que via, não era ponto de mira. Sempre fui assim.

— Má digestão — disse elle com ar reflexivo — Nós comemos de mais a bordo, e o jantar foi muito comprido e pezado. Foi o que eu lhe disse ha pouco, é por isso que eu faço... quero dizer, é por isso que eu tencionava fazer exercicio.

— E dormir depois?

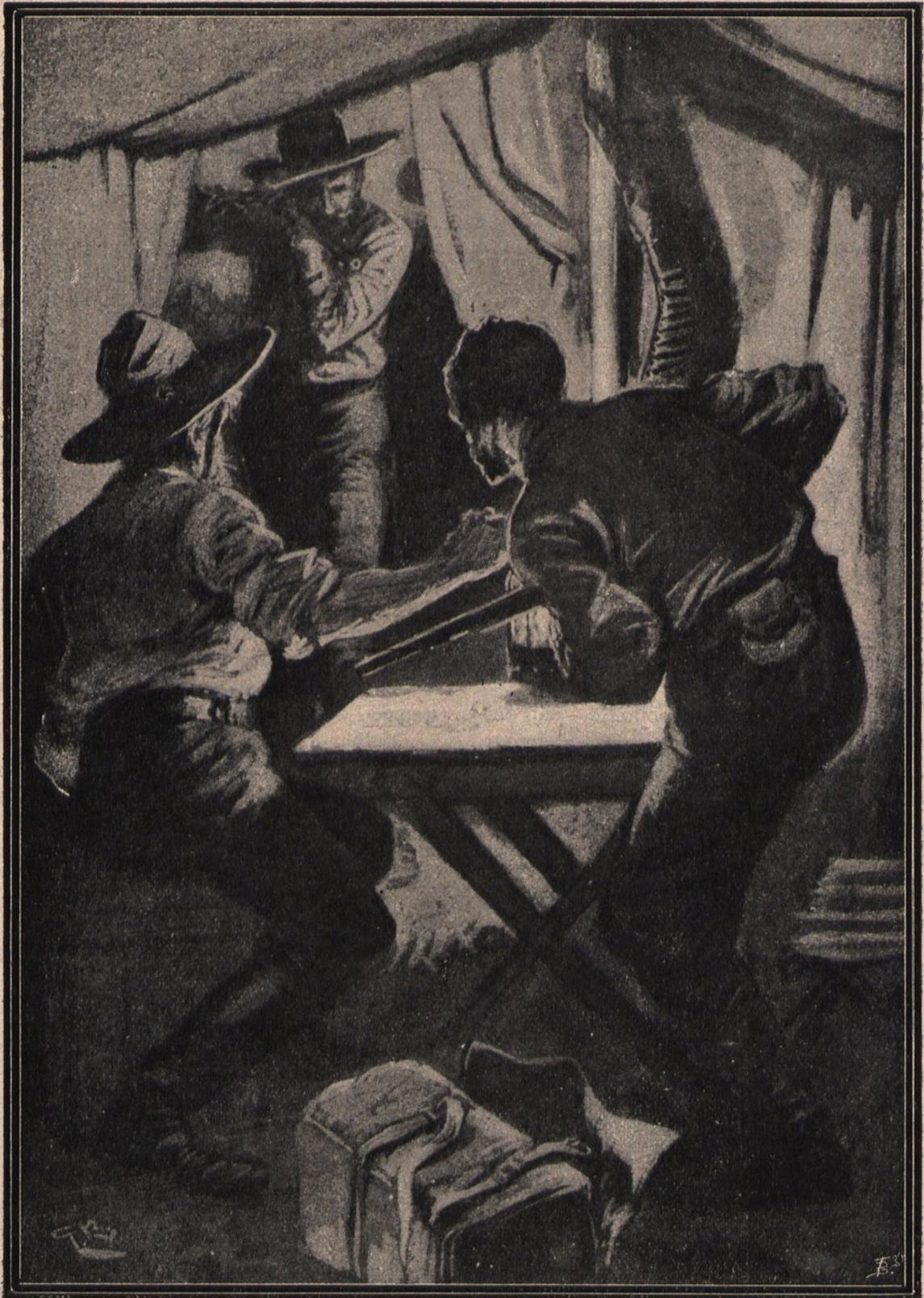
— Exacto! Primeiro o exercicio, depois o somno. Miss Clifford, é esta a lei da vida... e da morte. Com o somno acaba o pensamento, por isso para alguns de nós essa sua catastrophe era devéras apeteçivel, porque representaria um prolongado somno sem pensamento.

— Eu o que disse é que quasi todos estavam mudados, não que tivessem deixado de pensar. Talvez até que pensassem mais.

— Então roguemos a Deus que desvie de nós tal catastrophe. Eu receito-lhe bismutho e bicarbonato de soda. Com um tempo d'estes não parece muito natural imaginar cousas semelhantes. Repare agora, Miss Clifford! — acrescentou elle com uma nota de enthusiasmo na voz, apontando para leste — Ora repare!

O olhar d'ella seguiu-lhe a mão extendida. Além, acima do nivel do oceano, erguia-se o enorme disco da lua africana. Subito, toda aquella faixa de mar se transformou em prata, uma ampla estrada tremeluzente, que da lua se alongava até elles. Dir-se-hia o caminho dos anjos. A luz suave e macia batia de chapa no navio, mostrando os mastros esguios e todas as minucias do apparelho. Passava por sobre elles, e ia revelar a linha baixa e franjada de espuma da costa, erguendo-se n'um que outro ponto, ponteadas de arvores e moutas. Até as choupanas arredondadas dos kraals cafres chegavam a ser visiveis n'aquella radiação. Visiveis eram tambem outras cousas — por exemplo, as feições dos dois interlocutores.

O homem tinha a tez clara, cabello louro que já ia descambando para grisalho, especialmente no bigode, porque não usava barba. A physionomia era de um corte accentuado, e não particularmente bello, por isso que, sem embargo da sua finura, as feições careciam de regularidade; as maçãs do rosto eram demasiado salientes e o mento em extremo curto, defeitos que eram até certo ponto res-



— EU TAMBEM SEI SERVIR-ME DA ESPINGARDA, MEU AMIGO

gatados pela firmeza e alegria dos olhos garços. Quanto ao resto, era espadaúdo e bem constituído, marcado com o cunho indiscriptível do *gentleman* inglez. Tal era o aspecto de Roberto Seymour.

Á claridade do luar, parecia galante a juvenil creatura que estava á beira d'elle, se bem que de facto não lhe sobrassem titulos á classificação de formosa, a não ser talvez pela figura que era de linhas arredondadas e flexiveis, e singularmente graciosa. O seu rosto nada tinha de inglez; era extranho, de olhos negros, bocca um tanto rasgada e muito movel, testa larga, ar doce e a espaços meditativo, mas sempre prestes a aclarar-se de sorrisos repentinos. Não se podia dizer uma belleza, mas era excessivamente attraente e possuia uma estranha força de magnetismo.

Ella encarou a lua e a estrada argentea que sob o astro se estendia, depois voltou-se para o lado da terra.

— Até que afinal estamos perto da Africa — disse ella.

— Perto demais até, parece-me — replicou elle. — Se eu fosse ao commandante, afastava-me para fóra um ponto ou dois. É uma terra extraordinaria, esta, cheia de surpresas. Miss Clifford, será grosseria da minha parte perguntar-lhe o motivo que a traz a estas terras? Nunca m'o disse, nem sequer de relance.

— Não, porque é uma historia triste; em todo o caso, se o deseja, posso contar-lh'a. Quer?

Elle fez um gesto affirmativo, e puxou duas cadeiras de balanço, em que ambos se accomodaram, n'um recanto formado por um dos escaleres atracados dentro do navio, virando os rostos para o mar.

— Saiba então que eu nasci em Africa — disse ella — e lá vivi até aos treze annos. Por signal que ainda sou capaz de falar zulu; ainda esta tarde experimentei. Meu pae foi um dos primitivos colonos do Natal. Meu avô paterno era do clero, e filho mais novo dos Cliffords de Lincolnshire. É uma familia ainda importante d'essa provincia, mas creio bem que nem sequer sabem da minha existencia.

— Eu conheço-os — respondeu Roberto Seymour. — Ainda em novembro passado andei a caçar nas suas propriedades. Foi quando veio a catastrophe — accrescentou elle suspirando — Peço-lhe que continue.

— Pois meu pae teve desavenças com o pae d'elle, não sei lá porque, e emigrou. No Natal casou com minha mãe, uma Miss Ferreira, cujo nome de baptismo, tal qual como o meu e o da mãe d'elle, era Benita. Eram duas irmãs: o pae, André Ferreira, que casara com uma senhora ingleza, era meio hollandez e meio portuguez. Lembro-me perfeitamente d'elle, um bello velho de olhos negros e barba preta polvilhada de brancas. Era rico, pelo menos para aquelles tempos, quero dizer, tinha terras no Natal e no Transvaal, e muita somma de gado. Vê pois que eu sou meio ingleza, um pouco hollandeza, e mais de um quarto portugueza, um perfeito mistiforio de raças. Meu pae e minha mãe davam-se mal. Para lhe falar com franqueza, sr. Seymour, elle embriagava-se, e apesar de ter uma grande paixão por minha mãe, ella tinha muitos ciumes d'elle. Além d'isso desbaratou no jogo a maior parte do seu patrimonio, e depois da morte do velho André Ferreira, o casal empobreceu. Uma noite houve entre elles uma scena medonha, e elle, perdido de cabeça, bateu na mulher.

«Ora minha mãe era orgulhosa e resoluta. Virou-se para elle e disse assim... ouvi eu... «Nunca te perdoarei; está tudo acabado entre nós.» Na manhã seguinte, meu pae, já no seu juizo, pediu-lhe perdão; ella porém nem lhe respondeu, comquanto elle estivesse de partida para uma jornada de quinze dias não sei aonde. Depois de elle se ir embora, minha mãe mandou pôr o carro, emmalou a sua roupa, agarrou em algum dinheiro que pozera de parte, foi direita a Durban, e depois de tratar no banco de um rendimentosinho seu, fez-se de viagem comigo para Inglaterra, deixando a meu pae uma carta em que lhe dizia que nunca o tornaria a vêr, e se acaso elle tentasse dispôr de mim, ella collocar-me-hia sob a protecção dos tribunaes inglezes, os quaes nunca permittiriam que me levassem para casa de um alcoolico.

«Fomos viver para Londres, com minha tia, que enviuvára de um major King, ficando com cinco filhos. Meu pae fartou-se de escrever para convencer minha mãe a que voltasse para elle; ella comtudo recusou sempre, no que me parece fez mal. Assim fomos vivendo uns doze annos ou mais, até que minha mãe morreu de repente, e eu fiquei com uma fortunasinha que orçava entre 200 a 300 libras de renda annual, dinheiro que ella tinha res-

guardado por forma que ninguem lhe pudesse tocar. Foi isto ha cousa de um anno. Escrevi a meu pae communicando-lhe o fallecimento d'ella, e recebi em resposta uma carta que me commoveu, e depois mais outras a seguir. Implorava-me que fosse ter com elle e não o deixasse morrer ao desamparo, porque o desgosto o mataria se eu não annuisse. Dizia-me que de ha muito se tinha deixado de beber, conhecendo que esse vicio fôra causa de toda a desgraça da sua vida, e mandava-me um attestado n'esse sentido, com a assignatura de um magistrado e de um medico. Que remedio! Afinal, por mais que minha tia e meus primos me aconselhassem em contrario, eu cedi, e aqui estou. Meu pae deve encontrar-se comigo em Durban, mas o que eu não sei dizer é como nos daremos ao depois. O que eu sei é que estou anciosa por o vêr, porque no fim de tudo elle sempre é meu pae.

— Fez bem em vir, sejam quaes forem as circumstancias. Deve ter excellente coração — disse Roberto reflexivamente.

— Não fiz mais que o meu dever — volveu ella — E quanto ao resto, medo não tenho; se nasci em Africa! O que lhe affianço é que vezes sem conto eu tenho desejado voltar para aqui, vêr-me em pleno sertão, longe das ruas e do nevoeiro de Londres. Sou nova e forte, e quero vêr os espectaculos da natureza, não os preparados pela mão do homem, percebe? as cousas que me lembro de ter visto em pequena. Sempre haverá ensejo de voltar para Londres.

— Haverá, pelo menos para algumas pessoas. Causa curiosa, Miss Clifford! Fique sabendo que já me encontrei com seu pae. A sua presença sempre me deu idéa d'esse homem, mas tinha-se-me varrido o nome da memoria. É agora que me occorre, era Clifford.

— Em que sitio foi? — perguntou ella muito surprehendida.

— N'um sitio extranho deveras. Como já lhe contei, eu já estive um tempo em Africa, em circumstancias differentes das de hoje.

«Ha quatro annos que vim aqui, na idéa de apanhar caça grossa. Iamos da costa para o interior, eu e meu irmão... já morreu, coitado!... vae senão quando achámo-nos algures, no paiz dos Matabeles, nas margens do Zambeze. Como por alli a caça escasseava, dirigiamo-nos para o sul, quando uns indigenas nos falaram de umas ruínas maravilhosas que se erguiam n'um monte, sobre o

rio, a poucas milhas de distancia. Deixámos o nosso carro áquem da ladeira empinada, por onde não seria facil arrastal-o, pegámos ambos nas nossas carabinas e pozemo-nos a caminho. As tres ruínas ficavam mais longe do que nós suppunhamos, embora as podessemos vêr nitidamente do cimo da ladeira, e antes de lá chegarmos cahiu a noite.

«Ora nós tínhamos avistado do lado de fora dos muros um carro e uma tenda que pensámos devia pertencer a gente branca, e para lá nos encaminhámos. Havia luz dentro da tenda, e a cortina estava aberta por isso que a noite era abrazadora. Dentro vimos dois homens sentados, um d'elles velho, de barba grizalha, e o outro um sujeito robusto, de quarenta annos, quando muito, com ar de judeu, olhos pretos e penetrantes, barba negra e ponteaguda. Estavam a examinar com attenção um monte de contas e dixeram de ouro, n'uma meza collocada entre os dois. Ia eu para falar quando o homem da barba negra ou me presentiu ou deu com os olhos em mim. Agarrou n'uma carabina que estava encostada á meza, deu uma volta sobre si e apontou-me a arma.

«— Pelo amor de Deus não atires, Jacob — disse o velho — Olha que são inglezes.

«— Deixal-o serem! — redarguiu o outro em voz abafada, com um leve sotaque estrangeiro. — Nós não queremos aqui espiões nem ladrões!

«— Não somos nem uma nem outra cousa, mas eu tambem sei servir-me da espingarda, meu amigo — observei eu, fazendo tambem a minha pontaria.

«Então elle reflectiu, e largou a carabina. Nós explicámos que andavamos simplesmente n'uma digressão archeologica. Por fim de contas, viemos a tornar-nos amigos, se bem que nenhum de nós ia muito á bola do tal sr. Jacob... não me lembro do appellido. Impressionou-nos a promptidão com que manejava a carabina, e metteu-se-me em cabeça que elle tinha um passado mysterioso e um tanto ou quanto sinistro. Em summa, seu pae, porque era elle, percebeu que nós não tínhamos intenções de roubar, contou-nos com toda a franqueza que elles andavam alli á cata de um thesouro. Tinha-lhes chegado aos ouvidos uma historia qualquer ácerca de um deposito consideravel de ouro que tinha sido escondido por aquelles sitios por uns portu-guezes, havia dois ou tres seculos. Mas o que

os embaraçava eram os Makalangas, que viviam na fortaleza, a qual se chamava Bombatse, não lhes darem licença de fazer excavações. Diziam lá elles que aquelle sitio estava encantado, e que se tal fizessem acontecera desgraça á tribu.

— E elles chegaram a lá ir? — interrogou Benita.

— Isso é que eu não sei, porque nos fomos embora no dia seguinte. Certo é que, antes de partirmos, fomos ter com os Makalangas, que nos deixaram entrar sem reluctancia, com a condição que não levassemos enxadas comnosco. Quanto ao ouro que nós vimos em frente de seu pae e do outro individuo, esse tinha sido encontrado n'uns tumulos antigos da banda de fora dos muros, mas não tinha nada com o tal grande thesouro mythico.

— Que tal era o sitio? Eu cá sou apaixonada pelas ruinas — interrompeu Benita.

— Ah! era admiravel! Uma muralha gigantesca, circular, construida Deus sabe por quem, mais acima na encosta outra muralha, e perto do cimó terceira, a qual, pelo que entendi, cercava uma especie de sanctuario, e por cima de tudo, mesmo á beira do precipicio, um grande cone de granito.

— Artificial ou natural?

— Não sei. Não nos deixaram lá subir, mas apresentaram-nos ao seu chefe e summo sacerdote, que reunia os poderes do estado e da egreja, e por signal que era um velho admiravel, muito avisado e sympathico. Lembro-me de elle me affirmar que nos tornariamos a encontrar, e pareceu-me extraordinaria a affirmativa. Perguntei-lhe pelo thesouro, e o motivo por que elle não queria consentir que os outros brancos o procurassem. Respondeu que elle nunca seria descoberto por nenhum homem, nem branco nem preto, que só uma mulher o encontraria no tempo marcado, quando aprouvesse ao fantasma de Bombatse, sob cuja guarda elle estava.

— Que vinha a ser esse espirito de Bombatse, sr. Seymour?

— Não sei dizer-lhe, nunca consegui colher nada de positivo a seu respeito, a não ser que era uma figura branca, e que apparecia ás vezes ao nascer do sol, outras ao luar, em pé sobre o pincaro de rocha de que lhe falei. Lembro-me que me levantei de madrugada para vêr se a descobria... Patetice minha, já se sabe, porque não vi cousa nenhuma! E é tudo quanto sei do assumpto.

— E nunca chegou a conversar a sós com meu pae?

— Sim, um pouco. No dia seguinte elle acompanhou-nos até ao nosso carro, quer-me parecer que satisfeito por mudar um instante da companhia perpetua do tal Jacob. Não é para admirar, n'um homem que fôra educado em Eton e Oxford, e quaesquer que fossem os seus defeitos... não que eu percebesse vislumbre d'elles, porque não lhe vi tocar uma gota de alcool... sempre era um *gentleman*, ao passo que Jacob não o era. No emtanto, esse Jacob tinha tido a sua leitura, especialmente sobre assumptos extravagantes, e sabia falar quantas linguas existem; um maroto esperto e insinuante, em summa.

— E meu pae contou-lhe alguma cousa a respeito de si proprio?

— Contou. Disse-me que toda a vida fôra infeliz, e que tinha muitas culpas na consciencia, porque nós abrimo-nos um com o outro. Acrescentou que tinha familia em Inglaterra... que familia era, é que elle não disse... e que estava ancioso por a enriquecer como reparação de faltas passadas. Era por isso que elle andava na pesquisa de thesouros. No emtanto, pelo que Miss Clifford me conta, quer-me parecer que elle nunca chegou a encontrar nada.

— Não, sr. Seymour, nunca encontrou e nunca encontrará, mas o que me alegra é saber que elle pensava em nós. Não se me dava de explorar esses sitios de Bombatse.

— Tambem eu gostava, em sua companhia e na de seu pae, mas não na de Jacob. Se la fôr com elle alguma vez, sempre lhe direi: Cautela com Jacob!

— Ora! Jacob não me mette medo — re-dargui eu rindo — comquanto eu supponha que meu pae ainda tem ligações com elle; pelo menos n'uma das suas cartas fazia menção do seu socio, que era allemão.

— Allemão! É provavel que elle quizesse antes dizer judeu allemão.

Seguiu-se entre elles um intervallo de silencio, após o qual elle exclamou de repente:

— Já me contou a sua vida; gostaria agora de saber a minha?

— Gostava — respondeu ella.

— Pois bem! Não leva muito tempo a contar, porque a minha historia, Miss Clifford, é destituida de interesse. Vê na sua presença uma das creaturas mais inuteis do mundo, um membro como qualquer outro da classe

trivialmente chamada dos ociosos, d'esses que não sabem fazer absolutamente nada que mereça a pena fazer-se, a não ser excellentes pontarias.

— Com effeito! — atalhou Benita.

— Miss Clifford não parece que se impressione muito com esta habilidade — proseguiu elle. — Comtudo a pura verdade é que de ha quinze annos a esta parte... e fiz trinta e dois este mez... todo o meu tempo foi effectivamente consagrado a esse exercicio, com uns intervallos de pesca durante a primavera. Como eu não quero deixar o meu credito por mãos alheias, cumpre-me acrescentar que me contam entre os seis melhores atiradores de Inglaterra, e que a minha ambição... sim, Deus do Ceu! a minha ambição... era tornar-me superior aos outros cinco. Foi este peccado que perdeu o pobre diabo que lhe está falando. Atribuuiam-me alguns talentos; pois eu desprezei-os todos para me dedicar a este genero de ociosidade. Não arranjei profissão alguma, não trabalhei, e o resultado é que aos trinta e dois annos estou arruinado e quasi desesperado.

— Arruinado, desesperado, porque? — perguntou ella com anciedade, porque a maneira de accentuar aquellas palavras a commovia ainda mais do que o sentido d'ellas.

— Arruinado, porque meu tio, o Honourable John Seymour, de quem eu era herdeiro, commetteu a imprudencia de casar com uma menina que lhe fez presente de dois gêmeos. Com o apparecimento d'esses dois gêmeos, desapareceram não só as minhas esperanças de futuro, mas tambem o subsidio de 1:500 libras por anno, que elle tinha a bondade de me fornecer afim de manter a minha posição como seu parente mais chegado. Eu tinha alguma cousa de meu, mas tambem tinha dividas, e no momento presente tenho na algibeira uma lettra de 2:163 libras, 14 shillings e 5 pence, a qual, com mais uns trocos de pouca monta, representa a somma dos meus bens terrenos, a quantia pouco mais ou menos que estava costumado a gastar por anno.

— Eu cá não chamo a isso ruina, chamo-lhe riqueza — redarguiu Benita, como alliviada. — Com 2:000 libras para começo de vida, pode fazer fortuna em Africa. E esse desespero, qual é a razão d'elle?

— É que não tenho absolutamente nada de que lance mão, caso me falhem estas 2:000 li-

bras. Não sei maneira de ganhar seis pençe. N'este dilemma, occorreu-me que a unica cousa a fazer era valer-me das minhas habilidades de atirador, e fazer-me caçador de caça grossa. Por conseguinte faço tenção de matar elephantes até que um elephante me mate a mim. Pelo menos — continuou elle mudando de tom — fazia essa tenção até ha cousa de meia hora.

II

O fim do «Zanzibar»

— Até ha meia hora? Então porque?... — e Benita interrompeu-se.

— Porque é que eu mudei o meu modesto plano de vida? Eu lhe digo, Miss Clifford, visto que tem tido a bondade de mostrar um certo interesse por meu respeito. É porque durante os ultimos trinta minutos, dominou-me de todo uma tentação a que até agora tenho podido resistir. Não ha cousa alguma que não tenha o seu ponto fraco — e Roberto puxou nervosamente uma fumaça, atirou com o charuto para o mar, fez uma pausa, e proseguiu — Miss Clifford, eu commetti a ousadia de lhe ter amor. Espere! ouça-me ainda! Quando eu terminar, sempre será tempo de me dar a resposta que aliás espero. Entretanto, pela primeira vez na minha vida, permita-me o luxo de falar a serio. Isto para mim é uma sensação nova, e portanto inapreciavel. Dá-me licença que continue?

Benita não respondeu. Elle levantou-se com uma certa pachorra que caracterisava todos os seus movimentos, porque Roberto Seymour parecia nunca ter pressa, e collocou-se de pé em frente d'ella, de forma que o luar dava em cheio no rosto de Benita, deixando o d'elle na sombra.

— Além d'estas 2:000 libras que occasionalmente possuo, nada mais tenho a offercer-lhe. Sou uma creatura indigente e insignificante. Até nos meus tempos de prosperidade, quando tinha promessas de uma avultada fortuna, por mais que m'o suggerissem, nunca me julguei com direito de pedir a uma senhora que compartilhasse comigo d'essa fortuna em perspectiva. Supponho agora que o verdadeiro motivo era eu nunca me ter sentido deveras attrahido para qualquer mulher, aliás o meu egoismo levaria provavelmente de vencida os meus escrupu-

los, como acontece esta noite. Benita... per-mitta-me que a trate assim, pela primeira e ultima vez, Benita, eu... eu amo-a.

«Ouça ainda! — proseguiu elle, abandonando as suas maneiras compassadas, e falando precipitadamente, como um homem que tem um recado importante e pouco tempo para o dar. — É extraordinario, incomprehensivel, mas é verdade, a verdade pura; apaixonei-me desde a primeira vez que a vi rosto a rosto. Lembra-se? Estava encostada aqui mesmo, no tombadilho, quando eu vim para bordo em Southampton, e emquanto eu ia pela prancha fóra, os meus olhos encontraram os seus. Parei de repente. Aquella senhora edosa e gorda que desembarcou na Madeira esbarrou comigo, e pediu-me que fizesse o obsequio de me decidir, se ia para deante ou para traz. Lembra-se?»

— Lembro — respondeu ella em voz baixa.

— Foi uma allegoria, aquelle incidente — continuou elle. — Assim o percebi desde logo. Sim! Estive vae não vae para responder «Para traz!» e dar de barato o preço da passagem. Depois olhei outra vez para o seu rosto, e houve uma voz cá dentro que me bradou: «Para deante!» Galguei o resto da prancha e tirei-lhe o chapéu, saudação que eu não tinha o direito de fazer, mas á qual me recordei que correspondeu.

Calou-se um instante, e depois proseguiu:

— Assim como isto começou assim foi continuando. É sempre o que succede, pois não é verdade? O principio é que é tudo, o fim ha de chegar fatalmente. E chegou agora, e ainda não ha meia hora que eu estava profundamente resolvido a que assim não fosse quando de repente esse vêr sem olhar com que deu por mim... Ah! que amor lhe tenho, que amor lhe tenho! Não, não fale; eu ainda não acabei. Disse-lhe já o que sou, e realmente pouco mais tenho a dizer-lhe a meu respeito, porque não tenho vicios especiaes, a não ser o peor de todos, a preguiça, nem o mais ligeiro vislumbre de qualquer virtude que eu possa descobrir. Mas possuo um tal ou qual conhecimento do mundo, adquirido n'uma longa serie de caçadas, e é como homem do mundo que me abalanço a dar-lhe um conselho. É possivel que para Miss Clifford um caso meu de vida ou de morte não passe de uma distracção para quebrar o tedio do viver a bordo. É comtudo tambem possivel que o encare sob outro aspecto. N'esse caso, como

amigo e como homem do mundo, rogo-lhe não faça tal. Não se importe comigo. Mandeme tratar da minha vida; nunca se arrependará se o fizer.

— Está brincando, ou sabe bem o que diz, sr. Seymour? — perguntou Benita, falando sempre a meia voz e olhando em frente de si.

— Se sei! Está claro que sei! Porque me faz essa pergunta?

— Porque tenho sempre ouvido dizer que em casos d'estes toda a gente deseja dar de si a melhor conta possivel.

— É exacto, mas eu nunca faço o que devo, e agora dou graças por ter este habito, aliás nem estaria aqui esta noite. Eu o que desejo é dar de mim a peor conta que possivel seja, porque, quaesquer que sejam os meus defeitos, sou pelo menos um homem de bem. Ora agora, depois de lhe contar que sou, ou antes era ha cousa de meia hora, um mandrião, um ente inutil, um homem sem futuro, pergunto-lhe: ainda deseja ouvir o resto?

Ella soergueu-se, e, relanceando pela primeira vez a vista para elle, viu-lhe o rosto contrahir-se e empallidecer ao luar. É possivel que isso a impressionasse, a ponto de remover qualquer outra impressão adversa produzida pelo amargo sarcasmo com que elle se accusava. Seja como fôr, Benita pareceu mudar de idéas, e sentou-se de novo, dizendo:

— Continue, se assim o quer.

Elle curvou-se ligeiramente e proseguiu:

— Muito obrigado. Conte-lhe o que eu era ha meia hora; agora, na esperanza de que me dê credito, deixe dizer-lhe o que sou. Sou um homem sinceramente arrependido, um homem sobre o qual se ergueu uma nova luz. Não sou muito velho, e creio que no fim de contas não sou completamente destituido de capacidade. Talvez que ainda se me depare um bom ensejo; senão, por seu amor, eu proprio o farei nascer. Não acredito que seja capaz de encontrar ninguem que lhe tenha mais amor e com mais ternura lhe queira. Desejo viver para si no futuro, mais completamente ainda do que para mim proprio vivi no passado. Não desejo influenciar-a por considerações pessoaes, mas a verdade é que estou n'este momento n'uma encruzilhada. Se estiver disposta em meu favor, sinto que ainda me poderei tornar um marido de que possa orgulhar-se... Se não, escreverei *Finis* no tumulo das esperanças de Roberto Seymour. Adoro-a. É a unica mulher com quem an-

ceio por passar os meus dias; é a mulher que sempre faltou á minha vida. Supplico-lhe que tenha animo, que se arrisque a casar comigo, embora eu não possa vêr adeante de nós nada mais do que a pobreza, por isso que não passo de um aventureiro.

— Não diga isso — atalhou ella rapidamente. — Aventureiros somos nós todos n'este mundo, e eu mais do que o senhor. O que nós temos a fazer é considerarmos as nossas pessoas, e não os nossos bens.

— Seja assim, Miss Clifford. N'esse caso nada mais tenho a acrescentar; cabe-lhe agora responder.

N'este momento calaram-se na sala os sons do piano e da rabeca. Terminara uma das valsas, e alguns pares subiram para cima na idéa de flirter ou simplesmente de tomar fresco. Um d'esses pares, evidentemente empenhado na primeira occupação, veio collocar-se tão perto de Roberto e de Benita que tornou impossivel o seguimento do dialogo, e desatou a trocar as phrases vulgares n'essas occasiões.

Durante uns bons dez minutos assim estiveram, n'uma desavença brincalhona sobre uma dança de que um dos dois se julgava defraudado, até que a Roberto Seymour, em geral dado á philosophia, cresceram ancias de enganar os innocentes namorados. Sentiu, sem saber porque, que lhe estavam fugindo as contingencias de ventura; sobre elle se espalhou aquella sensação de alguma desgraça prestes a succeder, á qual Benita se referira. A suspensão ia-se tornando exasperadora, terrivel até, sem que elle podesse pôr-lhe termo. Rogar-lhe a ella que se afastassem d'alli não era correcto, especialmente tendo de pedir ao outro par que lhes dessem passagem. E durante todo este intervallo, apertava-se-lhe o coração, sentindo que provavelmente Benita estava expellindo de si qualquer vislumbre de affeição que elle porventura lhe houvesse inspirado; que, quando chegasse a resposta tão longamente differida, tudo levava a crer que ella fosse: «Não!»

O piano começou de novo a tocar, e os dois namorados, ainda altercando em tom folgazão, prepararam-se finalmente para se afastar. De repente percebeu-se alvoroço em cima da ponte, e no fundo limpido do ceu Roberto viu um homem que se precipitava para a prôa. Logo a seguir, a campainha da machina retiniu com força. Roberto comprehendeu que

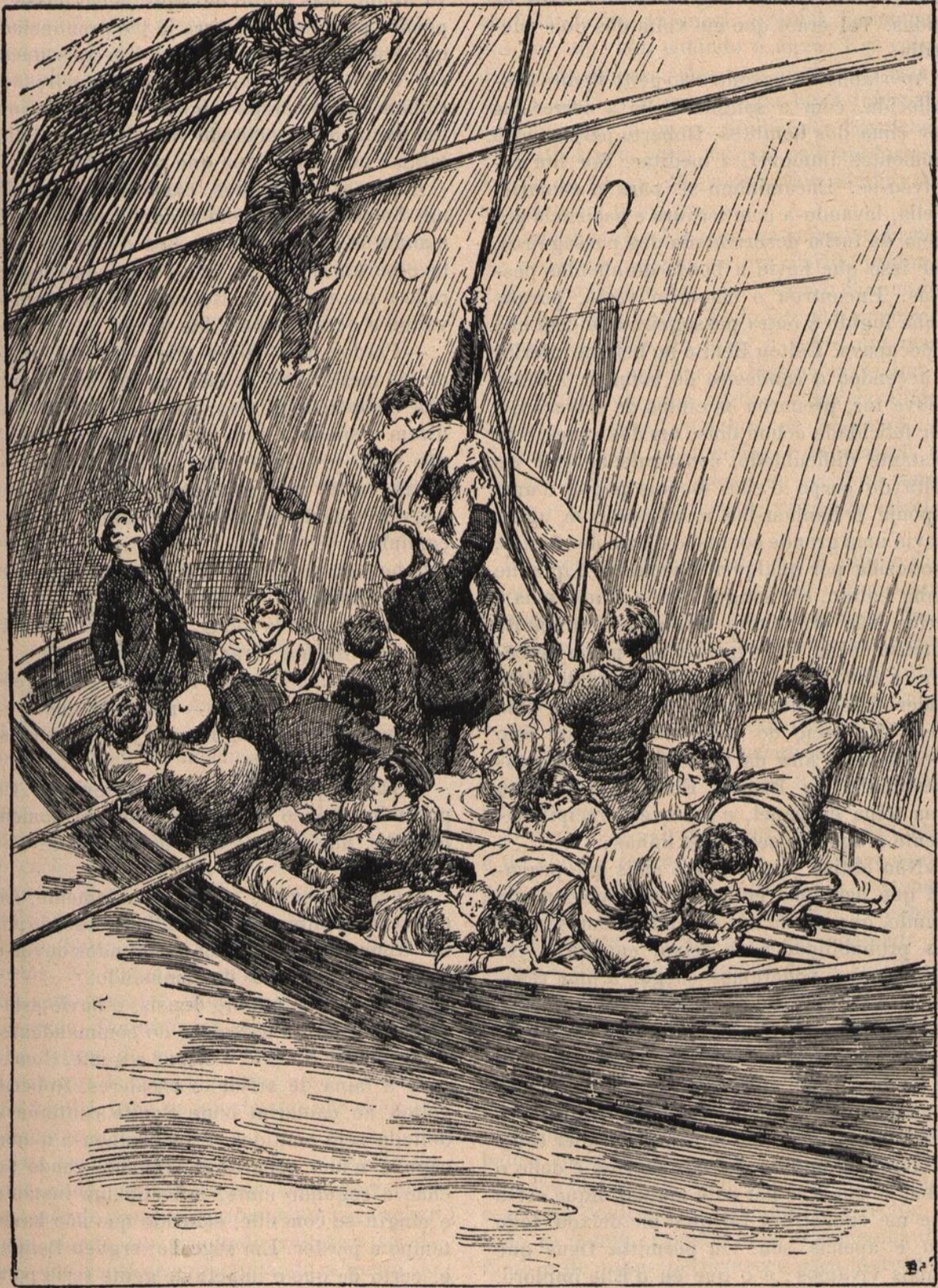
o signal era «Parar!», seguido immediatamente por outras campainhadas que significavam: «Toda a força a ré!»

— Que será isto? — disse elle para Benita.

Antes que as palavras lhe tivessem sahido dos labios, já ambos o sabiam. Houve uma sensação como se o casco inteiro do enorme navio tivesse estacado bruscamente, ao passo que o apparelho continuava a caminhar; seguida por outra sensação ainda mais terrivel e angustiosa: a de escorregar pesadamente e sem recurso sobre o quer que fosse, como um homem escorrega no gelo ou sobre um sobrado encerado. Estalaram mastareus, rebentaram cabos com uma detonação semelhante á de um tiro de pistola. Correram pela tolda objectos pesados, todos a caminho da prôa. Benita saltou da cadeira e foi arremessada de encontro a Roberto, de forma que ambos rolaram para os embornaes. Elle ficou incolume e levantou-se logo; ella porém permaneceu immovel, e elle percebeu que alguma cousa a ferira na cabeça, d'onde lhe escorria sangue pela face. Ergueu-a, e, cheio de terror e desespero — porque a suppoz morta — palpou-lhe anciosamente o coração. Mercê de Deus! as palpitações recommçavam — ella vivia ainda.

Cessara a musica, e houve uns momentos de silencio. Logo após ergueu-se o alarido tremendo do naufragio; gente de olhos esgazeados corria desatinada de um lado para outro; aqui e além clamavam mulheres e creanças; um clérigo cahiu de joelhos e começou a rezar.

Esta scena durou algum tempo, até que appareceu o official immediato e, affectando um ar despreoccupado, bradou que não havia perigo, que o commandante recommendava a todos que não se assustassem. Accrescentou que não estavam a mais de seis milhas da costa, e que dentro de meia hora o navio estaria a nado. Com effeito, emquanto elle falava, as machinas, que tinham parado, começaram outra vez a trabalhar, e a prôa descreveu um grande arco de circulo, apontando para a terra. Evidentemente, tinham passado por cima do recife e estavam outra vez em mar desafogado, por onde navegavam com bastante velocidade mas com forte pendor para estibordo. As bombas pozeram-se a trabalhar com uma pancada monotona e estridente, expellindo grandes columnas de agua espumosa sobre o mar estanhado. A mari-



DEIXOU-SE ESCORREGAR POR UMA DAS TALHAS ABAIXO

nhagem começou a cortar as capas dos escaleres, e a suspender alguns d'elles sobre as ondas. Tal era o que em volta dos dois succedia.

Apertando de encontro ao peito Benita desfallecida, com o sangue d'ella a correr-lhe por cima dos hombros, Roberto permaneceu momentos immovel, a meditar. Por fim resolveu-se. Encaminhou-se para o camarim d'ella, levando-a com ternura e paciencia por meio da turba desorientada dos passageiros, por isso que havia a bordo quinhentas pessoas. Encontrou o camarim vazio, porque tinha fugido a outra passageira que com ella o occupava. Deitou Benita no beliche inferior e accendeu o candeeiro de balanço. Apenas houve luz, procurou os cintos de salvação, e por felicidade achou dois, um dos quaes, com bastante difficuldade, conseguiu apertar em volta do corpo d'ella. Depois pegou n'uma esponja e banhou-lhe a cabeça com agua. Havia uma grande contusão n'uma das fontes, produzida por qualquer objecto duro que lhe tinha batido, e o sangue corria ainda; mas a ferida não era muito profunda nem muito extensa, nem, tanto quanto elle podia perceber, o osso parecia ter sido offendido. Sem poder fazer nada mais, occorreu-lhe uma ideia. No meio do chão, arremessado pelo choque para fóra da prateleira, estava a escrevaninha de Benita. Elle abriu-a, tirou uma folha de papel, e escreveu precipitadamente a lapis as seguintes linhas:

«Não obtive resposta, e é mais que provavel que nenhuma eu venha a receber n'este mundo, que um de nós ou ambos temos grandes probabilidades de deixar em breve. No ultimo caso, poderemos chegar a uma resolução n'outro sitio... talvez. No primeiro caso, se fôr sorte minha ir-me eu d'esta vida, e a sua ficar, espero que uma vez por outra se lembrará com affecto de alguém que muito sinceramente a amou. Se pelo contrario o destino a levar, então nunca poderá ler estas palavras. Comtudo, se aos mortos é dado o saber o que vae por este mundo, fique certa que me encontrará tal qual me deixou, todo seu e apenas seu. Ou permitta Deus que ambos vivamos: é o que eu d'Elle imploro. — S. R. S.»

Dobrou o papel, desabotoou um botão da blouse de Benita e metteu-lh'o no seio, por saber que assim deveria ella decerto encontrar-o, caso sobrevivesse. Depois foi até á tol-

da, para ver o que succedia. O paquete andava ainda, mas muito devagar; além d'isso, o pendor para estibordo era já tão pronunciado que era difficil estar-se de pé. Em consequencia d'isto, quasi todos os passageiros se tinham agglomerado a bombordo, tendo instinctivamente procurado refugio o mais distante e acima da agua que possivel fosse.

A passos vacillantes, caminhava para elle um homem de aspecto livido e torvo, arriando-se á borda falsa. Era o capitão. Deteve-se um momento, como a scismar, agarrado a um pontalete. Roberto Seymour aproveitou a occasião para lhe falar.

— Perdoe-me — disse elle — eu não gosto de me metter com cousas que não são da minha competencia, mas, por motivos que não dizem respeito a mim proprio, lembro-lhe se não seria prudente parar o navio e arriar os escaleres. O mar está em calmaria; se não houvesse demora, não seria difficil pôl-os a caminho.

O homem encarou n'elle com olhos pasmados, e retorquiu:

— Não cabem lá todos, sr. Seymour. A minha esperanza é varar o vapor em terra.

— Pelo menos sempre lá cabe alguma gente — respondeu Roberto — ao passo que...

E apontou para a agua, que já estava quasi de nivel com a tolda.

— Talvez que tenha razão, sr. Seymour. Cá por mim, pouco se me dá. Sou um homem perdido; mas os passageiros, coitados! coitados!

E engatinhou por alli fora doidamente, em direcção á ponte, como um felino acossado por um tronco acima, e d'ahi a segundos ouviu-o Roberto a dar vozes de commando.

Cousa de um minuto depois, o navio estacou. Fôra tardia a decisão do commandante, de sacrificar o navio e salvar a gente. Começava a faina de arriar os escaleres. Roberto voltou ao camarim onde Benita continuava deitada sem sentidos, e embrulhou-a n'uma capa e n'uns cobertores. Depois, vendo no chão o segundo cinto, reflectiu um instante e cingiu-se com elle, sabendo que não havia tempo a perder. Em seguida, ergueu Benita, e, certo de que o impeto de gente seria para estibordo em que os escaleres quasi tocavam na agua, levou-a com difficuldade, porque a inclinação era grande, para a lancha de bombordo, que elle percebera ficaria a cargo de um marinheiro experimentado, o immediato,

a quem elle vira n'esse posto durante os exercicios, aos domingos.

Como elle tinha previsto, não era ahi grande o concurso, visto que a maior parte da gente suppunha que não seria possível pôr a nado essa lancha sem grave perigo; ou, se haviam perdido a faculdade reflexiva, foi o instincto que lh'o suggeriu.

O immediato, habil mareante, com a tripulação que lhe fôra determinada, já estava tratando de arriar a embarcação dos turcos.

— Agora — disse elle — primeiro as mulheres e as creanças.

Precipitou-se um tropel, e Roberto viu que a lancha não tardaria a encher-se.

— Creio bem — disse elle — que posso metter-me no numero das mulheres, visto que trago uma commigo.

E por um esforço enorme, agarrando em Benita com um dos braços, com o outro deixou-se escorregar por uma das talhas abaixo, até que, auxiliado pelo contra-mestre, alcançou a lancha a salvamento.

Mais um ou dois homens precipitaram-se após elle.

— Ala para fóra! — gritou o official — a lancha não comporta mais gente.

E a lancha largou das talhas.

Quando estavam a uns quatro metros do costado, d'onde se afastaram ficando os remos, houve novo impeto de gente, sem esperança de acharem logar nos escaleres de estibordo. Alguns dos mais arrojados desceram em cacho pelas talhas, outros saltaram e cahiram no meio da lancha, outros ainda, errando o pulo, despenharam-se no mar ou vieram bater na borda da lancha, ficando mortos. No emtanto, a embarcação fez-se ao mar sem percalço, embora já muito sobrecarregada. Deitaram os remos fora, e deram volta á proa do enorme paquete que rolava nas vascas da morte, porque a sua primeira idéa foi dirigirem-se á costa, que não chegava a distar tres milhas.

Esta evolução levou-os para estibordo do navio, onde assistiram a uma scena horrenda. Centenas de pessoas barafustavam para achar logar, dando em resultado voltarem-se alguns dos escaleres precipitando a gente no mar. Outros estavam pendurados pela popa

e pela proa por terem as talhas enjambrado nos gornes dos turcos, em consequencia da confusão e do phrenesi, e entes humanos, um por um, iam cahindo á agua. Em volta de outras embarcações que ainda não estavam a nado, travava-se uma lucta infernal, uma lucta de homens, mulheres e creanças, a batalhar pela vida, na qual os mais fortes, loucos de terror, não mostravam sombra de misericórdia pelos fracos.

D'aquella turba humana, na mór parte presertes a perecer, erguia-se um alarido prolongado e estridente, tal como seria o clamor de um Titan agonizante. Tudo isto sob um cariz sereno, banhado de luar, e sobre um mar lizo como um espelho. No mesmo navio, tombado sobre um dos bordos, a sereia ainda soltava os seus guinchos de soccorro, e alguns homens destemidos continuavam a lançar foguetes, os quaes se erguiam para o ceu e rebentavam em chuveiros de estrelas.

Recordou-se Roberto de que o ultimo foguete que elle vira fora atirado n'uma festa nocturna para divertir os passageiros. Impressionou-o, por medonho, o contraste. Scismou se haveria gente ou poder tão ferino que se podesse divertir com uma tragedia tal como a que á sua vista se representava; e como é que essa tragedia era consentida pela misericordiosa Potestade em que a humanidade punha a sua fé.

O navio ia-se virando lentamente, da tolda e do convez rebentava o ar ou o vapor comprimido em detonações estrondosas; voavam pelos ares destroços do naufragio. O pobre commandante lá estava ainda, agarrado á varanda da ponte. Seymour podia ver-lhe a physionomia pallida; o luar parecia imprimir n'elle um sorriso horrivel. O official, que governava a lancha, gritou á guarnição que se afastasse para o largo, se não queriam ser engulidos conjunctamente com o paquete.

Prompto! o navio rolou sobre si como uma baleia moribunda, os raios de lua arrancaram-lhe do fundo chispas brancas, mostrando o rasgão denteado que lhe abrira o recife, e tudo se sumiu. Apenas uma nuvensinha de fumo e de vapor permaneceu para marcar o sitio em que estivera o Zanzibar.

(Continúa.)

O canal de Panamá

P.M. & R.

O artigo, admiravel de clareza e precisão, que extrahimos de uma revista americana, historia todas as vicissitudes por que passou a empreza do grande canal trans-americano, enumera os differentes projectos mostrando as vantagens e inconvenientes de cada um, relata o estado actual dos trabalhos e os progressos realizados pela administração americana, expõe nitidamente os beneficios que a civilização universal tem a esperar da gigantesca obra ha vinte annos iniciada. Ao alcance dos menos entendidos em materias de engenharia e em assumptos de commercio e navegação, elle apresenta a summula essencial de noções, que todo o homem culto deve assimilar sobre um facto de tal magnitude, correspondendo por isso á aspiração, que sempre tem em vista a empreza dos «Serões» — o derramamento da instrucção geral. Aos commerciantes, maritimos e engenheiros, interessa especialmente pela parte technica e professional, deduzida com todo o rigor scientifico, embora com transparente nitidez.

A HISTORIA do canal atravez do isthmo de Panamá começa no dia em que Balboa, depois de cortar á custa de enormes esforços uma floresta tropical e de trepar pela

ingreme encosta de uma serrania até chegar ao local onde se encontra Darien, viu, com assombro, outro grande e desconhecido oceano. Desde então foi sempre crescendo a ancia



MAPPA MOSTRANDO A LINHA DO CANAL DE PANAMA

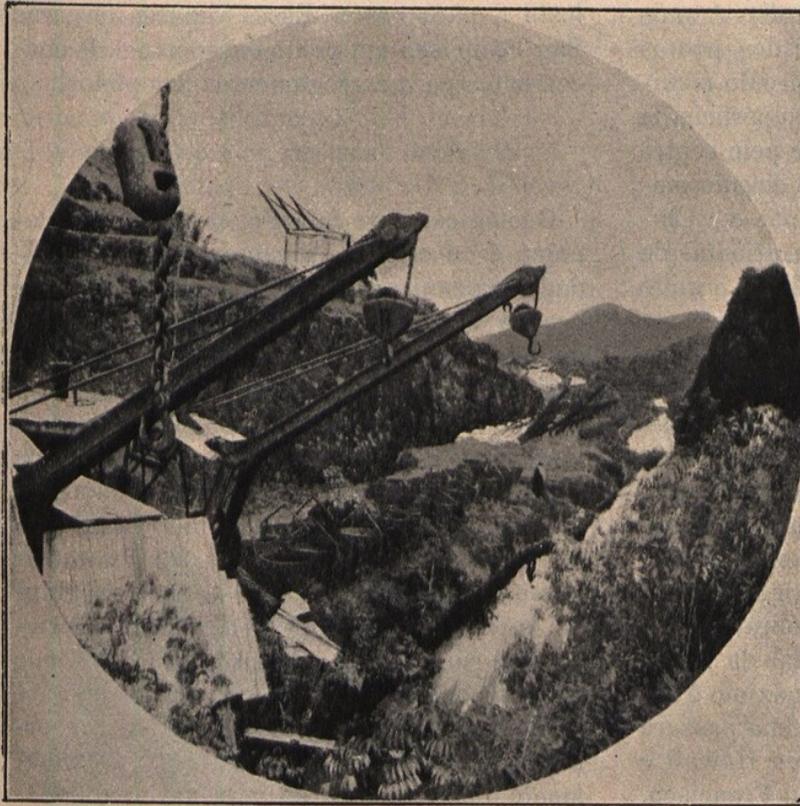
de completar a inquirição de Colombo e descobrir ou, caso se não descobrisse, abrir uma passagem do Occidente para o Oriente. Com a vontade indomavel do flibusteiro hespanhol, que não titubeava deante de obstaculos, Balboa resolveu a difficuldade, na parte que lhe interessava, carreando atravez do isthmo os seus navios, pedaço a pedaço, até os reconstituir no Pacifico. O navio moderno não pode desarticular-se com tanta felicidade; e desde que a natureza foi impotente para cortar a estreita nesga de terra que separa os dois grandes mares, cumpre aos homens do seculo xx,

existentes, e ainda mesmo as que se foram desenvolvendo durante os trezentos e cinquenta annos que se seguiram.

O EXTREMO LESTE DO CANAL É REALMENTE
O EXTREMO OESTE

Antes de considerarmos o canal e os seus pormenores, convem fixar no espirito a orientação geographica de Panamá; por isso que, embora pareça extraordinario, não ha muita gente que alcance os caracteres singulares da sua situação. A concepção vulgar das

duas Americas, do Norte e do Sul, é que ambos os continentes estão collocados respectivamente norte sul um do outro, e que Panamá fica pouco mais ou menos no eixo mediano dos Estados Unidos, ou, por outra, ao sul do valle do Mississippi. Basta comtudo um relance de olhos pelo mappa para mostrar que a America Meridional não está directamente ao sul da Septentrional, mas toda para leste do meridiano da Florida, de forma que a costa oriental do Brazil fica mais proximamente ao sul de Londres do que ao sul de New York. O resultado é que o isthmo de Panamá não só está a leste da Havana e de Key West, mas está pouco mais ou menos alinhado com Buffalo. Como o isthmo se estende de leste para oeste e



CORTE POR TERMINAR E MACHINISMOS ABANDONADOS EM OBISPO, ONDE O CANAL ATTINGE A REGIÃO MONTANHOSA, A TRINTA MILHAS DO ATLANTICO

não acarretar os navios, como fez o do seculo xvi, mas crear um curso artificial de agua pelo qual possam navegar com segurança os Leviathans modernos.

Apenas se espalhou noticia do descobrimento de Balboa, provando a continuidade ininterrupta da terra entre os dois grandes continentes da America, a attenção dos exploradores voltou-se logo para a possibilidade de construir um caminho aquoso, e até Cortez procedeu a investigações no sentido de abrir um em Tehuantepec. Mas a colossal tarefa excedia as forças e os recursos então

não de norte para o sul, como vulgarmente se costuma delinear e como o canal corre de noroeste para sueste, o extremo occidental torna-se rigorosamente o extremo-oriental. Estes apparentes paradoxos geographicos tem um alcance importantissimo sobre os aspectos commerciaes do canal, especialmente no que respeita á costa do Pacifico.

POR QUE MOTIVO SERÁ SAN FRANCISCO A VERDADEIRA
CHAVE DO PACIFICO

Ha annos, quando as ilhas de Hawaii foram annexadas aos Estados Unidos, os advo-

gados da annexação apresentaram mappas mostrando que as linhas traçadas de San Francisco ou de Panamá para o Japão, China, India e Australia teriam uma intersecção commum nas ilhas de Hawaii ou perto d'ellas, e que a bahia de Honolulu se tornaria por conseguinte a chave do Pacifico. Isto é apenas verdade quando se emprega um mappa ordinario, o qual é simplesmente uma projecção plana de uma superficie curva. Quando se estude a questão das derrotas atravez do Pacifico, n'um globo, vê-se que o caso é inteiramente diverso, e descobre-se que Hawaii fica sómente perto de uma simples derrota, a de San Francisco á Australia. A mais curta distancia entre quaesquer dos pontos de uma esphera mede-se n'um circulo maximo, isto é, na linha traçada na superficie da esphera por um plano que passe pelo centro d'ella e por esses dois pontos. O circulo maximo que liga Panamá com o Japão e a China ou qualquer ponto da costa oriental da Asia, atravessa o mar das Antilhas, o golfo do Mexico, Galveston, Denver, corta a costa occidental dos Estados Unidos ao norte de Seattle, e circumda as ilhas Aleutianas. Entre o isthmo e qualquer ponto do Extremo Oriente, o navegador tem de cingir-se á costa indicada, tanto quanto o permite a terra. Isto é, depois de atravessar o canal, deve caminhar primeiro para o sul, em seguida para o noroeste ao longo da costa da America Central e do Mexico, e, depois de dobrar o cabo de S. Lucas, extremo meridional da Baixa California, seguirá pelo circulo maximo d'ahi até á China, e este circulo maximo passará cousa de 1:700 milhas a leste de Hawaii e apenas 300 milhas a oeste de San Francisco. Como os vapores de carga vulgares não podem ou não desejarão levar carvão sufficiente para a viagem directa do isthmo para a Asia, terão de fazer escala no ponto intermedio mais conveniente para abastecer de carvão e refresco. Este ponto será San Francisco, que fica a 3:277 milhas de distancia de Panamá e a 4:536 de Yokohama; e para isso alongarão a viagem apenas 110 milhas, ou menos de meio dia em tempo, sobre a derrota mais curta possivel n'uma distancia total de 7:813 milhas.

O resultado extraordinario — pelo menos o que não parece geralmente comprehendido pelo publico americano — é que San Francisco se tornará a chave ou a porta do Pacifico,

onde todos os navios vindos de leste, não só da costa americana do Atlantico, mas tambem da Europa, farão escala para carvão e refrescos. Esse carvão, se não se encontrar de qualidade satisfatoria na costa occidental, será transportado em navios especiaes de Alabama e da Virginia Occidental, e armazenado assim como o carvão de Cardiff se armazena actualmente em varios pontos ao longo da derrota de Suez no Mediterraneo e no Indico. Em parte alguma se evidenciará a existencia do canal mais do que em San Francisco, onde diariamente surgirá uma procissão continua de vapores viajando para leste e para oeste. Esses vapores tornarão San Francisco um ponto excepcional de concorrencia para carregamentos completos.

PRIMEIRO PROBLEMA: O RIO CHAGRES

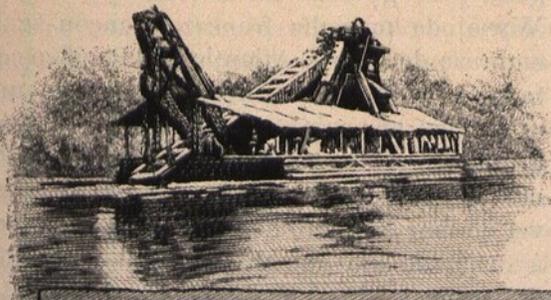
Geologicamente falando, o isthmo de Panamá é de origem vulcanica, mas a actividade vulcanica ha muito que cessou. De oceano a oceano, em linha recta, ha uma distancia de 42 milhas, com a cumiada divisoria a cerca de 10 milhas da costa do Pacifico, a uma attitude approximada de cento e vinte metros no ponto em que a atravessam a linha do caminho de ferro de Panamá e a do canal proposto. A encosta meridional para o Oceano Pacifico é cortada por bastantes cursos de agua, nenhum dos quaes tem grande importancia. O lado do Atlantico é cortado pelo rio Chagres e seus tributarios, sendo o rio principal o unico que pode arrogar-se alguma pretensão de navegabilidade importante. N'uma distancia que attinge proxima-mente dois terços da linha transversal do isthmo, podem subil-o canoas ligeiras em qualquer estação. Desde os velhos tempos da dominação hespanhola, durante o alvoreço aureo da California em 1849, até se completar a via ferrea do Panamá em 1855, constituia uma parte da estrada real atravez do isthmo. Subiam barcos até á aldeia de Las Cruces, onde começava o transporte terrestre até Panamá. No tempo dos hespanhoes, os thesouros da America Meridional desembarcavam onde era então a cidade de Panamá, eram transportados por terra até Las Cruces, ahi embarcavam para seguir rio abaixo e eram descarregados sob a artilharia do Forte Lorenzo, na foz do Chagres, em navios com destino á Hespanha ou fadados para

prezas de Drake e seus socios. Em 1671 o Forte Lorénzo foi tomado por Morgan e seus bucaneiros, e a cidade do Panamá saqueada e destruida, tendo permanecido até hoje apenas as pittorescas ruinas da velha torre de vigia e as paredes da Cathedral, que os hespanhoes fortificaram e defenderam até á ultima com o seu costumado valor.

O isthmo, estando uns oito a nove graus ao norte do Equador, está dentro da zona dos ventos geraes, cuja direcção varia de nordeste para noroeste. Estes ventos levam para o isthmo consideraveis porções de humidade em suspensão, a qual, ao esbarrar com a serra, se deposita em chuva grossa.

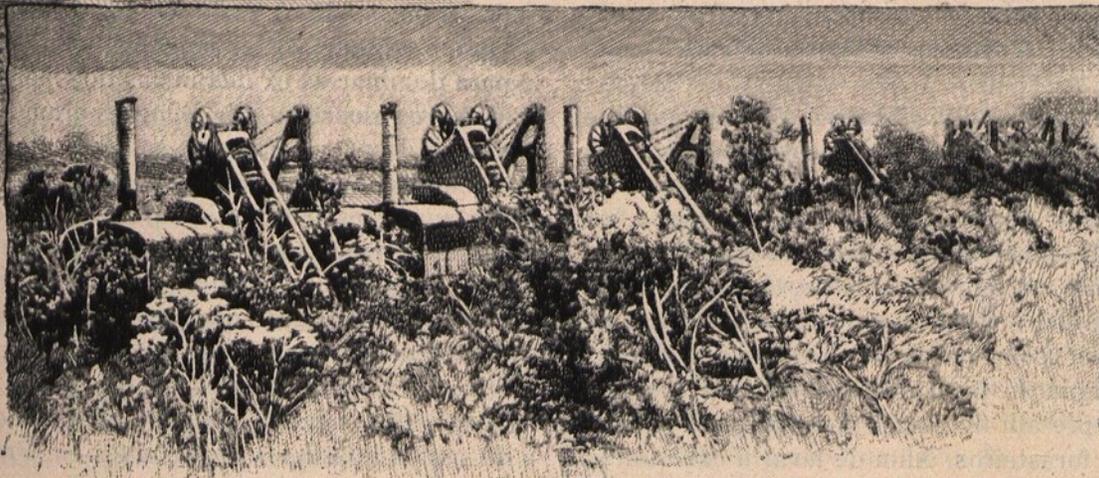
Comquanto se supponha o anno dividido em estação chuvosa e estação secca, começando a primeira em abril e extendendo-se até novembro, em todos os mezes se devem esperar chuvas no lado do Atlantico, e devem prever-se fortes temporaes, ainda mesmo no decurso da estação secca. Em Panamá, que fica do lado do Pacifico, a media annual de chuva é de sessenta e sete pollegadas (1^m,84), ao passo que do lado de Colon é de cento e trinta pollegadas (3^m,57), sendo a primeira quasi dupla da da costa do Atlantico na latitude de New York, e a ultima mais do triplo

d'esta. De ordinario, o Chagres é um rio pequeno e de fraca corrente, e acima de Gamboa é completamente sereno. A subita violencia dos temporaes — desconhecida nas zonas temperadas — produz cheias excessivas, as quaes convertem um rio habitualmente vadeavel n'uma torrente precipitosa e desatinada. Consta do Chagres que chega a subir perto de treze metros em poucas horas e a passar em Bohio cerca de quinze mil metros cubicos de agua por segundo; isto é, um volume de agua sufficiente para encher uma milha de canal com 100 metros de largura á superficie, e 11^m,5 de fundo, em cinco minutos, quantidade colossal em vista do limitado escoadouro. É obvio que, se se deixasse uma catadupa d'estas entrar no leito restricto de um canal já cheio, damnifical-o-hia tão gravemente que as reparações exigiriam despesas exorbitantes. Não é pois o volume total do rio Chagres que o torna um obstaculo tão formidavel, por isso que o minimo é insignificante e o medio não chega a ser tão consideravel que não possa ser admittido sem perigo no canal. O que embaraça são as suas cheias colossaes, que raro duram mais de um dia ou dois, ás vezes apenas algumas horas, mas que, pela sua intensidade durante esse curto periodo, teem um poder tremendo de destruição.

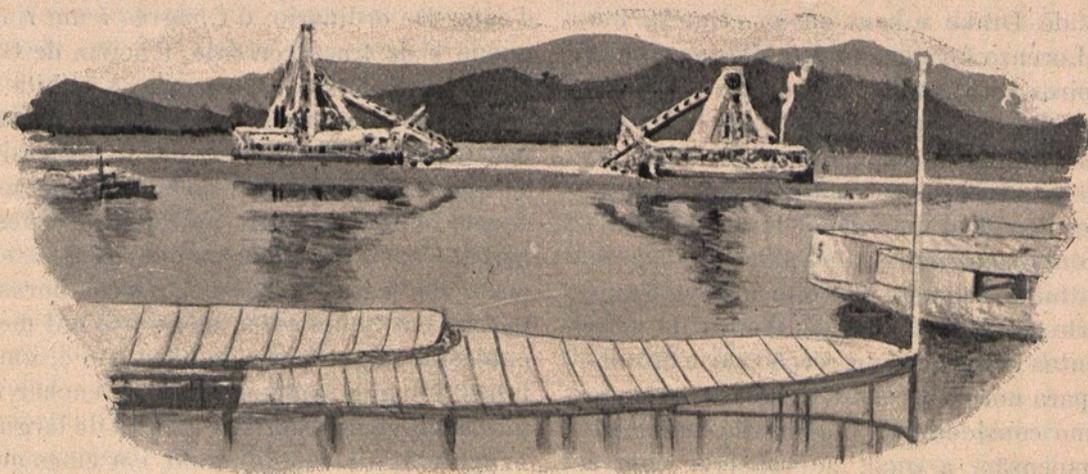


SEGUNDO PROBLEMA : O CORTE PELA LINHA DIVISORIA DE CUMIADA

A segunda difficuldade grave é o corte da divisoria montanhosa. Das 49 milhas



DRAGA FRANCEZA ABANDONADA — MACHINISMO FRANCEZ ABANDONADO SOBRE UMA VIA FERREA



DRAGAS FRANCEZAS VARADAS EM TERRA, AINDA APROVEITAVEIS

de extensão do canal, desde o fundo navegavel do Atlantico até ao do Pacifico, não menos de 35 milhas são de dragagem ordinaria ou excavação de terras, onde, com excepção de alguma elevação occasional, nenhum corte para alcançar o nivel medio das marés excederá 40 metros, sendo tudo obra de character simples. As restantes 14 milhas atravessam a serrania, onde a superficie original era de 112 metros acima do nivel do mar, e onde a profundidade media do corte até ao mesmo nivel, afora a profundidade do canal, é ainda de 46 metros proximamente, n'uma distancia de oito milhas, excavação que excede sobremaneira em importancia qualquer outra identica tentada até hoje. A composição geologica da serra é variavel, consistindo de rocha, dura basaltica, argila ardosica, parecendo pedra quando começa a excavar-se, mas que se desintegra quando exposta ao tempo, argilas moveiças e areia.

TERCEIRO PROBLEMA: O CLIMA

A terceira difficuldade é o clima. Quasi sob o sol equatorial, com todas as condições enervantes de um clima continuamente humido e quente, aquella região offerece campo fertil ao desenvolvimento de molestias. Por consequente, as febres tropicaes, taes como a febre amarella e a malaria, a ultima das quaes mereceu, pelo seu typo virulento e maligno, a designação local de *febre do Chagres*, teem sempre alli florescido como mortaes inimigos dos forasteiros. Afim de levar a cabo um canal trans-isthmico, deve-se encontrar uma solução satisfatoria para dominar as cheias

do Chagres, cortar a linha divisoria da cumiada, e melhorar as condições sanitarias.

ERROS DOS FRANCEZES

Na construcção do canal de Suez, não se depararam taes estorvos, por isso que no isthmo africano havia apenas a cortar uma lingua de terra comparativamente plana. Foi pois ensoberbecido com o seu exito ahí que Fernando de Lesseps se voltou para o Panamá. Tendo adquirido uma concessão outorgada pelo governo da Colombia ao tenente Wyse, da marinha franceza, lançou-se na empreza de ligar o Atlantico ao Pacifico com toda a leviana confiança, oriunda de uma crença na sua missão de corrigir erros geographicos. Como o de Suez, o canal de Panamá tinha de ser *à niveau*—isto é, ao nivel do mar—e feito dentro de poucos annos, á custa de um numero razoavel de milhões de francos. Não havia planos preparados para o grande corte, nem methodo traçado para dominar as exuberancias do Chagres, e as febres amarella e do Chagres eram lançadas ao desprezo. Fizeram-se contractos para machinas inuteis; construíram-se locomotivas e vagões para a via europeia em vez de serem de cinco pés (1,^m65) de largura no rodado, que é a dos caminhos de ferro do Panamá, e adquiriu-se equipamento em quantidade muito superior ás necessidades effectivas. Fizeram-se estes contractos na mira de conciliar a influencia politica e financeira, de certos interesses importantes em França, afim de assegurar a subscrição popular para o capital da companhia. É sabido que



BARCOS ABANDONADOS Á FERRUGEM E Á DESTRUIÇÃO

sob os montões de entulho estão enterrados engenhos e machinas de toda a especie. Cumpriram a sua missão de objectivos para contractos de corrupção; não prestavam para o trabalho, e não valia a pena removel-os dos montões de sucata e terra. Outros foram abandonados ao longo da linha do canal, e perderam-se nas selvas tropicaes, onde foram aproveitados para habitação por lagartões enormes e papagaios de garrida plumagem. Em vez de dedicar as suas energias áquella parte do trabalho que mais tempo levaria a completar—isto é, o corte do Culebra—a companhia franceza foi-se entretenendo na facil e rapida tarefa de excavar as terras baixas á beira do Atlantico e no leito do rio Chagres. Fez-se isto no intuito de se poder communicar para Paris que se completara uma grande percentagem da somma total das excavações. Não tardou o desenlace, com a triste e desoladora convicção de que a maior parte das economias dos parcos e engodados camponezes de França se tinham sumido sem apellação de especie alguma.

Esta phase desastrosa da historia do canal não precisa de mais explanações. Passaram sobre as questões envolvidas os tribunaes francezes, e o^o incidente está cerrado. É desnecessario reabrir o debate sobre se Lesseps foi burlado ou burlador. Basta-lhe a gloria, grande deveras, de ter sido o promotor e o constructor do canal de Suez. Convem no emtanto recordar o caso, como prevenção contra o desvariõ, a incompetencia, a levianidade, para não nos esquecermos de que os tumulos do passado são os marcos millenarios por onde se mede a estrada de destruição seguida pela primeira companhia—estrada que ainda existe, e que facilmente pode ser trilhada, ainda por um grande governo, se o guiarem a negligencia, uma legislação absurda, ou vangloriosa confiança em si.

Depois da fallencia completa dos esforços de Lesseps, organizou-se nova companhia, e pela primeira vez se procedeu a um estudo systematico do problema inteiro. A nova companhia encontrou-se a braços com duas grandes difficuldades. Primeiro, approximava-se o termo da concessão feita pelo governo colombiano, e portanto a companhia dispunha de um prazo de tempo limitado. Em segundo logar, a enorme divida legada pela primitiva companhia, a qual com grande esforço se tentou resgatar em parte. Uma comissão de eminentes engenheiros decidiu immediatamente que, em vista das circumstancias, estava prejudicado o projecto de um canal de nivel. O custo adicional, sommado ao dinheiro já desbaratado, perfazia um total de tal importancia que impossivel se antolhava qualquer lucro commercial. Portanto, com alguma reluctancia, chegou-se á resolução de construir um canal com docas de passagem e um alto nivel na cumiada.

Desenvolveram-se dois planos afim de determinar a importancia das despezas de di-

nheiro e de tempo. Um d'estes planos presunha um nivel de cumiada com a elevação de 98 pés (cerca de 32 metros), com quatro docas do lado do Atlantico e quatro do lado do Pacifico. No outro plano havia um nivel de cumiada a 62 pés (uns 20 metros), com duas docas do lado do Atlantico e tres do lado do Pacifico. Em qualquer dos casos tinha de se construir um lago artificial a uma elevação pelo menos tamanha como a do rio Chagres, afim de servir de escoadouro a este rio. Resolveu-se que o plano de menor nivel era o melhor, por isso que mais se aproximava da «Ultima Thule» do projecto de nivel do mar. A differença no custo dos dois planos não era consideravel, sendo o orçamento do primeiro, só em mão de obra, 101:850 contos (moeda portugueza, calculando mil dollars por conto), e o do segundo 105:500 contos. As docas a mais no primeiro quasi compensavam o accrescimo de excavações no segundo. Os engenheiros calcularam todayia que o plano de mais elevado nivel seria levado a cabo em menos tempo material do que o outro, e que a sua adopção tornaria mais certa a abertura do canal antes de expirar o prazo da concessão. Esta ultima consideração foi necessariamente o factor determinante para se adoptar o plano menos satisfatorio, com o nivel elevado da cumiada.

Com uma administração prudencial, os esforços da segunda ou Nova Companhia do Canal, que assim se ficou chamando, foram dirigidos para a parte mais laboriosa da obra — o corte da trincheira do Culebra — e deixou-se para occasião mais opportuna a dragagem nas terras baixas, a qual se poderia completar muito bem dentro de dois ou tres annos, o maximo, de trabalho assiduo.

Trouxeram-se de França machinismo e appare-

lhos aperfeiçoados, e entregou-se o trabalho a uma turba multa de operarios, armados de ferramentas.

Um relance de olhos para o perfil do canal habilitará o leitor a apreciar perfeitamente a extensão do trabalho executado por cada uma das companhias francezas. A excavação das terras baixas foi executada debaixo da direcção de Lesseps; a das terras altas, muito mais difficil, foi já executada pela nova companhia.

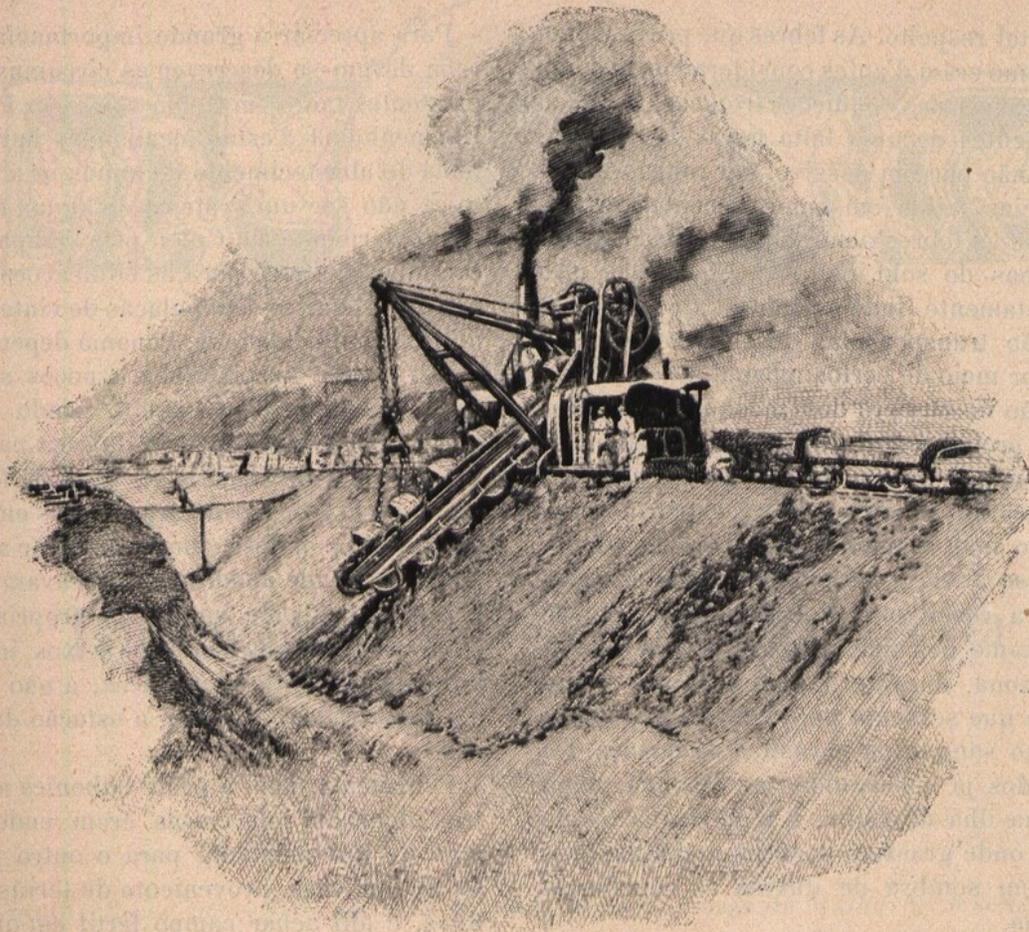
Infelizmente, o problema sanitario não tinha recebido a meticolosa attenção dedicada ao problema de engenharia, e as febres amarella, do Chagres, e outras tropicaes fartaram-se de dizimar gente.

A despeito de todos os esforços, a obra não podia adeantar-se com a rapidez que seria para desejar.

A politica sul-americana estorvava qualquer prorogação razoavel de concessão, e por fim a obra, com todos os direitos da companhia, foi transferida para os Estados Unidos por 40:000 contos.



DRAGAS QUE SE TRANSFORMAM EM SUCATA



EXCAVADOR FRANCEZ TRABALHANDO ACTUALMENTE NA GRANDE TRINCHEIRA DE CULEBRA

A ADMINISTRAÇÃO DO GOVERNO AMERICANO

Pela terceira, e é de esperar que pela ultima vez, se encetou o estudo da situação do Panamá. As condições, que se deparam ao governo americano, differem comtudo radicalmente das que se apresentavam ás companhias francezas, ou que se offereceriam a qualquer companhia particular que possa organizar-se. Pelo desembolso feito pelo governo americano obteve-se propriedade efectiva ou equivalente cabal de trabalho, e não peza sobre a empreza um capital desnecessario de dinheiro esbanjado. Pela cessão perpetua, feita ao governo americano pela nova republica do Panamá, de uma faixa de territorio com dez milhas de largura de oceano a oceano, afastou-se para todo o sempre toda a questão de uma concessão restricta; e finalmente, como o governo americano não tem de considerar o canal sob o ponto de vista mercantilmente lucrativo e como pode obter os fundos necessarios por um juro que certamente não excederá metade do que seria

pago por uma organização particular, é obvio que se podem adoptar projectos muito mais dispendiosos e que exijam mais tempo para se realisarem. Em summa, o governo americano está desafogado de restricções vulgares. Por conseguinte, a questão que se offerece ao governo e aos seus consultores é a seguinte: Qual é o melhor typo de canal a construir, e como deve proceder-se á construcção?

A QUESTÃO SANITARIA

Comquanto o governo americano esteja livre das clausulas vexatorias de tempo e de dinheiro que affrontavam e subjugaram por fim os francezes, não está isento de difficuldades referentes ás condições sanitarias do isthmo. Se esta grande obra tem de concluir-se com honra do povo americano, deve achar-se antes de tudo uma solução a este problema, de modo que assegure, tanto quanto é possivel n'um clima tropical, as condições da vida e da saude. Por fortuna, deu-se um grande passo nos progressos da sciencia me-

dica a tal respeito. As febres que prevaleciam no isthmo eram d'antes consideradas ou como inseparáveis das condições tropicaes ou como dependentes de uma falta geral da limpeza, á qual não parecia possível dar remedio. Experiencias feitas em annos recentes provaram que as febres amarella e malária não são indigenas do solo, não são infecciosas, são completamente independentes de limpeza, mas são transportadas dos doentes para os sãos por meio de certos mosquitos; que pela redução no numero dos mosquitos se reduzem as probabilidades do contagio; e que, sequestrando o doente nos primeiros periodos da molestia, se póde evitar a expansão possível do mal. Demonstrou-se que aos mosquitos se devia a extensão das febres malárias e a resultante origem da contaminação pelo exame dos habitantes de varias aldeias n'esta zona, durante o anno passado, o qual indicou que sessenta por cento da população tinha no sangue os parasitas da doença. Os resultados já conseguidos na Havana, e em geral na ilha de Cuba, e n'outras partes do mundo onde grassam doenças malárias, provam sem sombra de duvida as conclusões referidas.

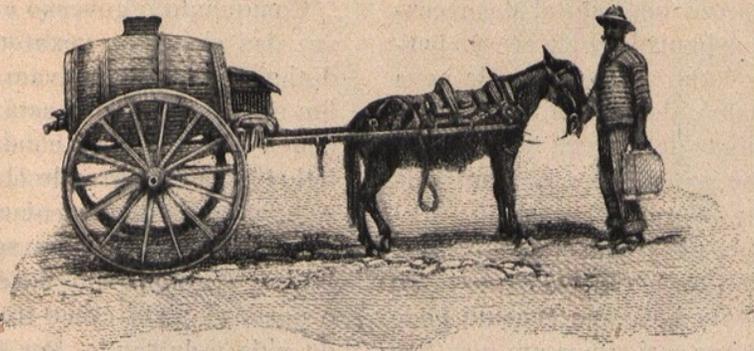
Levantar no isthmo de Panamá a saude publica, como se fez na ilha de Cuba; modernizar as condições sanitarias; remover immundicies; e travar renhida guerra contra os mosquitos, taes teem sido os esforços do governo americano desde que tomou posse da zona do canal ha cerca de dezoito mezes. Para conseguir esses fins, aos mesmos medicos do exercito e da marinha, que tão proficuos resultados teem alcançado na Havana, se deu identico encargo no Panamá.

Para apreciar a grande importancia da tarefa, devem-se descrever as circumstancias existentes tanto em Colon como em Panamá. Em nenhuma d'estas localidades havia systema de abastecimento de aguas ou de exgoto, a não ser um systema de aguas mantido particularmente em Colon pela companhia de caminhos de ferro para as edificações de que era proprietaria. A população de vinte e cinco mil almas da cidade de Panamá dependia exclusivamente de cisternas e poços situados perto de casas sem exgoto, sendo a agua d'esses poços transportada de casa para casa em carros e medida em vasilhas de folha. O lixo e os exgotos eram depositados em fossas no meio da populosa cidade, ou então atirados para a rua onde apodreciam, secavam e eram disseminados pelo vento. As proprias ruas eram calcetadas de pequenos seixos, impossibilitando uma limpeza efficaz, a não ser pelas enxurradas, durante a estação das chuvas.

Felizmente, nem a peste bubonica nem outras doenças infecciosas eram endemicas; mas de um momento para o outro poderia surgir um caso, proveniente de terras extranhas, e alli achar campo fertil em que desenvolver-se.

Ambas as cidades eram cercadas de pantanos em que se poderiam crear mosquitos; mas o mais ameaçador sob o ponto de vista sanitario eram as cisternas e os depositos de agua junto das casas, os quaes forneciam excellentes viveiros áquelles insectos. Como o mosquito que causa a febre amarella não é migratorio, esses viveiros no meio da população são mais perigosos do que os pantanos distantes.

(Conclue.)



ANTIGO MEIO DE TRANSPORTE DE AGUA EM PANAMÁ



Uma poetisa, filha de um grande poeta

Emmurcheçar no espaço de uma manhã, como as rosas de Malherbe, é sempre triste condição. Mas que fará quando a flôr, desabrochada n'um ambiente de luz divina, guardou nas petalas raios d'esse esplendor para os espargir a eito pelo mundo, de encolta com os perfumes communs a todas as suas irmãs!

A juventude é bella, mas é um bem terreno. Bem celeste é o talento, e esse é magua quando apenas em primicias suaves logra ensejo de expandir-se entre os homens.

Nem sempre é esse dom hereditario, apesar do conhecido proloquio: Filho de peixe... Mas, quando uma scentelha acaso reverbere do genio paterno sobre um cerebro infantil, basta a atmosphaera oxygenada do lar para lhe inculir vigor irradiante.

Uma filha de João de Deus, morta na flôr dos annos, é exemplo flagrante d'esta verdade. A propensão nativa ia-se-lhe serenamente desenvolvendo, a seiva poetica enriquecia-se a olhos vistos ao calor benefico de um lar onde, ainda após o desaparecimento do grande espirito, o seu influxo permanecia, como a chamma perenne ante o altar dos Penales.

Era um character singular, o de Clotilde Ramos, que repousa no tumulo ha cerca de dois annos. Sobre um fundo azul de bondade, nuvens de ironia vogavam, iriadas e leves. A inquietação do seu espirito, sempre ancioso por cousas novas, sempre prestes a frechar ridiculos e ruindades, sempre distillando gracejos sobre as scenas que o mundo offerecia, não perturbara a lyrica sentimentalidade hereditaria, que em ondas limpidas lhe acudia a flux. São d'isso testemunho as delicadas e sentidas quadras que em seguida transcrevemos. Representa a sua divulgação, ao mesmo tempo, a homenagem saudosa a uma nobre alma, tão cedo roubada ao affecto dos seus, e a revelação publica de um encantador talento feminino, que a Morte prostrou em flôr.

N'estas ligeiras trovas transluz, a par de uma enternecida e vaga melancholia, a funebre apprehensão de uma alma que já ria proxima a definitiva romagem.

Trovas de D. Clotilde Ramos

*Não sei se ria, se chore,
Ando em triste indecisão;
Se choro, magoam-se olhos,
Se rio, o meu coração.*

*Não querer pensar n'uma cousa,
Mais n'ella se ha de pensar;
Que, quando eu penso em esquecer-te,
Mais de ti me ando a lembrar.*

*Na força da minha magua,
Não sei bem o que é a dôr;
Os olhos, quando chorosos,
Não é que vêem melhor.*

*Ninguem falle em suas maguas
A quem mais maguas não tem,
Só tem maguas d'outras maguas
Quem maguas tiver tambem.*

*Por uns olhos que fugiram,
O lume dos meus perdi:
Porque nem elles me viram
Nem eu tambem mais os vi!*

*Fico mais alegre em vêr-te,
Estando sem vêr-te uns dias!
Quem nunca teve tristezas,
Nunca sentiu alegrias.*

*Chamam-te doida em não teres
O pensar que os outros têm!
Deixa lá fallar quem falla,
Façe tu por pensar bem.*

*A saudade bem pudera
Dar-me tambem esperança,
Se quem espera sempre alcança;
Feliz de quem sempre espera.*

*Quando os teus olhos diziam
Coisas que os meus encantavam,
Sei que os teus olhos mentiam
Sei que os teus olhos choravam.*

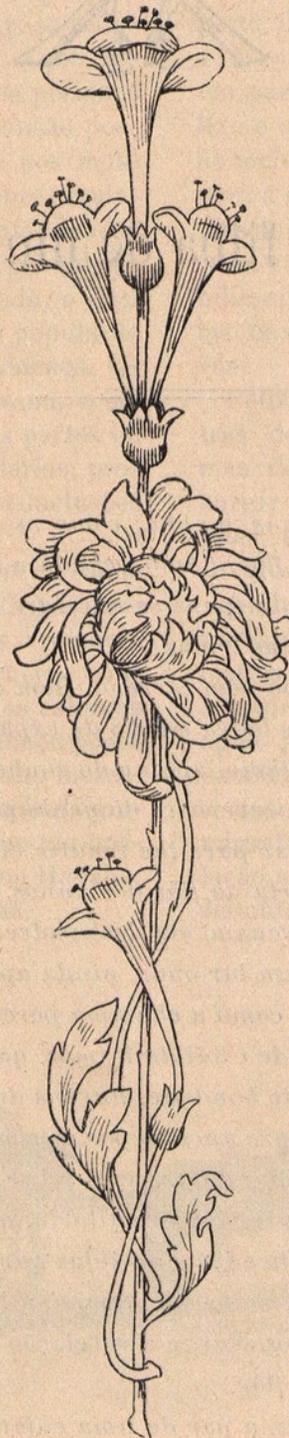
*Se te digo, sempre ris!
Que minhas maguas sobêjam,
Quando p'ra ser infeliz
Basta que os outros o sejam.*

*Se vou para quem não devo,
Não me perguntes por quê:
Antes d'amar não se sabe...
Depois d'amar não se vê...*

*Porque só gosto de ti
Não me has de reprehender
Gosta-se quando se gosta,
Não se gosta, se se quer.*

*Só é feliz quem quer pouco
E quem esse pouco tem,
Porque esse pouco é o muito,
Porque esse muito é o bem!*

*Dizem que uma alma partida
É um corpo que tombou.
Perdi te... fiquei sem vida...
E inda Deus me não levou!*



De só lembranças mandares
Nas cartas que me mandaste,
Cheia d'ellas me deixastes,
Para sem ellas ficares !

Trocava os teus olhos tristes
P'los alegres que são meus.
Nem depois os teus mentiam,
Nem mentiriam os meus !

Vão-se as penas que se teem
Nos suspiros que se dão,
Mas se assim vão, assim veem,
Voltam, assim como vão !

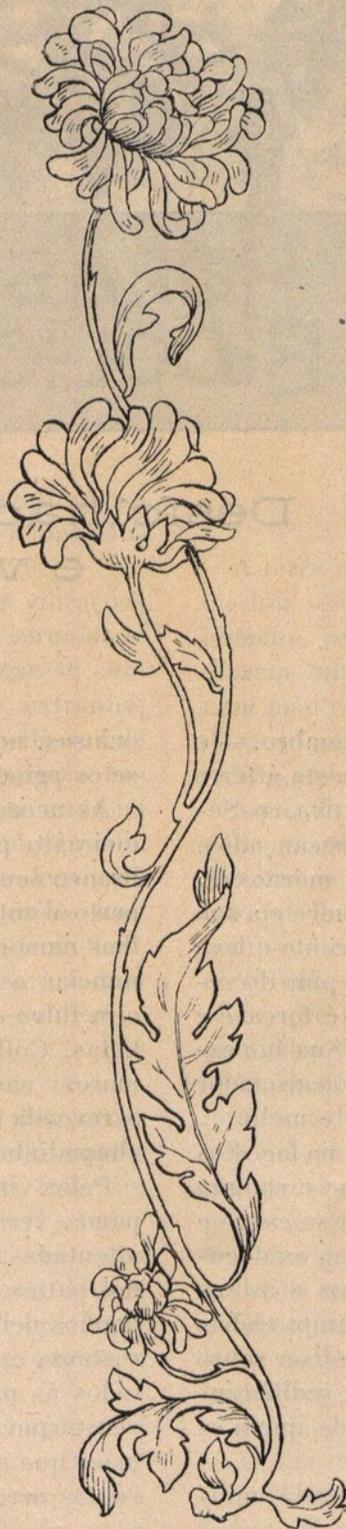
Infeliz d'esse que pensa,
Não crê em nada e em ninguém...
Crenças que tendes crença,
Ensinae-me a crêr também !

Ó solitaria andorinha
Que no espaço andaes perdida,
Vinde aqui, que a vossa vida
Talvez se entenda com a minha !

Leve-me breve o Senhor,
Nada no mundo me tem;
Já que perdi teu amor...
Que perca a vida também.

Tu dizes que estes meus olhos
Não têm a luz dos teus !
Pois olha que esses teus olhos
É que são a luz dos meus

Quando leio as tuas cartas,
Com tanta loucura estou
Que cada letra que vejo
É um beijo que lhes dou...



«Ais» são a canção sentida
Que sempre nos canta a Dór,
Nas noites da nossa vida,
Nas trevas do nosso amor.

Se julgaes de morrer cedo,
Meu amor, perdido andaes !
Quem deseja morrer, soffre,
E quem soffre... vive mais.

Anda-me a magua crescendo,
Vae-se-me a vida a perder,
E quanto mais vou perdendo,
Mais eu sei o que é viver !

Porque vos não posso vêr,
Se vos vejo soffro mais,
Mas como eu soffro a valer,
Se não estou aonde estaes !

N'este mundo vive mal
Quem viver com o bem quer ;
Que sómente vive bem
Quem com o mal quer viver.

Ao chorares por minha vida,
Recebi o pranto teu,
Como a terra resequida
Recebe o pranto do ceu !

Toldam o ceu nuvens negras
Que se desfazem em agua...
Desfazem-se nos meus olhos
As nuvens da minha magua !

Vi na noite mais fechada,
Ser manhã — nascer o dia !
O minha alma amargurada,
Tende esp'rança n'alegria !



Desfolhadas
e vindimas
na Beira



VAE no fim Setembro, — o Setembro de sésta á terra laboriosa e activa, o Setembro dos dias cançados, somnarentos e mornos... O sol enfraquece e a sua luz resplandescente e leve já não fulge, nem crepita, como no pino d'ouvroir, quando pelos campos tudo é força e é vida e ancias fortes de crear. — Sua luz esvae-se como um sorriso amoroso, acariciador e apaixonado ainda, mas saciado e molle...

As terras envelhecem : desmaia na face dos campos a alegria dos viços, como o sangue viril das mocidades e das saudes se esvae e apaga nas faces cançadas. Chegam as doenças, a pallidez, os esmorecimentos e as rugas, como no final d'uma vida muito trabalhada, e começam já os rios a deslizar sobre os areaes em que se consumiram, indifferentes, serenos, apagados, n'um ar de quem se sente inutil e escusado.

Ao fundo das olhalvas e das fazendas miudinhas, entre as arvores polvorosas, cujas raizes vivazes bebem á solta dos rios, pararam, quietos e desoccupados, os engenhos de tirar agua.

Já não é preciso regar-se — pelas terras

ociosas, nos restólhos dos milhos, semeiam-se os primeiros nabaes.

As accacias das estradas, que são as primeiras a proclamar a primavera, florindo de branco seus enxovaes de noivas mal o sol experto d'entre Março e Abril começa a fazer-lhes namoro, são tambem as primeiras a denunciar o outômno. — E doiram-se já d'um oiro fulvo e quente, as suas folhagens recordadas. Cólhem-se as ultimas fructas dos pomares; nas figueiras que se desfolham, sob a revoada dos pardaes, retorcem-se nos pés, chupadinhos e doces, os figos vindimos.

Pelos vinhêdos, começa a surgir em pampanos vermelhos, o sangue dos primeiros attentados. Reluzem ao sol, nas varandas e nos patins, as gordas aboboras d'ouiro; os rebanhos deitam-se á solta p'rá milhã secca das restevas e a pequenada manda-se p'r'ós montados ás pinhas e á caruma. É o fogo do inverno que se arrecada, ou o ninho dos animaes que se compõe nas córtes enquanto os ventos arrepiantes trazendo folhas e poeira, n'um remoinho, vão suggerindo a tormenta fria do inverno...

Esmaece a côr do céu. D'um azul gasto, ás tardes, a gente parece sentil-o adormecer-se sobre as coizas, sobre nós, n'um lento des-



OS REBANHOS DEITAM-SE À SOLTA

cerrar de palpebras doentes enquanto toda a Natureza parece ir mergulhando n'uma languidez alquebrada e scismadora...

Já não agitam a atmosphaera as vibrações claras da faina agricola, que a sua serenidade extatica, repousada, parece alarmar-se com qualquer ruidosinho. Alvoroca-se, extranha, se no meio das terras tristes, aquella voz de rapariga, além, a rasga n'um gorgeio estridulo de gritos, ou se a gente que anda na vindima do Sr. Morgado ergue alto de mais, na sua falacia contente, a sônora alegria de colher a lindeza d'uvas que vemos suspenderem-se, em grandes redeas de cachos, das altas arvores que lhes cercam, a toda a roda, a sua grande quinta de rico-senhor... E appetee dizer-lhes:

— Schut! seus grulhas!...

Que não façam tanto barulho! Podem acordar o Azul, sob que a paisagem, maternal paisagem de terras d'amanho, todo um verão luminoso e fecundo, a labutar, a batalhar, a criar, parecê agora fazer sua cama entre lençoes de sol lavado, e querer deitar-se n'um somno de descanso com a satisfação consoladora de quem cumpriu alegremente o seu dever...

Até os carros que vão levando as uvas para os primeiros lagares, sentem isto: — De subida pelos trilhos ladeirentos adoçam n'uma surdina a aspera chieira desafinada dos seus eixos.

São por este tempo, Senhores, as desfolhadas.

A terra não foi coisa feita apenas para um ou dois, — penso. Quando o Senhor a deu aos homens, por certo foi para que elles a dividissem entre si com egualdade e amor, como uma mãe reparte pelos filhos com fome o pedaço de pão que lhe resta em casa.

Não acontece, porém, assim.

Aqui, da pouca que ha roubada aos montes pelos rasgões verdes e fundos dos valles ou das insuas, ha quem grangeie grandes pedaços que lhes chegam e sobram, mas ha tambem, — e estes são os mais! — quem não tenha d'ella nada, ou d'ella tenha apenas uns cibos que mal chegam para semear uns tres punhados de milho.

As desfolhadas d'estes claro que são humildes, calladas e tristes como a sua pobreza.

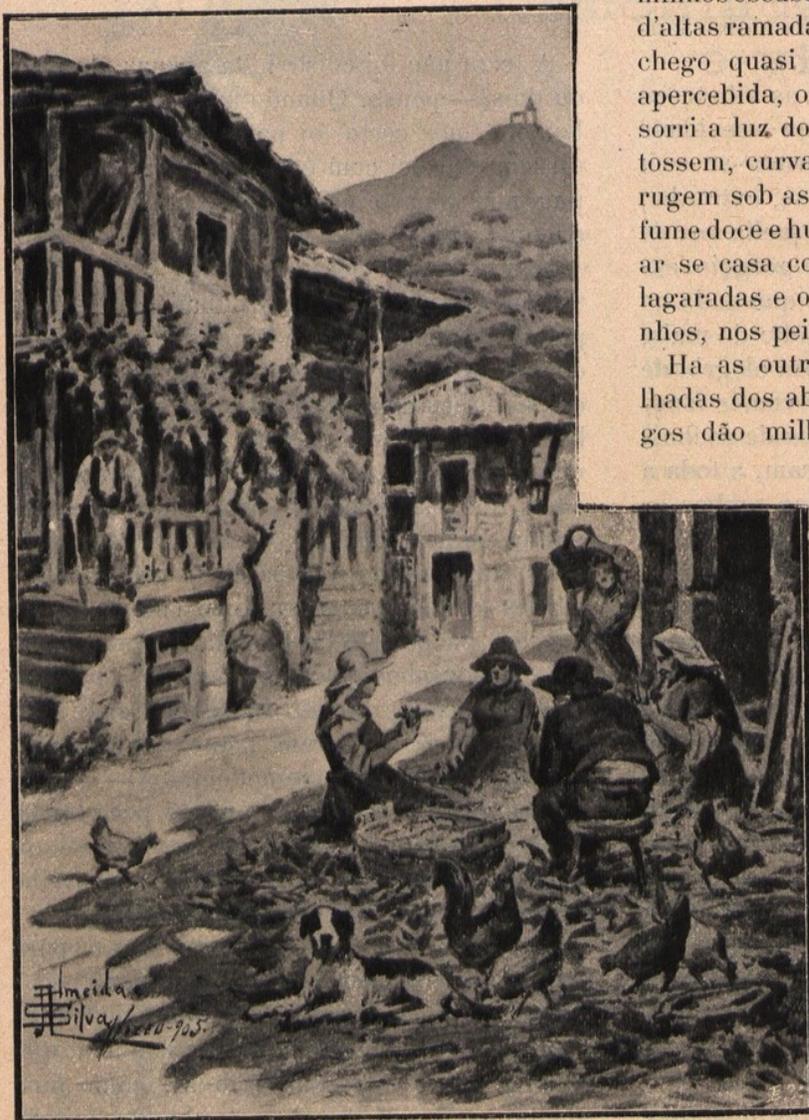
N'um pedaço de tarde ceifaram os milheiros mesquinhos, acarretaram-nos para a porta de casa, quando lá dentro, onde mal ha cabo para dormirem, não exista lugar ou palheiro onde os accomodem.

Ficam alli mesmo. Pouco é para tomar lugar ao caminho, ou estorvar quem passe, ou tentar as *vontades do alheio*. E dá-se-lhe aviamento depressa, não haja quizilias.

Ao fim de ceia, a gente de casa sae cá para fóra. Tristes e pouco fartos, trazem os escabellos em que devoraram os caldos: dependuram n'uma frincha da parede a candeia, que fuma e reluz no escuro, ao ar, como uma abelhinha d'oiro, inquieta — e a desfolhada começa.

Uma a uma, as poucas espigas cahem na canastra, os *canneiros* são atirados para o lado, — tudo muito callado, muito triste, sem festa nem algararra, quasi envergonhadamente, entre os pequenos que principiam por brincar sob os ralhos asperos dos paes, e entre ralhos acabam por adormecer na palha, — a cuscubilhice passageira da mulher, as cantigas afogadas das moças, se as ha, a historia que conta a vizinha que do lado veio tambem dar sua demão na tarefa...

Se é de dia, pela manhã, ou á tarde na res-tea do lourinho sol, que já sabe bem, a scena anima-se um pouco. Sempre passa gente: saúda: — «Deus vos ajude!» — «Deus os acompanhe!» — E vae uma chalaça, e vae um ditote, um riso, em quanto as espigas se descamizam, pouco e pouco, descançadamente.



AS GALLINHAS, ALVOROÇADAS, ACORRERAM

O cão da casa vem e enrosca-se regalada, socegadoamente, no folhêlho; as gallinhas dos vizinhos accorrem, alvoroçadas, e vão d'envolta com a gente, n'uma intimidade perfeita de seres eguaes e amigos, debicando os grãos mal aproveitados. Se um gesto ou um berro as escorraça, fogem atarantadas, confusas, os pescoços esganiçados p'rá frente, as azas de rastros... O rafeiro acorda: olha de soslaio sob as grandes pestanas trémulas, — resmungua. É dia claro, estende-se sobre os campos, onde chiam os carros, onde passam murmúrios, e parece que na sua claridade serena, feliz, a Terra olha docemente os seus fructos, reluzindo como ouro nas mãos laboriosas d'aquelles que a fecundam.

Mas estas não se veem, nem se sentem, quasi. É preciso embrenharmo-nos pelos caminhos escusos das aldeias, onde, sob a sombra d'altas ramadas, junto das portas, e n'um aconchego quasi intimo da scena familiar, desapercebida, o lume d'oiro da candeia arde, ou sorri a luz do dia, as gentes segredam coisas, tosem, curvadas e somnolentas, os folhêlhos rugem sob as mãos, espraiando no ar um perfume doce e humido de palha orvalhada, que no ar se casa com o dos mostos das primeiras lagaradas e o dos cravos que fenecem, tristi-nhos, nos peitoris das janellas minusculas.

Ha as outras, — as *de estrondo*, as desfolhadas dos abastados, cujos campos mais largos dão milho [em medas e cujas colheitas põem nas noites, tambem, sua fartura d'alaridos contentes, felizes...

Estas sim! — estas são coisa pittoresca a valer!

*

De dia, homens e mulheres ceifaram. O sol já não queima: — é antes n'aquellas pelles tismadas e retismadas, como a macia caricia d'uns dedos d'oiro, que lhes faz cocegas, que os faz rir, e a ceifa foi uma brincadeira: — gente de casa, gente rogada, vinho ao meio dia!...

Depois os milheiros ficam no campo, em montes enormes.



A DESFOLHADA COMEÇA COMO SE FORA UMA FESTA

O dono á tardinha vae-se pelas casas dos vizinhos, em mangas de camisa, um riso nas bochechas, disfarçado e videiro:

...— Sabe?...Tenho lá hoje cascadella...

É no *Rechão*. Ou: é no *Valle*... Ou: é no *Arreto das Almas*—lá'riba...

Póde estar socegado: tudo vae.

Os paes mandam as moças, que já o esperam n'um aneio, como se fôra p'ra festa e os proprios velhos vão tambem, — vão dar a sua demão, — lá uma noitada, p'ra lembrar tempos passados. — E creio que, ó depois, em casa, remoçados e suggestionados, os proprios velhos noivam...

Vae, a desfolhada começa, como se fôra uma festa. Os bandos da *ajuda* repartem-se pelos montões do milho, á roda, conforme a força d'elles, conforme veem chegando: — «Deus os ajude» — «Deus os traga»!

Se faz luar basta a grande lampada da lua, cujo globo de porcellana, cheio d'umá electricidade unica, se suspende dentre as miudas estrellas do ceu recurvo e allumiado, para os campos quedados n'uma absorpção d'extase feliz. Se faz escuro, engendra-se um lampeão dependurado n'uma estaca e que, bamboeantes, frouxos e escaços, deixam de volta uma penumbrazinha macia, passaculpas, propicia a judiarias e beliscões, a beijos e abraços, a palavrinhas d'amor que rolam discretas, n'um aconchego perigoso dos corpos...

A noite arrefece, ao alto; e mergulhados na palha um bom calor se faz, aviva e inquieta os sangues...

Vieram moços com violas, com harmoniums. Uma romaria! Tudo canta: são córos, são vozes sós, altas e sonoras, ondulando com largueza no ar quieto regras chorosas de fado, e de *Canninha Verde*, e de *Viras e Ribaldeiras*...

Bandos de moças acarretam as canastras de espigas para as eiras. Se faz luar, são de prata, as espigas, luzindo e reluzindo nas canastras. E as raparigas, de perna arregaçada, braços ó alto, esfumadas na noite, bailam cantando e rindo n'um alarido que se alastra, escorre pelo campo. Ao dobrar d'um caminho, na sombra espessa d'alguma folhagem, uma especou a conversar com algum moço que a espreita e espera. Suas falas arrulham d'amores.

No ar anda um aroma doce, sensualisa: É d'ervas, é de mostos, é dos pomares, dos mangericos que se distillam nos seios quentes das raparigas...

Quem encontrar uma espiga de milho vermelho, de milho-rei, póde dar uma rodada de abraços. Um ergue-se: luz-lhe nos olhos um triumpho: — «Upa! Cá'stá... Cá'stá!...»

Peitos que elle vae abraçar, corpos com que vae rolar no folhélho macio e quente! — até as velhas viram de lá todas escandalisadas:

— Eh! eh! Bonda! Bonda de pouca vergonha... O cara de fome, — fome d'abraços, claro!... — e riem.

E as moças negam-se: não querem, não vale! Os latagões cheios dos seus direitos e dos seus desejos teem arremessos para ellas, que tapam as caras com as mãos, furtam os corpos, guincham suas risadinhas curtas de susto e de cócegas n'um estridente alarido de risos e gritos e chalaças sonoras, que varam a noite queda, echoam pelas quebradas, n'um imprevisito alarme. Todas se repinicam as violas; os harmoniums teem guinadas; e os cães que não gostam do barulho vão ralhando com sua auctoridade, pelos casaes, ao largo, impacientes e bravos...

Mas tudo volve a socegar-se. Desfolha-se, trabalha-se. A noite corre suave. De volta, na sombra perturbada dos montes, as paisagens commovem-se, não digam que não, as paisagens *sentem-se*, estremeçadas n'um largo aneio semelhante ao das mães quando em seus peitos se repercute a alegria dos filhos, contento e graça do proprio leite... Os córos, as violas, o zum-zum das vozes, que as distancias reduzem a um murmurio marulhante de segredos altos, pousa no seio d'essas noites, na calma dos espaços aconchegados, como uma carícia. E assim ha qualquer coisa que as espiritalisa n'uma poesia dóce, as enternece d'uma emoção branda, sincera e rude, que faz sonhar á gente seu sonho simples e humano de ser lavrador...

Ser lavrador, e ser simples: e abraçar as raparigas e andar de namoro pegado com a Terra, como deve ser alegre e bom!...

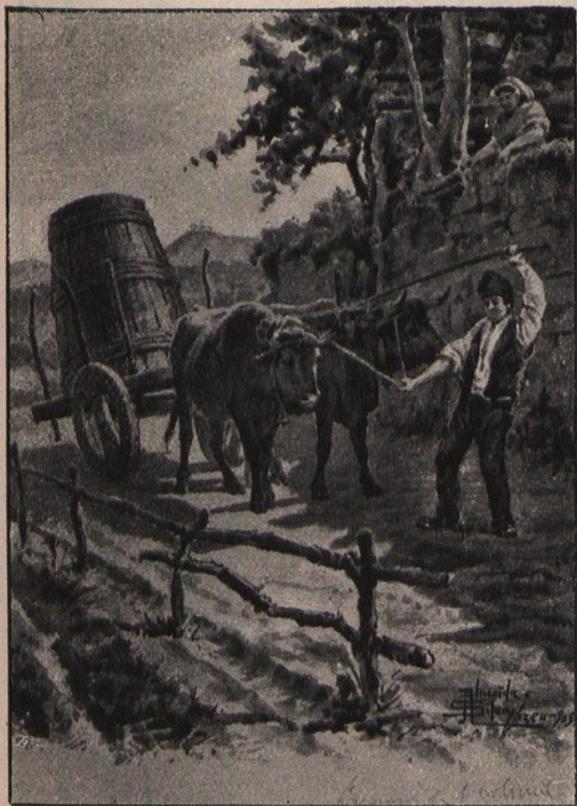
*

Dizem que lá para o verde e claro Minho, são muito pittorescas estas desfolhadas. Não sei — mas creio piamente que aqui — n'esta Beira, minha arisca e montezinha Beira! — o são ainda mais.

Lá toda a Terra parece uma terra-de-amanho, onde em toda a parte a gente cava, semeia, colhe, canta e ri. É uma herdade imensa de ricos brasileiros. O alvoroço das alegrias humanas perde-se na larga pompa das alegrias naturaes, esse silencio das coisas em que os rios fallam e gritam mais alto — que vozes. Não ha, parece, tão nuas e desoladas, estas serranias tristissimas de infecundidade, — que é o mais que por aqui ha. A sua sombra de esterilidade alastra-se por toda a parte: toda a paisagem mergulha n'ella.

Visto de longe, tudo parece terra bravia; e quando, aqui e alli, apparecem d'estes valle-sitos em que a gente vive, são como risos, são como milagres, beijinhos de verdura, retalhos de velludo n'um fato de pobre! Granjeia-os a gente com um amor, com um cuidado, n'um idyllio em que terras e homens, se amam e namoram.

E quando eu pelas noites tristes, as ouço, ás desfolhadas, parece-me que ouço nellas — dentre as serras bravas, azedas, escurecidas na sua dôr d'estereis — não só a alegria egoista dos homens que colhem — mas tam-



CONDUZINDO AS BOJUDAS DORNAS DE UVAS

bem pelas suas vozes, a da terra agradecida dos valles, que canta e louva Deus pelo seu contentamento e fecunda virtude de criar...

*
* *

Or'agora é Outubro que começa. O sol tem na sua luz fina e frouxa, não sei que expressão melancolica, esparsa, auzente. Sorri como um tisico... De rôda, coram de vermelhidões de febre, as faces da paisagem. — São as folhagens dos pomares, os pampanos

das altas arvores de vinho, os soitos das encostas que se afoguem num fulvo loiro de chammás.

Cavam-se mais fundas as rugas da velhice na terra. Começam os arados a sulcar os campos. Pararam as eiras e os rios crescem, sobem, correm mais apressados sob as folhas d'oiro que cahem.

No azul dos ceus passa uma nevoasinha de saudades, uma poeira de sol em que se apagam as ultimas esperanças da verdura, e em que pelas tardes as montanhas longinquas se opalisam, indecisas, aladas n'um vago — como sonhos... Tombam mais cedo as noites d'um fino azul, lucilando de estrelas lacrimosas, ou estendendo pelos campos, como de mãos cruzadas, um branco luar morto.

Já na penumbra, o sino das *Avé-Marias* falla com um accento mais triste, mais discreto, pezaroso e elegiaco. No intimo dos solos que se refrescam e humedecem sob a humidade das noites e sob o orvalho das manhãs, os reconditos veios d'agua fortaleceram-se. — E é mais vivo e expansivo, agora, entre as ervas seccas, sobre os musgos d'oiro, o grógolejo das nascentes e o claro choro das fontes.

A luz fina, adelgaçada, dos crepusculos tem qualquer coisa d'essa transparencia lactescente que antecede os eclipses extranhos e no chão poirento dos caminhos muito trilhados, ou na superficie pallida das arádas, a rala folhagem mesquinha e os troncos despídos das arvores, recortam-se a sombra fina, d'uma nitidez quasi cruel, requintada... As mulheres que voltam das fazendas, ou procuram as fontes, agacham já sob os aventaes curtos de serguilha as mãos encardidas, ou suspendem das cabeças enriçadas as longas, esguias capuchas de burel; — «Que faz frio... Ui!»

Entrementes, pelos rodeaes dos arretos, entre as videiras ou sobre as arvores, movem-se as manchas brancas das camisas, os vermelhos vivos das carapuças, os lenços claros das mulheres, e de vagarinho em um lento e moroso passo d'enterros, ladeiram pelos caminhos os carros dos bois, conduzindo as bojudas dornas d'uvas. Os homens que os guiam, — aguilhada sob os braços, mãos nos bolsos, — vão todos elambuzados, — ennodoados de mostos vermelhos, de vermelhos sangues.



AS VINDIMAS FAZEM-SE SEM ESTRUPIDO

Parece que fizeram algum crime. Cantaram vagamente...

São as vindimas.

*

Não ha vinhedos grandes. Todos teem, alindando os arretos e as fazendas, seus cordões de videiras mal cuidadas, suas tenchoadas altas, suas latadinhas acantoadas sobre as reprêzas d'agua ou sobre os caminhos, onde a sombra não apouque e damnifique as terras-de-pão. Ha castanheiros enormes, todos enredados de vides, que em annos de fartura suspendem das hasteas preguiçosas uvas para encherem não sei quantos cabazes, — dos grandes, dos vindimeiros! E' quasi sempre junto das casinholas, co'as raizes a nutrirem-se da gorda terra dos quinchosos. Videiras são de respeito, e louvadas, — algumas!

As vindimas, mesmo as mulheres, fazem-se sem estrupido: meia-duzia d'homens, dos mais ligeiros e leves, para andarem com as escadas em riba das arvores; meia duzia de

mulheres para vindimar rasteiro — a canalha da casa ou dos vizinhos, que vae atraz rebuscando os bagos perdidos, sujos da terra em que se rebolam, enlambusados das uvas asucaradas com que enchem as pançasitas e parece até que turbam as cabecinhas ôcas!... A canalhita d'aldeia, agarotada, viva, esperta, reforçada e rija, de curiosos olhos a pasmar de tudo, — as camisas rotas, as calças a cahirem-lhes das cintas, as cabeças enriçadas e sujas, seus instinctivos impetos p'rá maldade — ella é que faz a festa as mais das vezes.

— Eh lá! meus homens. — Vamos com isso qu'é noite — resmungando de a revezes, a voz do lavrador. De resto, nem se faz barulho.

Uma ou outra mulher diz sem vontade uma ou outra cantiga desentoadada.

Parece que a melancholia das coisas peza sobre as almas — as figuras movem-se, sem ruido, em cima da paisagem, cautelosamente, discretamente, como quando se lida n'um quarto de doentes adormecidos...

Emquanto no meio dos arretos os carros da



A CANALHITA DA ALDEIA

dorna esperam — a aguilhada ao lado, os cães dormindo n'uma restea de sol, junto às rodas — os bois desapostos, mesmo sob a canga vão retouçando nos pampanos, ruminando as folhinhas e os talos mais verdes. E, dornas cheias, os carros partem. Alguma mulher que vá no caminho, ou esteja na fonte, ou apanhe os chamiços do quinteiro para acender o lume, pára ao passar do carro, — a falar da vindima, a perguntar da colheita.

— Assim, assim! — Nem que falte, nem que sóbre. — Louvado Deus! uma lagaradassinha bonita...

E um cão ou outro, mais feroz, ladra nas hortas, sobre os muros, á chiadeira indifferente dos carros que lá vão seguindo seus rumos.

*

A piza nos lagares é quasi sempre feita de noite.

Todo o lavrador remediado, possui o seu lagar em casa: um tanquesito de pedra, muito sujo, sob a grossa e antiga trave de castanho, entre tarecos velhos, rebotalhos da lavoura, arcos de pipas, o arado, a grade, as batatas, o bagoço, as teias d'aranha... o que calha. Quem o não tem, pisa às vezes no lagar dos outros. E enquanto cá fóra num silencio grave as noites descem, as noites se enrolam nas coisas, os homens fortes, seminus, de musculos á mostra, velados na meia-luz indecisa e tremula duma candeia dependurada da trave, pizam, pizam, repizam, ganhando seus ares tragicos, — todos espirrados do sangue ainda quente das uvas, macabros, rindo por vezes um riso alegre e bom que parece tornar-se feroz sob as luzinhas vermelhas

que lhes cortam nos rostos os chupões dos cigarros... Adormece tudo na noite, dê volta, nos campos e nos povos, sob as sombras que se adensam. E elles, entretidos, vão fallando sempre, conversando sempre, contando historias: — fadas e lobishomens; mortes e desastres...

Sob os seus pés o mosto quente ferve, chia, espuma: — «É bom, — tem um cheirinho doce!»... Algum se dobra para elle, provando-o n'um sorvo da mão concava, sangrenta: — «É vivo: tem boa tempera, melhor, peor, do que o do outro anno...» — e quando chega o lavrador, co's cigarros, co'a cabacinha da aguardente, o lampeão na mão, o riso alegre nas bochechas... louvam-lhe a colheita:

— Sim senhor! Sim senhor — uma pinga de estalo!...

O outro, agradecido, coça as orelhas, offerece a prova para o dia de S. Martinho: enleia-se:

— Louvores a Deus!... Eh! eh! rapazes, louvores a Deus!...

Quasi nunca esquece n'estas coisas, o fallar-se das virtudes de curar que o mosto tem... E com tanta fé, tamanha crença o fazem, que até seria peccado deixar d'acreditar nas suas balelas ingenuas, — como, por exemplo, aquella do José do Russo: — que estava *étego* de todo, p'ra'li a *despedir*, e vae um dia, porque a Anna Benzedeira lh'o ensinou, tirou-se dos seus cuidados e — catrapuz! — tomou um banho no mosto quente...

Banho de respeito! Ficou bom, sãozinho e rijo, como um pêro...

— Oh! o vinho de Virtude, — Sangue de Nosso Senhor!...

E adrega ás vezes cantarem os gallos, ser noite velha. Entretidamente, elles, como que se esquecem: pizando, pizando, repizando, as uvas doces, — fruta abençoada de que sahe a alegria das mezas, a tontura benigna em que tanta dor se esquece, e tanto pezar se esvae...

Vinho alegre: vinho jovial dos ridentes vinhedos da minha terra! assim se fabrica.

*

Dizem que o Douro alcantilado das vinhas sem fim, é que é por excellencia o paiz das uvas e das vindimas.

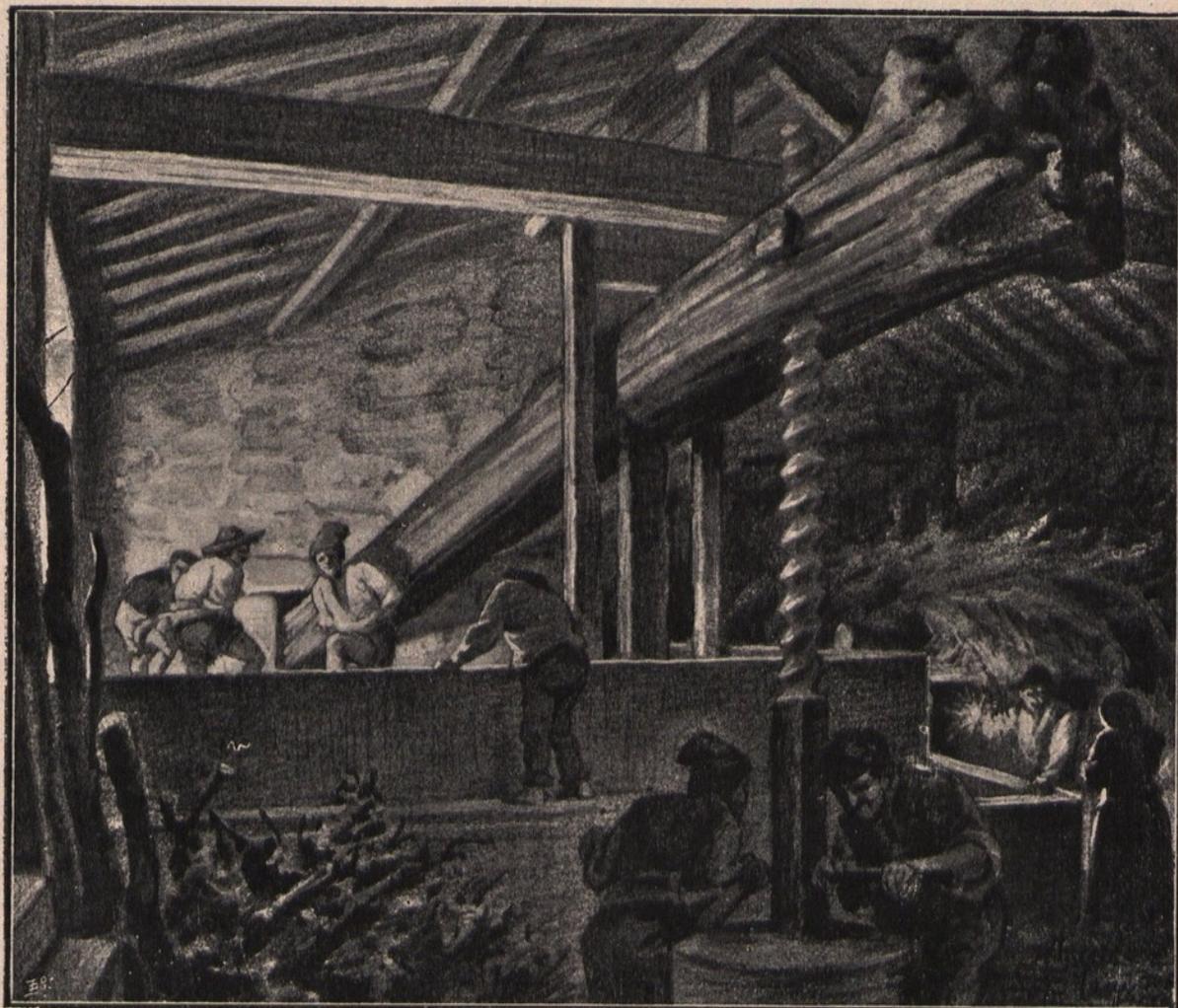
Alli, a faina é realmente larga e bella. Porém, a gente que trabalha, em regimentos, nem se conhece uma á outra, muitas vezes.

Vae de longe, de todas as terras, como vae para as ceifas do Alemtejo; trabalham sem amor, sem interesse, — curvados, auzentes, mercenarios...

N'aquella grandeza dos grandes montes faustosos, não existe esta bucolica poezia, esta commovida alegria, sentimental e agradecida de colher os fructos com as mesmas mãos com que se semearam, e desveladamente se cuidaram todo um verão, entre receios, entre esperanças, entre canceiras e vigílias...

Amo mais as vindimas da minha terra — minha linda e pittoresca Beira! — feitas assim, tão discreta e desapercibidamente, no enternecimento poetico que o outomno melancolico lhes dá — e diz tão bem! tão bem! na face modesta das suas lindas paisagens...

JOÃO CORRÊA D'OLIVEIRA.



A PIZA NOS LAGARES É QUASI SEMPRE FEITA DE NOITE

UM EPISODIO DE ALBUERA



RA uma organização privilegiada a do tenente Pombo! Inteligente, vivo, e mais que tudo artista, não lhe faltava qualidade alguma, d'aquellas que, dirigidas e cultivadas, pódem levar um homem á gloria e um nome á celebridade. Effectivamente não havia nada que o Pombo não fosse capaz de fazer, porquanto desenhava bem, versejava com facilidade, e principalmente era bom musico, e tocava guitarra com mestria. Assim como improvisava versos, assim improvisava melodias; e a inspiração musical, toda rescendente ao perfume das cantigas populares e genuinamente portuguezas, ninguem melhor do que elle a traduzia nas notas plangentes do seu instrumento favorito. E ainda por cima de tudo era bonito e bom rapaz, e, como se póde imaginar, um companheiro precioso para distrahir os camaradas, quando, depois de um tiroteio ou de uma marcha forçada, a palmilhar caminho atraz dos francezes, por terras de Hespanha, era permittido accender fogueiras e descansar um pouco.

Um unico defeito, mas esse grave, punha uma nota discordante n'este conjuncto de perfeições: o Pombo bebia desalmadamente! Qualquer liquido que cheirasse a alcool, condição *sine*

qua non, estava na conta para o tenente, e fosse vinho generoso ou zurrapa ordinaria, cognac fino ou aguardente mal cheirosa, ingeria tudo sem cerimonia, e quanto viesse, ficando depois como era de esperar. Foram vãos os esforços para o afastar do abjecto vicio; aquella intelligencia lucida, aquelle talento de artista foram-se apagando pouco a pouco, veio o embrutecimento e o delirio, e o Pombo morreu ainda novo, da morte desgraçada dos alcoolicos incorrigiveis.

Havia no regimento dois dignos companheiros do tenente nas lides de Baccho, o padre Bomjardim, capellão, e um outro official cujo nome, se bem que o merecesse, não passou á posteridade. Esta trindade de beberrões, entre os quaes o Pombo occupava ainda assim o primeiro lugar, tinha formado uma especie de companhia, na qual só poderia ser admittido aquelle que exgotasse de um trago um copo de colossaes dimensões, que era propriedade do padre. Parece comtudo que a prova indispensavel para a iniciação era de tal modo terrivel que ninguem se abalançara a tental-a, e o numero dos confrades continuava a ser de tres sem esperanza de augmento.

Uma noite, a do proprio dia em que se ferira a batalha de Albuera, estavam reunidos alguns officiaes, e entre elles o Pombo, que, empunhando a



O POETA ENTOOU UMA QUADRA
QUE D'ESTA VEZ TRATAVA DE VIVOS
E DEIXAVA EM PAZ OS MORTOS

guitarra, e já no estado que para elle era quasi normal, dedilhava as cordas, ao mesmo tempo que fazia versos bons como sempre, muito embora de vez em quando, no duplo calor da inspiração e da bebedeira, algum lhe sa-

hisse menos correcto. A noite estava escura, os cadaveres ainda insepultos, e muitos já despídos, punham manchas claras na terra negra e indistincta, e apesar do entusiasmo da victoria, que já ia meio dissipado, a impressão era triste, e tanto mais que no numero dos mortos se contava um camarada geralmente estimado, um pobre moço cuja triste sorte fazia pensar aquelles que neste momento a lastimavam, e que tão proximos estariam talvez de a ter igual. A musica e os versos ressentiam-se d'esta disposição geral dos espiritos, os accordes tinham o quer que fosse de funebre, os versos eram por demais elegiacos, mas o que é verdade é que o tenente ia ar-

rancando lagrimas a quantos o escutavam. A situação tornara-se devéras incommoda, e alguém lembrou que de nada servia augmentar tristezas, e con-

vidou o Pombo a mudar de assumpto, e a cantar coisa mais alegre. Immediatamente da guitarra brotaram notas menos plangentes, e o poeta, entrando noutra ordem de idéas, entoou uma quadra, que d'esta vez tratava de vivos e deixava em paz os mortos:

Para allivio dos peccados
Confessei-me ao Bomjardim,
Que me deu por penitencia
Bebesse vinho... sem fim!

E depois, baixando a voz que tomou um tom de humildade e submissão, como convem a peccador constricto no tribunal da penitencia, continuou:

Olhe, padre, que ha inferno,
E eu temo beber assim.

E aqui, a voz tornava-se grossa e rispida como quem admoesta ou reprehende:

Não vê que sou sacerdote!
Pois ponha os olhos em mim.

E as lagrimas tornavam-se em risos, e da nenja passava-se ao gracêjo, já esquecido, ao menos naquella hora, o pobre morto de Albuera. Mas talvez mais tarde, quando expiraram as ultimas notas da trova, e se foram todos a dormir o somno d'aquella noite, junto dos outros que tambem ali dormiam o somno eterno, ellas voltassem de novo, as lugubres idéas, que as quadras jocosas do tenente tinham por momentos afugentado.

Por demasiado insignificante não reza a historia, muito embora historico elle seja, d'este episodio de Albuera, e os versos do tenente Pombo teriam para sempre cahido no esquecimento, se eu os não tivesse ouvido a alguem que nessa noite os ouvira da bôca do auctor, e os repetia ainda meio seculo depois.

CELESTINO SOARES.



Concurso photographico dos «Serões» — Menção honrosa



TRECHO DE UNHAES DA SERRA

Photographia do sr. Antonio Antunes dos Santos

Se a mocidade soubesse...

V

A MALA DO REI

BETTY, a bonita austriaca, mulher do burgrave de Wellenshausen, chanceler de Sua Magestade o rei Jeronymo I da Westphalia, tinha para o mal aptidões encantadoras, mas que ainda estavam por desenvolver. Fechada, durante tres annos da sua vida de casada, pelo marido ciumentissimo, n'um burgo inaccessivel, entre os montes da Thuringia, não tivera ainda ensejo favoravel para isso. A simples oportunidade que se lhe apresentara — a de separar do noivo a Sidonia, sobrinha do burgrave — fôra por ella aproveitada de modo conscienciosissimo. O moço conde tinha tido a ousadia de requestar Betty, ou pelo menos Betty imaginou isto; por conseguinte não era digno de confiança, e até merecia rigoroso castigo. A moral assim o determinava.

A empreza executou-se com extrema facilidade. Conscia do seu poder, Betty suspirava por qualquer coisa de maior momento, e estava a ponto de realisar esta aspiração.

Era o proprio ciume que fizera o burgrave cahir manietado nas mãos da mulher, que estava emfim senhora de si mesma e da situação. E por isso tinha ido para Cassel, a alegre e irresponsavel capital do alegre e irresponsavel Jeronymo, a Mecca dos seus sonhos. E não só estava em Cassel, como tambem se descartara do seu Barba-Azul. Que prazer poderia gosar uma pobre mulher, vendo constantemente a sombra do seu medonho e ciumento marido a projectar-se entre ella e o galanteio mais innocente? Foi, portanto, corrido o Barba-Azul para os quartos, a que, pela sua qualidade de chanceler, tinha direito no paço. *Madame* Barba-Azul preferia, é claro, o hotel e a sua liberdade.

Fartou-se de rugir o monstro, mas, como estava á mercê da esposa, teve de se submeter, sob a ameaça de um grande escandalo. E pelo que respeitava a Sidonia, á nova condessa de Waldorf-Kilmansegg (que por muito mais tempo não devia usar d'este titulo, a cumprirem-se os desejos da burgravina), Betty condescendera em acceital-a a

seu lado. A rapariguinha ia dar uma excelente companheira, e o spectaculo do desgosto, que ella altiva e silenciosamente estava padecendo por amor do casamento, tambem não desagradava á sua tia por afinidade.

Temos, pois, que Betty estava em Cassel, e, mais ainda, estava livre: borboleta no meio do jardim, com os longos dias do verão ao seu dispôr e podendo escolher entre todas as flôres da primavera! E que homem altamente sympathico o rei Jeronymo!... Não tinha o menor vislumbre da selvageria que se attribue geralmente aos corsos, nem qualquer indicio da sua origem plebéa. Um verdadeiro rei, na opinião de Betty. Sempre imaginara que se haviam de entender admiravelmente um com o outro. Depressa teve occasião de escrever ao seu affavel soberano duas palavras amabilissimas, n'uma folha de papel côr de rosa.

Quem levou a cartinha para o correio foi *Mademoiselle* Elisa, que deitou, já se vê, os olhos para o sobrescripto e logo jurou aos seus deuses que, visto a ama ter correspondencia com pessoas d'aquella categoria, tambem a creada não podia contentar-se muito mais tempo com o *Jaeger* ou *chasseur* do burgrave.

Foi na mesma occasião para o correio, diga-se de passagem, um insignificante bilhete dirigido ao burgrave de Wellenshausen. Esse, porém, custara á condessa Betty uma simples pennada.

*
* *

A primavera e o outomno teem muitas affinidades, mas ao passo que a primavera caminha para a plenitude da vida, o outomno dirige-se para o frio somno da morte. Distinguem-se ambos pela graça, pela energia, pelo capricho, pela suavidade. Dão-nos sorrisos e lagrimas, ceos de uma doçura impossivel no verão, virações macias como o leite, possantes como o amor, ventanias que resoam

com as vozes do oceano, da montanha e da floresta; grandes canticos de gloria, que se apoderam de nós e nos falam de coisas maravilhosas e que á passagem nos excitam o sangue, e vão, se é outomno, fazer dançar uma dança lethal ás folhas amarellecidas, e, se é primavera, acalentar os rebentos infantís nas tenras vérgontas.

Dois viajantes, um a pé e outro a cavallo, caminhavam a par na estrada imperial que ia de Göttingen a Cassel. Batia-lhes no rosto um sadio vento forte primaveril, e ao cavalleiro, que era ainda moço, falava energicamente da primavera que lhe aquecia o sangue, falava-lhe de amor e de mysteriosas florescencias. As lufadas que elle respirava eram cheias de um aroma de crescimento e de saudade que o enlouquecia, pois tinha o sangue a escalear nas veias e vira-se frustrado em amor.

Mas para o outro viandante, cujo cabello já ia branqueando, e que avançava como quem aprendeu a ignorar o que seja o cansaço, estava occulto um lamento de outomno nas alegrias de abril. Diziam-lhe que tudo o que nasceu tem de morrer, e como o que é lindo morre primeiro. No ciclar de cada folha acabada de formar, ouviria o futuro suspirar da queda inevitavel; na fragancia da terra em labutação, sentiria o cheiro das tristes sepulturas cavadas no anno que findou.

O cavalleiro trajava um fato fino e elegante, como convem a um viajante de alto nascimento; o peão vestia como tocador ambulante, que da musica tirava o pão quotidiano e que raras vezes sabia de manhã onde á noite descancaria a cabeça. Os acasos da jornada reuniram de modo singular estes dois homens; e Hans, o vagabundo, distillara com a sua musica, na vida do conde de Waldorf-Kilmansegg alegria e dôr, amor e odio, quasi, parecia, fazendo-lhe sentir um phantastico prazer. Porém Estevam affeiçoara-se ao allucinado companheiro. Apesar de pacificos viajantes, haviam sido envolvidos recentemente no turbilhão de uma correria de cossacos — porque nos arrancos do imperio de Napoleão tambem era abalada a Westphalia — e, com risco da propria vida, o nobre austriaco tinha salvo de uma lançada perdida o vagabundo, e, excitado pela desarrazoada generosidade da juventude, queria-lhe agora muito mais, com o ardor da ferida que recebera.

Caminhavam em silencio. Estevam sentia

um peso enorme no coração: tinha perdido Sidonia quasi nos degraus do altar, e andava agora a procural-a com uma impaciencia, que os repetidos contratempos iam transformando em phrenesi. E Geiger-Hans servia-lhe de guia, tendo deixado o austriaco, desde ha muito, de admirar-se com a cega confiança que depositava n'aquella creatura de tão mysterioso ascendente.

A partir de certo logar, a floresta encostava-se á estrada imperial. Os ramos, que por cima formavam arcaria, antecipavam-lhes a noite. E já envolvidos pela sussurrante protecção do arvoredado, os dois viandantes aproximaram-se mais um do outro, e como que recuperaram o uso da fala. Parecia que a natureza os tinha arrastado para um recesso verde, que convidava a falar, como a planicie deserta convidava ao silencio. O cavalleiro deu uma pancada forte no arção da sella, fazendo estremecer ligeiramente o cavallo meio extenuado.

— Pensar que ella está em Cassel, sob o esvoaçar diabolico dos olhares do imperial bonifrate! Sidonia, minha mulher, na côrte de Jeronymo!...

O rabequista, cujo rosto persistentemente sombrio se avincou em um sorriso de satisfação, commentou sentenciosamente:

— A açucena não receia o limo.

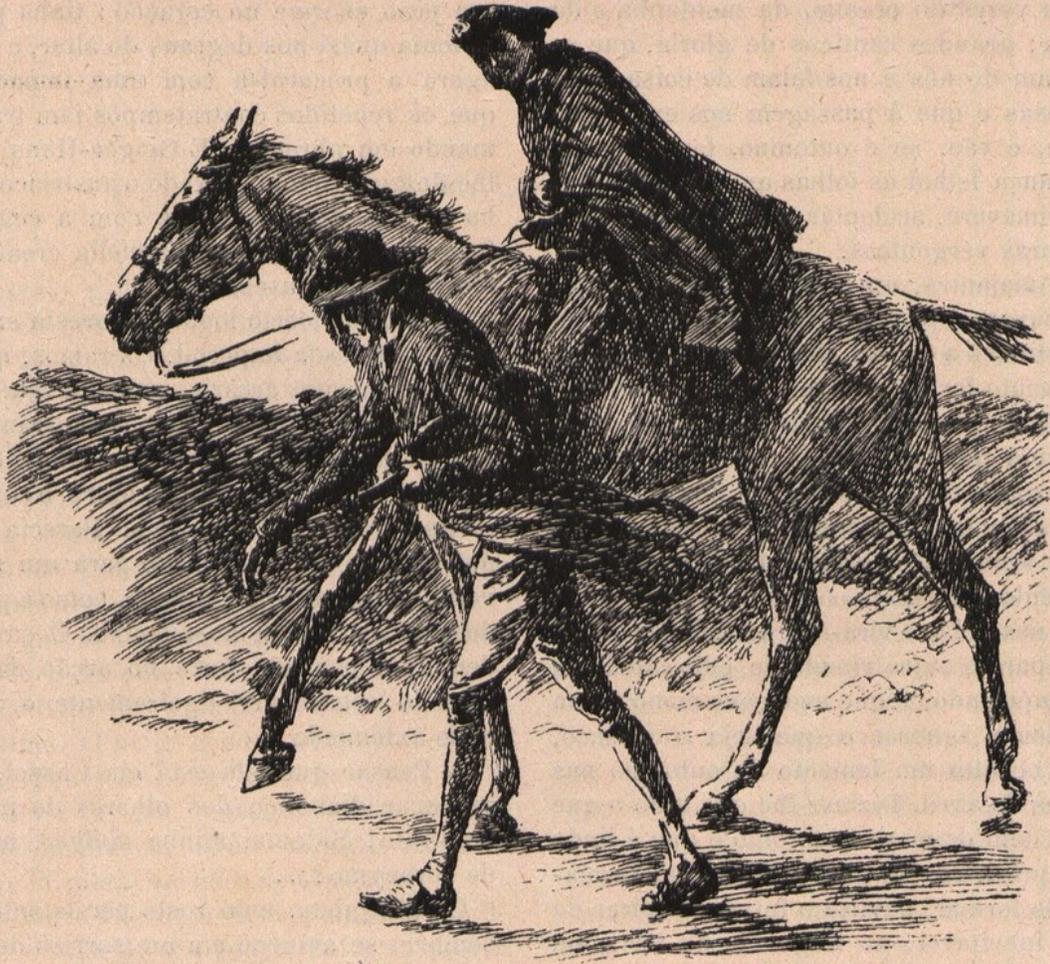
Mas o conde achou detestavel a comparação... A açucena, uma flôr que desabrocha com odiosa formosura sobre as aguas lodosas!... E amaldiçoou o ferimento de cura tão demorada, e o sangue que inoportunamente lhe escaldava assim as veias, e o interminavel caminho e a perversidade das mulheres.

— Mocidade insensata! — disse Hans seccamente. Logo, porém, em tom consolador, porque ainda a colera dominava o companheiro, accrescentou, apontando para uma luz que brilhava ao longe, atravez do escuro adejar das folhas e da sombria perspectiva dos troncos:

— É acolá que vamos ceiar e dormir. Amanhã de madrugada, já refeitos da fadiga, continuaremos o caminho.

— Amanhã! — interrompeu o noivo, com impaciencia. — De modo nenhum! Hei de chegar a Cassel ainda hoje!

— Esquece-se do tempo em que vivemos, meu caro companheiro. O nosso amado soberano converteu a sua capital n'uma fortaleza... fez parapeitos e esplanadas dos



DOIS VIAJANTES CAMINHAVAM A PAR NA ESTRADA DE GOETTINGEN A CASSEL

pomares e jardins das casas de campo... levantou postos de guarda em todas as barreiras da cidade. E fecha-se tudo ao render das sentinellas, uma hora depois do sol posto. Não, meu amigo, entramos em Cassel amanhã.

Com o ardor que não admite demoras, Estevam, o apaixonado, tinha visto com os olhos do espirito a sua peregrinação acabar com aquelle dia, tinha-se visto abatido ou premiado. Premiado! Ao acudir-lhe esta ideia, o alvoroço que lhe preencherá o coração quasi o fizera desmaiar.

O artista, com o seu poder diabolico de ver na alma dos outros, escolheu o ensejo para tirar da rabeça sons de extraordinaria suavidade.

— Acabou-se tudo! — suspirou o noivo. — Oh! Não posso supportar esta ideia!

E o tocador ficou silencioso, meditando nos caminhos que homens e mulheres seguem em relação ao amor. Esquivar-se uma noiva aos abraços do noivo... que outro ca-

minho mais seguro para o enlouquecer de paixão?

*
* * *

Tinha anoitecido e a lua cheia fluctuava no ceo, quando os dois companheiros sahiram da floresta e foram ter deante da porta da estalagem dos Tres Caminhos.

Havia lá dentro alegre freguezia n'aquella noite de abril, a julgar pelo sussurro da vozearia e das cantigas, que sahia pelas janellas de cima.

O rabequista subiu os degraus que conduziã a porta de entrada, e bateu umas pancadas fortes com a aldrava. Não obteve resposta. Rindo silenciosamente, poz-se á escuta durante alguns instantes. Lembrando-se do violino, tocou-o fortemente. Enlevados na propria musica, os convivas do primeiro andar não deram a minima attenção ao rabequista; porém no rez do chão houve logo movimento, os ferrolhos da porta ge-

meram corridos por mão pressurosa e os gonzos rangeram.

— Ah! E' o Geiger-Hans! — gritou a estalajadeira, assomando á porta. — Julgámos a principio que era o commissario de policia que estava a bater. Valha-nos Deus! Que tempos estes! Anda a gente n'um constante sobresalto, toda a santissima noite!

Apertou as mãos contra o deprimido seio, mas, ao dar com os olhos no cavalleiro, esqueceu o arquejar, a fim de ver melhor.

— É um irmão que arranjei á ultima hora — disse o artista. — Mande o *Kerl* pegar-lhe no cavallo. Os rapazes não estão cá? Tragolhes novidades. Venha, companheiro, que deve estar muito cansado.

Na cozinha, em meio de um ambiente por outros motivos agradável, o sentido do olfato foi-lhes offendido pelo cheiro nauseabundo da vinhaça, que provinha manifestamente de um postilhão de escalavrado uniforme, que estava alapardado ao canto da chaminé.

Tinha desabotoado a jaqueta de alamares e o alto collarinho, para facilitar a communição entre o cangirão e as guélas; piscou os olhos impudentemente para o rabequista, e voltou-os para Estevam, com expressão odienta.

— Interceptar a mala do rei... crime de lesa-magestade de primeira cabeça... pena de morte — observou elle com certo orgulho, respondendo ao olhar de espanto que o conde lhe deitara.

— E o castigo abrange todos os que tomarem parte no facto — lembrou o musico, chasqueando.

— Mas não a victima da violencia — tornou o postilhão, com serena indiferença.

Pousou com a bocca voltada para a meza o grande cangirão, a fim de advertir a estalajadeira.

A pobre, coitada, parecia observar tudo o que se passava, como a lebre pode olhar para a armadilha que lhe prende a pata.

— Os senhores estão lá em cima — disse ella, e enxugou com a ponta do avental a humidade dos beiços.

Os freguezes do andar superior começavam outra vez a dar provas ruidosas da sua presença na estalagem.

— Ao que parece, a Irmandade está empenhada n'uma ligeira discussão — notou o musico, a sorrir.

— Pelo amor de Deus, Hans, vá lá acima

accomodal-os! Podem vir por ahi os *gendarmes*! — grunhiu a estalajadeira.

— Companheiro — disse a Estevam o rabequista — siga-me por esta escada, que, por signal, não é muito larga. Vou apresental-o n'uma sociedade mais nobre que todas as outras. Já lhe dei a conhecer o rei mais moderno e o burgrave mais antigo de quantos existem no mundo. Esta noite, vou pô-lo em relações com os filhos de uma nação escravizada... heroes, nem mais nem menos, meu caro conde... patriotas de primeira agua!

Estevam de Kilmansegg sentia seccos os cantos da sua bocca aristocratica. O patriotismo de Westphalia, as convulsões d'esta panella de estanho posta a um cantinho da vasta fogueira napoleonica... os heroes caseiros que rugiam o seu entusiasmo no meio da noite, ao tilintar dos cangirões!...

Os olhos do musico pestanejaram, como que fazendo um commentario zombeteiro ás suas palavras. Subiu a escada com agilidade, e o companheiro seguiu-o, com o andar pesado da indiferença.

Um clamor de vozes avinhadas saudou a entrada do musico. Estevam parou no limiar, com os labios arrepanhados e expressando ainda maior desdem, á vista do que se lhe deparou: tres rapazes esguedelhados e em diversos graus de embriaguez, vestidos extravagantemente á moda do *Studiosus* militante: casacos de velludo já no fio, mas com muitos alamares; botas á Frederica; enormes esporas, que provavelmente nunca haviam tocado na barriga de nenhum cavallo; golas poeticamente derrubadas; cabello muito crescido; bolsa de tabaco e espadim á cinta; cachimbo de percelana de seis pés de comprimento, enfeitado de borlas com as côres nacionaes. Á cabeceira da meza um homem atarracado e de grandes barbas vozeava e barafustava, abraçado a um cangirão de vinho, e defendendo-lhe a posse, de espada desembainhada, contra os inuteis esforços dos outros dois, um dos quaes ria que se escangalhava, e o outro não perdia a gravidade apesar da bebedeira. A meza estava alastrada de cartas e outros papeis.

Mal o barbaças deu com os olhos no rabequista, largou a espada e o cangirão, e avançou para elle cambaleando, de braços muito abertos, e exclamando com grande entusiasmo:

— Bem vindo sejas, irmão... mestre... irmão!

— *Salve!* — gritou o estudante das gargalhadas, precipitando-se para o cangirão e desprezando o copo que tinha ao lado. E enquanto mergulhava nas profundezas do enorme vaso a face rubra e petulante, o terceiro estudante, um tristonho de compridos cabelos pretos descachados sobre um rosto cada-verico, cahiu sentado na cadeira a lamuriar:

— *Vilis est hominis natura!*

Mas expressando-se já na lingua materna e dando com o punho fechado no bebedor, chamou-lhe:

— Farroupilha!

— *Salve, fratres!* — exclamou o rabequista, nem por sombras espantado com esta recepção, mas esquivando-se manifestamente ao abraço, com que o barbaças ainda o ameaçava. E proseguiu, apontando para as cartas espalhadas sobre a meza: — Como é bello admirar os salvadores da patria a defenderem-lhe os interesses, até durante as horas que os outros levam a dormir!

O bebedor fitou em Estevam, por cima do cangirão, os olhos brilhantes, e bradou:

— *Prudentia!* Ha um estranho no meio de nós!

— Um estranho! *Pix intransibus!* — gritou o barbaças; e, dando um rugido, correu para a espada.

Aproveitou-se d'esta excitação o chorami-gas para deitar, por sua vez, as garras ao abandonado cangirão.

— Não! — disse o musico, oppondo-se, de braços estendidos para a frente, ao ataque dos dois estudantes — *Pax intransibus*, é o que deve dizer. Somos seus amigos!

Estevam tinha parado no limiar da porta, esboçando um sorriso de mofa. Irritado como estava, sentiria especial prazer em estiraçar no chão o par de borrachos, o que, a despeito do ferimento, executaria n'um abrir e fechar de olhos, graças á sciencia que tinha cultivado em Londres, nas salas de Jackson. Ainda chegou a dar um passo para a frente, mas o rabequista estendeu os braços para elle e conseguiu detel-o, parecia que por effeito da singular auctoridade que sobre elle exercia, e a que tambem não se eximiam os rebeldes contra Jeronymo, nem o proprio rei.

— Paz, irmão Pedro! Paz, sapientissimo doutor *in herba*. Trago-lhes um novo irmão,

companheiros. É um fidalgo austriaco, tambem meio inglez e, por conseguinte, tão inimigo do tyranno como os allemães. Já faço as devidas apresentações. O conde de Waldorf-Kilmansegg... *Herr* Paulo Oster, emérito jogador de espada e decano da conspiração westphaliana. Repare, conde... o verdadeiro garbo allemão, o typo da belleza varonil! Veja esta cabeça digna do imperador Frederico Barba-Roxa! N'uma palavra, veja a espada (se posso expressar-me assim) de um grande movimento patriótico! — E aqui temos — accrescentou, virando-se e fazendo outro gesto cerimonioso — o cerebro, a lingua, o olhar penetrante, isto é *Herr* Theophilus Schmeeling, jurisconsulto, que ainda ha pouco foi investido em todas as suas honras pela universidade de Goetingen... E o terceiro?... Pousou um olhar interrogativo no estudante de cabello de azeviche, que tratava de deglutir paulatinamente os restos do vinho. O doutor de leis, surprehendentemente animado para o estado a que chegara, respondeu logo pelo tristonho companheiro, que continuava absorto e absorvendo:

— *Johannis Stempel, Sanctæ Theologie Studiosus*. O guia moral, digamos assim, do nosso movimento. Um coração leal e tambem — accrescentou a rir — um desvelado protector das vinhas.

O conde de Waldorf-Kilmansegg achou graça em fazer-lhes tres medidas com ironica cerimoniosidade. O rabequista continuou, porém, sem mostrar a minima tendencia para o gracejo:

— Estamos aqui, no amago de uma grande conspiração, pondo em risco as nossas cabeças, pelo simples facto de tomarmos d'ella conhecimento. A Espada, a Lei, a Igreja! Que conspiração tão bem capitaneada!

Estevam seguiu com os olhos o gesto do vagabundo, e reconheceu que os papeis confusamente espalhados sobre a mesa, deviam ser o contheudo de uma mala de correio pendurada nas costas da cadeira, onde estava sentado o aprendiz de theologo. Lembrou-se logo do postilhão que tinha visto na cozinha e que dizia: «Crime de primeira cabeça!»

— Ora adeus! — gritou o legista. — O rei Jeronymo não manda matar ninguem; limita-se, como todos nós sabemos, a tosquiá as suas ovelhinhas.

— Queira perdoar, doutor — retorquiu o musico, em tom incisivo. — O governo mais pa-



COMO É BELLO ADMIRAR OS SALVADORES DA PATRIA!

ternal não deixa de dar um exemplo de vez em quando. A prova é que a cabeça decapada de Karl Schill, ainda está a estas horas em exposição n'uma das portas de Helms-tadt. Mas soceguem! Como a odiosa invenção franceza do Dr. Guillotin ainda não substituiu o antigo cutello germanico, as suas cabeças, meus senhores, hão-de ser cortadas segundo o estylo heroico. Ineffável consolação!

— Ai! gritou Barba-Roxa e cahiu desalentado na cadeira do topo da mesa, levando as mãos á bocca do estomago, como se aquellas palavras lhe houvessem produzido subita doença. Até a barba parecia ter empallidecido. Comtudo reanimou-se e teve uma explosão de raiva:

— Que me importa o carrasco! Mas não me dirá como se hão levar estes parvos?... Reunem-se, beberricam, emborracham-se, tornam a beberricar, e no emtanto, sobre

essa mesa, ha motivo sufficiente para se cortarem vinte cabeças.

— Despejou-se o cangirão! — garganteou o estudante de theologia, como se estivesse cantando um psalmo. — *Nunc est bibendum! Aut bibe aut abi!*

O decano, com as barbas espetadas, rosnou como um cachorro, mas o jurista collocou-se de permeio e disse com brandura:

— Aquietem-se! Trato eu das cartas, e aqui está quem vae ajudar-me e não tem a cabeça como vocês. Não é verdade que me ajudas, meu querido Geiger-Hans? E emborcamos ao mesmo tempo uma garrafinha, para clarear as ideias. Não é assim, rabequista do meu coração?

— Sim, *aut bibe aut abi... sauf oder lauf...* ou beber ou safar-se — affirmou de novo o theologo.

— *Doctorlein*, estou ao seu dispôr — disse o musico suavemente. — O amigo é o diabo

não é homem — continuou elle, contemplando-o com admiração — para assim resistir, depois de ter bebido, aposto, o dobro do que beberam os seus companheiros. Mas uma pergunta, antes de mais nada: Porque está aqui a mala do rei?

— Pergunta sensatissima — respondeu o outro, com verbosidade avinhada. — *Providus home sagax*... A instancia do defensor é digna de ponderação, illustre decano. — É defensor ou accusador?

— Sou cúmplice — redargui o vagabundo tranquillamente, ao mesmo tempo que apanhava uma mão-cheia de cartas. — Voltemos, porém, ao ponto que nos interessa, meu irmão: Porque está aqui a mala do rei?

— Porque trazia varias ordens de prisão contra a Irmandade — disse o interrogado, e continuou, batendo com a palma da mão sobre o casaco cheio de nodoas: — Aqui está a equidade em opposição ás sentenças dos tribunaes; a sagacidade juridica a derrubar os decretos reaes; n'uma palavra, o principio legitimo e verdadeiro... pois se o jurisconsulto não fôr o antidoto da lei, que demonio vem a ser? .. Responda-me!... Ah! Ahi vem o vinho! Já não são cangirões, são garrafas. A nossa hospedeira sabe como se tratam cavalheiros. Bom! Bom! Vae dormir outra vez, *Pastorlein*, e sonha com o teu primeiro sermão. Ha aqui muita obra para fazer. Respeitavel hospedeira, encha-lhe o cangirão, e com cerveja ordinaria, que elle já não conhece a differença.

O rabequista, com uma porção de cartas seguras na mão, ergueu os olhos e fitou-os no decano. Vira-o cahir pesadamente na cadeira, e ficar derreado contra o espaldar, com a vista dirigida para a frente, immovel, attonita: estava evidentemente na primeira phase a estupefacção a embriaguez.

O aspirante a clérigo, no entanto, lamuriava, tomando para thema o gosto pessimo da bebida que tinham acabado de trazer-lhe, e Estevam, encostado á parede caiada, observava a scena com altivez e indifferença.

— Vamos, sr. conde — disse-lhe o artista, com um dos seus rarissimos sorrisos amáveis — beba um copo de vinho!... Não quer?... Em que vae então passar o tempo, que temos de consagrar aos negocios do Estado... n'este Gabinete Negro?

Por mais duvidoso que se lhe afigurasse o proceder do companheiro, Estevam não po-

dia de modo algum mostrar-lhe soberba. Já o conhecia muito, mas estava ainda longe de conhecê-lo bem.

— Não, obrigado — disse com um leve sorriso. — Vejo acolá um canapé. Vou ver se durmo, até que tenham composto ou desfeito o Estado da Westphalia. Sinto-me exausto de fadiga.

— Faz muito bem, amigo. Vá dormir e sonhar. E agora nós, irmão conspirador. Antes de começarmos com a papelada, ouça uma coisa. Os homens de juizo não perpetram crimes inúteis. Não temos nada com a correspondencia particular dos bons cidadãos de Cassel. Oh! Mas cá está um documento com o sello official e dirigido ao commissario de policia de Goettingen!

Atirou-o pela mesa adeante. O legista soltou um grito de triumpho.

*
* * *

O canapé estava limpo e Estevam deitou-se-lhe para cima, ancioso de esquivar-se áquella sociedade tão repugnante e desagradavel. Mas o somno é ás vezes rebelde e não se submete á vontade de quem o deseja. O lamuriar do theologo, o respirar estertoroso do Barba-Roxa, a loquacidade interminavel do jurista, o estalar do papel e até o mutismo do rabequista, eram outros tantos agulhões que o espertavam constantemente e o mantinham em vigilia febril. Contra a almofada de crina resoavam, cada vez mais fortes, as palpitações do coração de Estevam, dizendo-lhe com allucinante persistencia: «Sidonia! Sidonia!» E então, como em delirio, vislumbrava o Don Juan do rei Jeronymo, de olhar incendiado; mas logo estremezia n'um espasmo de raiva, ao ter a nitida percepção do quarto mesquinho, das luzes tremeleantes, do cheiro pestilencial do vinho e d'aquella insupportavel sociedade.

— Alto, *Herr* jurista! Alto! — gritou repentinamente o musico — Largue essa carta! É de correspondencia particular.

— Nego! E' dirigida ao nosso inimigo capital, e a correspondencia com os tyrannos não póde ser considerada como particular. De mais a mais — accrescentou elle, dando umá risadinha — o envelope é da ultima moda franceza, e vinha tão mal fechado que se abriu apenas lhe toquei. O homem sisudo

não despreza os avisos da Providencia. Que virá aqui dentro? Oh! Travesso filho de Venus! Que macio e rosado papel!... E que mão delicada seria a que traçou estas linhas? O rei tem gosto apurado relativamente ás pombas. Não lhe nego essa qualidade... Que Sardanapalo! É quanto basta para nos tornar assanhados republicanos. Sou partidario dos direitos do homem. Os tyrannos não pódem ter o monopolio d'esta caça! Hem! Não traz indicado o lugar em que foi escripta, nem a data. Que pombinha cautelosa! Ih! Como a avesinha chilreia!—N'isto apertou o papel contra os labios avinhados, com enojosa delicia. — Havia de eu apanhar aqui a beldade! Attenção! Vejamos o que ella diz. «Senhor.» O começo é quanto ha de mais frio. Estaria com as pennas arrepiadas.» Devia odial-o, mas infelizmente o odio é sentimento que não anda mais submisso, que o amor, á nossa vontade. Como seria bom para nós, as mulheres, se assim não acontecesse!» Linda creaturinha! Tem estylo tão ambiguo como o de um letrado. «Adivinho, porém, que lhe perdoarei, quando menos por dever, pois, sem duvida, seria desleal, se persistisse em rebellião para com o meu legitimo senhor. Betty. — P. S.» Ah! Agora é que vamos chegar á medulla... *medulla esculenta*... do bilhetinho côr de rosa. «Fique entendido que nada prometto, mas simplesmente que lhe perdôo. Póde vir receber o seu perdão... ou mais ainda!»

O leitor soltava exclamações de enthusiasmo, quando a voz do rabequista gritou repentina e peremptoriamente:

— Dé-me essa carta!

Houve uns instantes de silencio. O musico sentado e com os magros queixos encostados ás mãos, ficou a olhar para a folha côr de rosa, ao passo que o legista se lançou a outro montão de cartas, com actividade e ma-

nhas de macaco. O decano, pretendo director d'este *Cabinet Noir*, resonava estrondosamente. O philosopho e guia espiritual da commuidade, esse então continuava meditando sobre a ruindade da bebida, que lhe tinham dado por ultimo.

— Oh! — exclamou de repente o homem de leis—outra missiva da terna pombinha!... A mesma letra, o mesmo papel!... E tambem é dirigida a importante personagem, nem mais nem menos que o chanceller Wellenshausen! Não me faça cara tão feia, querido *Minnesinger*! Digo-lhe que esta mulher não tem a menor noção de como se fecha uma carta!

Estevam ergueu a cabeça da almofada. Sentiu o estalar da folha de papel, ao ser desdobrada pelas mãos do estudante. Novas exclamações.

— Excellente! Admiravel! Escute, homem, se quer dar boas gargalhadas:

«Hotel de l'Aigle Impérial

Nunca!

Betty, burgravina de Wellenshausen.»

Com mil raios! A mulher d'elle! E' uma historia parecida com as dos dramas de Kotzebue! A mulher!... E escreve-lhe: «Nunca!» Oh! Oh! A pomba tem garras e bico!

O rabequista, sem manifestar a ruidosa alegria que fora annunciada, inclinou-se para deante e apanhou resolutamente a carta das mãos do outro. E como o jurista estremece e desse mostras de offendido, o musico atalhou, a sorrir:

— Ainda não descobriu outros mandados da prisão? Olhe que a noite já vae adeantada e não será mau pôrem-se a caminho de Goettingen antes que se descubra o caso.

(Continúa.)

(Traduzido do inglez por Maximiliano de Azevedo).

AGNES E EGERTON CASTLE.



Os serões das creanças

Gallinha e bacalhau

Um estudante de Coimbra ia gozar em casa dos paes as ferias do Natal. Foi isto no tempo em que não havia caminhos de ferro e se faziam as jornadas na mala posta.

N'uma estalagem, onde tinha de pernoitar, o estudante perguntou o que lhe davam para a ceia.

— Bacalhau cozido, respondeu o estalajadeiro.

— Bacalhau cozido!

— Se antes o quer guizado...

— O que eu não quero é o tal «fiel amigo», que para o meu estomago é infiel inimigo.

— Não sei que lhe faça.

— Pois na sua capoeira não haverá sequer uma gallinha?

— Havia muitas, mas foram-se, umas levadas pelos ratoneiros, e as outras pelos freguezes que tenho tido hontem e hoje. Já mandei comprar mais criação, mas só a recebo amanhã.

— Essa póde o senhor comel-a. Não tem ao menos um frango?

— Tenho até uma gallinha, que deve estar já cozida.

— Ora! Ora! Que venha quanto antes para a meza! E o senhor tão calado com isso! . . .

— Podera não! A gallinha já está prometida a outro hospede, freguez antigo da casa. Olhe! Lá está elle sentado áquella meza, esperando a ceia.

O estudante viu com effeito um homem de certa idade, muito



— OLHE ! LA ESTÁ ELI E SENTADO ÁQUELLA MEZA

gordo, e dirigiu-se para elle, sem dizer mais palavra ao estalajadeiro. Passado um instante já os dois hospedes estavam de conversa.

Falaram de apostas.

— Eu pélo-me por apostar, disse o estudante.

— E então eu!... retorquiu o outro, que era lavrador.

— Para mim, dia em que não faço uma aposta, não é dia!

— Nem para mim!

— Olhe! Deu-me agora na veneta propôr-lhe uma aposta muito exquisita.

— Diga!

— Aposto um cruzado em como sou capaz de comer uma gallinha cozida.

— Tambem eu! Ora não ha!...

— Espere!... De comel-a com ossos e tudo.

— Aposto que não!

— E eu aposto que sim!

— Pois quero vêr isso.

Toca já a casar dinheiro!

Fez se o deposito na mão do lavrador.

N'isto trouxeram a gallinha, n'uma larga travessa, deitando um cheiro que era mesmo um regalo.

— Podemos já vêr essa Africa! disse o lavrador todo ancho. E poz a ave em frente do estudante, que logo principiou a comel-a, deixando os ossos de parte.

— Então assim é que quer ganhar? perguntou o lavrador.

— Cada coisa por sua vez.

— Ah! Os ossos ficam para depois?

— Para o fim de tudo, justamente.

Mas quando o estudante acabou de comer a carne, desatou a gritar, queixando-se de uma dôr muito forte nos dentes, e dizendo que por isso não podia trincar os ossos.

— Então perdeu, meu caro, surriada! disse o lavrador, que teve de aguentar-se com o bacalhau.

— São os ossos do officio, meu innocente amigo, respondeu o estudante rindo ás bandeiras despregadas. Quem não apostou, nunca perdeu nem ganhou.



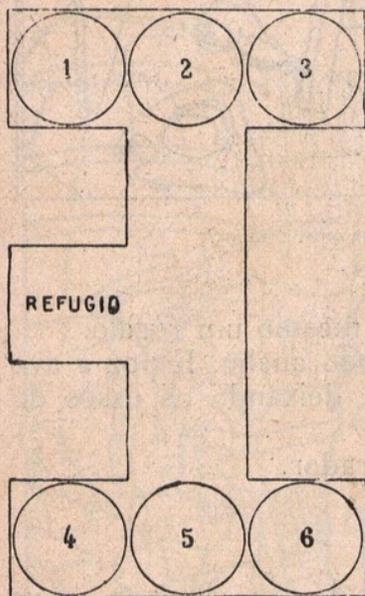
— ENTÃO ASSIM É QUE QUER GANHAR?



Para scismar

PROBLEMA DOS AUTOMOVEIS

O dono do edificio, cujo plano está representado na figura junta, desejando utilisal-o para *garage* de automoveis, construiu um telheiro em cada um dos extremos, sendo cada



um d'elles capaz de abrigar tres automoveis. O corredor que une os dois telheiros tem apenas largura para dar passagem a um automóvel de cada vez. Do lado esquerdo d'este corredor ha um refugio onde cabe apenas um carro. As duas partes do corredor entre o refugio e os telheiros não teem tambem espaço para mais de um carro. Ora o proprietario deseja passar os automoveis de um para outro telheiro, de modo que os carros numerados 1, 2, 3, vão occupar o telheiro actualmente occupado com os carros 4, 5, 6 e *vice-versa*. Para resolver este problema o leitor pode facilmente desenhar um diagramma ampliado onde os carros sejam representados respectivamente por moedas de prata e cobre.

TRIBULAÇÕES DE UM INDUSTRIAL

Um fabricante de dados recebeu encomenda d'um certo numero d'ellés que depois de fabricados quiz remetter n'uma caixa cubica; mas tendo-os mettido n'uma faltavamlhe 76 para a encher, motivo porque tentou mudal-os para outra menor, o que não conseguiu por lhe sobraem tantos quantos primeiramente lhe haviam faltado. Poz de parte as caixas cubicas, fez a remessa d'uma fórmula qualquer, perdeu a nota do pedido antes de fazer o respectivo lançamento, e, por isso, pede aos ex.^{mos} leitores dos *Serões* a fineza de lhe dizerem por quanto ha de debitar o seu cliente, sendo o preço dos dados á razão de 500 réis a duzia?

MATUTTIMO.

CURIOSA PROPRIEDADE DE UM NUMERO

Ahi vae uma coisa realmente curiosa, em que talvez os mathematicos nunca pensassem.

Tomemos o numero 37 e a progressão arithmetica 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27 e multipliquemos 37 por cada um dos termos; vem:

$37 \times 3 = 111$	$37 \times 6 = 222$	$37 \times 9 = 333$
$37 \times 12 = 444$	$37 \times 15 = 555$	$37 \times 18 = 666$
$37 \times 21 = 777$	$37 \times 24 = 888$	$37 \times 27 = 999$

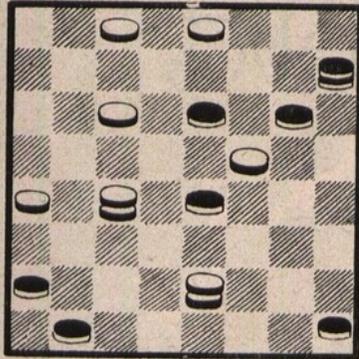
Conclue-se esta curiosa propriedade: o numero 37 multiplicado pelos termos d'aquella progressão dá productos formados de tres algarismos iguaes, e a somma d'esses algarismos é igual ao numero pelo qual se multiplicou 37, como é facil de ver.

Jogo de damas

POR JOSÉ SYDER

N.º 11

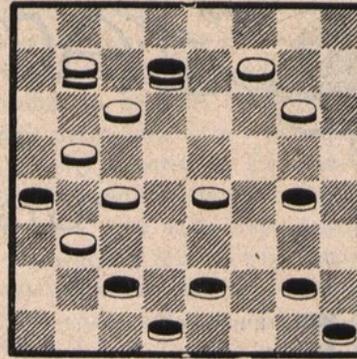
B. 2, 3, 11, 14, 20, D. 19, 26



P. 9, 10, 18, 28, 29, 32, D. 5
J. P. Empatam 5 lances

N.º 12

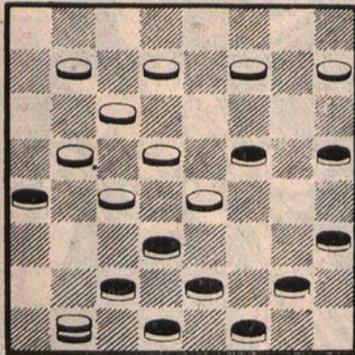
B. 6, 9, 11, 16, 18, 19, 24, D. 8



P. 17, 20, 25, 26, 27, 29, 31, D. 7
J. B. G. 6 lances

N.º 13

B. 5, 6, 7, 8, 11, 15, 16, 18, 19, D. 32

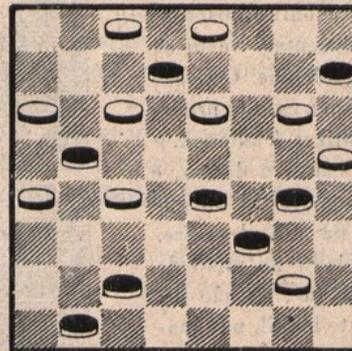


P. 13, 14, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 30, 31
J. P. G. 7 lances

N.º 14

Conde Setil

B. 2, 3, 9, 10, 11, 12, 13, 19, 20, 25



P. 5, 7, 6, 17, 18, 22, 27, 32
J. P. E. em 8 lances

Por estes problemas pode se ajuisar as combinações a que este jogo se presta e nos futuros problemas iremos dificultando a sua decifração.

A quem 8 dias depois d'esta publicação nos enviar solução correcta, daremos uma Guia ou Jogo de Damas pelo author d'esta secção.

Correspondencia: O problema n.º 8 foi-nos dado pelo fallecido Conselheiro Barjona de Freitas como tendo sido composto por S. M. El-Rei D. Luiz I, de onde se infere que Sua Magestade tambem tinha predilecção por este jogo.

Problema 7. Não recebemos solução dos nossos leitores. Eil-a:

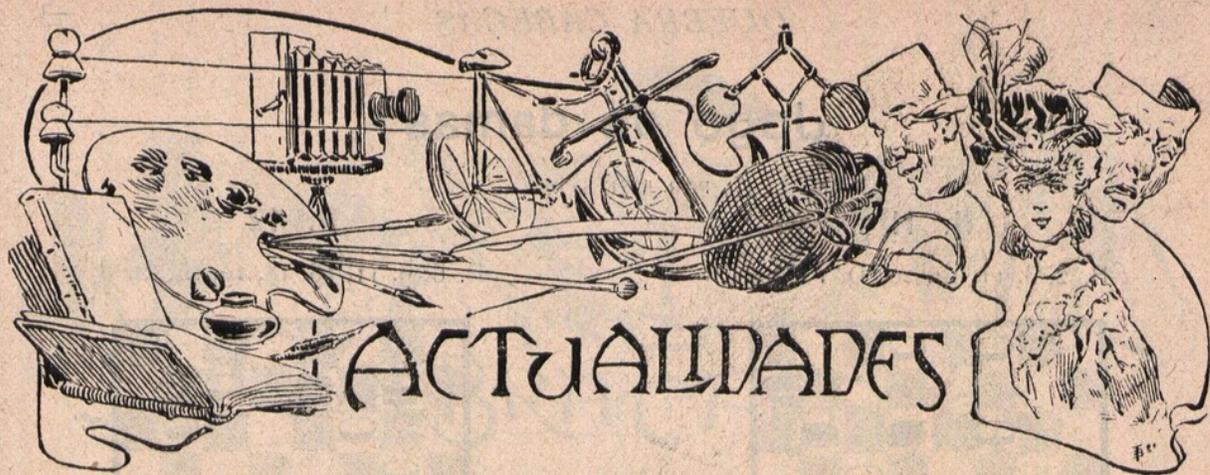
Solução do Problema 7

11-15	9-18	12-16	6-10	
18-11	22-15	27-18	15-6	8-29

Expediente: Toda a correspondencia que diga respeito a esta secção, deve ser dirigida a José Syder, administração dos *Serões*.

Correspondencia: Recebemos varios problemas e cartas, ás quaes daremos resposta no nosso proximo numero.

Coutinho: Apesar do seu problema ser facil, publical-o-hemos. As duas soluções que nos mandou estão boas, porem para ter direito ao premio é preciso decifrar os 4 problemas acima que não foram publicados no primeiro numero por falta de espaço e material.



Grandes topicos

HORIZONTES
TURVOS

ESTE mundo é exquísito, principalmente o mundo político. Todos enchem a bocca de desejos de paz, e ha muitos d'esses que mal disfarçam as ganas de estrefegar o proximo. Olhem o que por ahi vae por via da malfadada questão de Marrocos. Por baixo dos sorrisos complacentes vêem-se dentes arreganhados. O Cesar germanico tem a espada prompta para a atirar á balança, e se alguma cousa o detem, é menos o amor da paz do que a ameaça de um desastre. Sente-se isolado no meio de uma Europa que, se não lhe é abertamente hostil, não manifesta exuberante sympathia pela sua politica.

A este proposito, parecemos tão interessantes e suggestivas as seguintes linhas da *Gazeta de Frankfort*, que as julgamos dignas de consignar na nossa revista, como uma opinião insuspeita de um grande jornal allemão sobre a politica da sua patria:

«A autocracia prusso-germanica tem até hoje encontrado o mais solido arrimo na autocracia russa. Se na ultima se der um collapso, ficará a primeira isolada e tão enfraquecida que não poderá competir com as potencias occidentaes, nem no ponto de vista do poder politico, nem com



A LIBERTAÇÃO

Caricatura do «Punch»



FIXADO O LOCAL DA CONFERENCIA INTERNACIONAL DE MARROCOS, TODAS AS APPARENCIAS INDICAM QUE ELLA TERÁ UM CHARACTER EXCITANTE

Caricatura do «Lustige Blätter»

respeito á sympathia das nações civilizadas. A Alemanha passará a ter dois amigos apenas, os sultões de Constantinopla e de Marrocos, sem esquecermos o Papa. É característico que estes amigos são todos elles autocratas, fieis crentes na gloria da sua soberania pela graça de Deus, mas não são os associados com quem se pode dirigir uma politica mundial. Os estadistas allemães, que são responsaveis pela politica do imperio, bem andariam se investigassem sob estes aspectos a origem do isolamento da Alemanha e as fontes da desconfiança que as nações nutrem contra os que estão governando os nossos destinos. É de esperar que durante o novo anno elles encontrem ensejo para esta investigação».

Estes periodos, oriundos de um órgão politico de tamanha ponderação, alem de mostrarem que a opinião publica nem na propria Alemanha applaude sem reserva a attitude imperial, teem uma importancia vital, pelas esperanças de que o ponderado espirito germanico neutralise qualquer ancia febril de aventuras, e assegure ao mundo os beneficios da paz.

A POLITICA DO THERMOMETRO

O PROFESSOR inglez Ireland, colonista abalisado, apresentou recentemente uma original theoria, digna de ser meditada pelos politicos.

Assevera elle que o calor é incompativel com as instituições liberaes, e cita varios exemplos em apoio da sua doutrina, sobretudo no que respeita ao Imperio Britannico, objecto especial dos seus estudos.

«O primeiro ponto que impressiona o observador», diz o professor Ireland, «é que todos os territorios do Extremo-Oriente comprehendidos n'esse Imperio ficam situados na zona de calor que cinge a terra entre os dois parallellos, norte e sul, dos 30.º»

«Todo o nosso imperio do Extremo-Oriente está sob a administração directa da metropole; não encontramos n'elle uma unica dependencia na qual a direcção dos negocios repouse sem reserva nas mãos de uma legislatura electiva. Se desejarmos descobrir esta fórmula de governo dentro do Imperio, temos que sahir da zona do calor — para o Cabo, para a Australia, para o Canadá.

«Isto, já por si, impressiona bastante; mas se ampliarmos o campo de observação, vemos que o que é verdade para o Extremo-Oriente é igualmente verdade para toda a Africa e toda a America, na parte d'esses continentes abrangida pela zona do calor.»

Varias explicações aventa o professor para esse singular facto, entre ellas a falta de cohesão associativa nos paizes quentes, onde os individuos folgam de estar em casa a descansar e não se aventuram a ir longe para travar conhecimentos e estreitar relações politicas.

E conclue que, quanto mais quente é qualquer paiz, mais despotico é o governo. Se assim é, Deus afaste de nós as temperaturas superiores ahi a 25.º, quando muito.

Mas que risonha perspectiva offercem taes doutrinas aos revolucionarios da Russia Septentrional.



O SULTÃO DA TURQUIA SEM SE COMMOVER COM O PROTESTO UNANIME E AS DEMONSTRAÇÕES NAVAES DAS POTENCIAS

Caricatura de «Il Fischietto»



O BURLESCO DA AMNISTIA

A LIBERDADE — *Alegra-te; vaes casar commigo.*
O POVO RUSSO — *Emquanto não me soltarem as mãos, não posso abraçar-te.*

Caricatura de «Pasquino»

CONGRESSO
DAS CAPITAEAS

Não deixa de merecer ponderação a ideia apresentada por sir Edwin Cornwall, presidente do conselho do condado de Londres. Os prosperos resultados da *entente municipale*, recentemente estabelecida entre Londres e Paris, suggeriram-lhe a possibilidade de uma associação das auctoridades municipaes das grandes capitaes do mundo, associação cujos membros deveriam periodicamente reunir-se n'uma ou n'outra d'essas capitaes, trocando ideias e comparando notas sobre a administração dos municipios. Entre os desenvolvimentos beneficos d'este plano, que a imaginação de sir Edwin prevê no futuro, figuraria uma combinação pela qual as creanças das escolas publicas das varias grandes cidades se cambiariam em periodos determinados, de fôrma a incluir no curso escolar ordinario as vantagens de uma viagem ao estrangeiro. Este plano já foi inaugurado em parte nas escolas secundarias entre a Inglaterra e a França, e é perfeitamente praticavel a sua extensão, tal como sir Edwin Cornwall a projecta.

Offerecem-se sem duvida muitas dificuldades á realisação do plano. Mas é possivel que a boa vontade de todos os interessados as vença, conseguindo dar mais um gigantesco passo para o cosmopolitismo, que é a caracteristica do presente seculo.

Quer-nos parecer que Lisboa teria muito a ganhar se fosse incluída n'este congresso. Os nossos edis, salvo o devido respeito, não teriam pouco que aprender na communicação internacional com os seus collegas.

UMA GIGANTESCA
EMPREZA

Um dos primeiros planos, apresentados ao czar depois da guerra, foi o gigantesco projecto de construir um tunnel atravez do Caucaso, debaixo da actual estrada militar de Geazir, que segue de Vladikvakar á Tiflis. Será o mais colossal e o mais dispendioso dos trabalhos analogos até hoje emprehendidos. O comprimento total do tunnel, que terá duas secções, deverá ser trinta e duas milhas (perto de 60 kilometros), tendo quatorze milhas uma das secções, e dezoito a outra. O monte que se deve furar será o celebre monte Cruz, e da entrada do tunnel avistar-se-ha o pico de Karbek, o monte a que Prometheu foi acorrentado.

Calcula-se que o tunnel levará dezoito a vinte annos para se concluir, e o custo total não será muito inferior a 50 milhões de libras (225 mil contos, ao par). As vantagens estrategicas da linha serão enormes. A rede dos caminhos de ferro russo-europeus ficará ligada ao systema caucastico e á linha que se dirige á fronteira persa. Construido este tunnel, será possivel em sete dias mobilizar tropas de S. Petersburgo ás fronteiras da Persia. De accordo com o ministerio das finanças, o principe Khilkoff entrou em negociações com um grupo de bancos suissos para custearem a empresa. Caso esses bancos a rejeitem, talvez as casas bancarias da America forneçam o capital necessario.

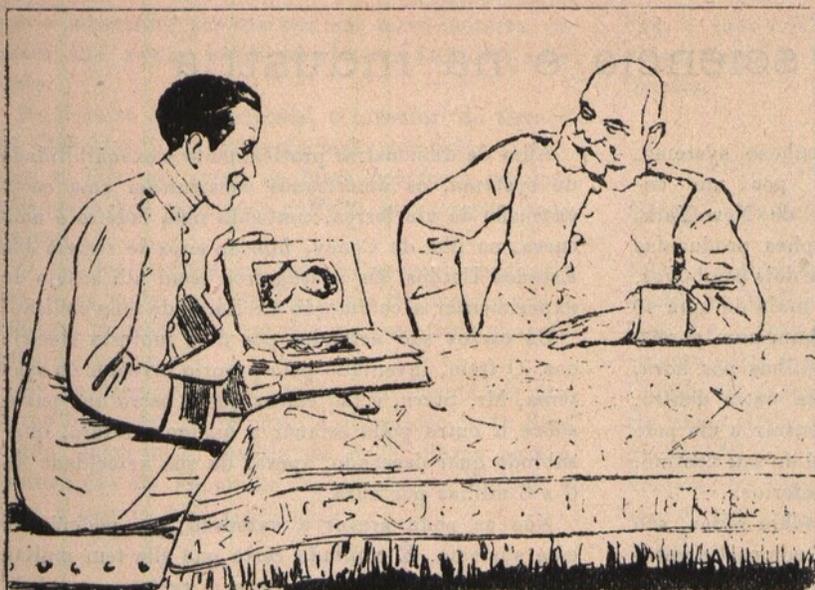


POLICIA (O KAISER) — *Pareceu-me ouvir barulho em sua casa. Precisa de auxilio?*

O CZAR — *Muito obrigado. Por cá tudo vae bem.*

POLICIA — *Sinto muito.*

Caricatura do «Pasquino»



A ESCOLHA DA NOIVA

Caricatura de «Weekblad von Nederland»

AS AMBIÇÕES DO KAISER

CORRE por Berlin um gracejo que roça por um dicto de lesa-majestade. Um estrangeiro encarecia deante de um allemão a extraordinaria actividade e o caloroso entusiasmo do Imperador. —É verdade isso!—redarguiu o allemão—O Kai-

nistração unionista; administração dos negocios domesticos da Irlanda por irlandezes, quando houver oportunidade; redução de armamentos; alargamento das liberdades e seguranças concedidas aos agricultores; legislação tendente a minorar os males de que se queixam os faltos de trabalho.

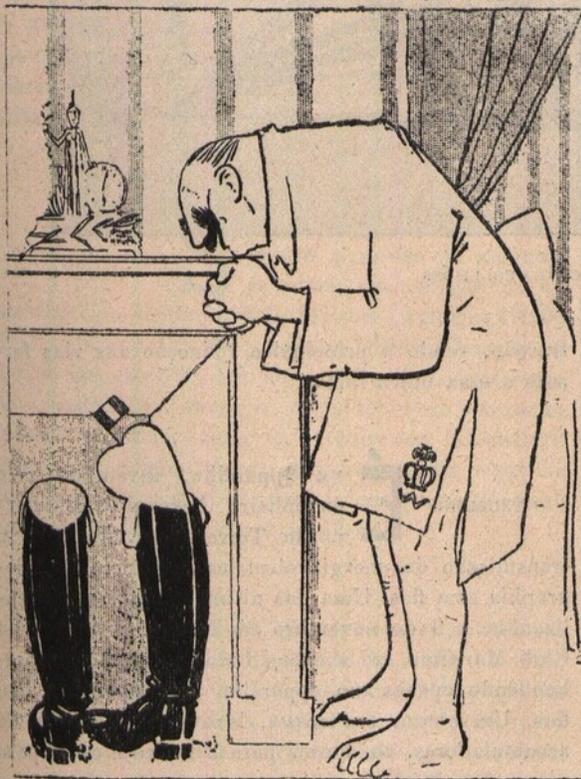
ser é de veras prodigioso. N'um baptisado o que elle gostava era de ser a creança, n'um casamento queria ser a noiva, e creio bem que se fosse a um enterro havia de querer ser o cadaver.

Esta mordaz zombaria foi colhida de um jornal inglez.

O NOVO MINISTERIO BRITANNICO

EIS, em summula, o programma do novo gabinete liberal da Grã-Bretanha, presidido por sir Henry Campbell-Baunaman:

Subordinação da auctoridade militar da India á auctoridade civil; cessação do recrutamento para trabalho e da importação de coolies chinezes na Africa do Sul; continuação da politica estrangeira seguida pela admi-



PRESENTE DO NATAL

KAISER — O coração da França! Ate que emfim!...

Oh!.....

Caricatura do «Rire»

Vida na sciencia e na industria

PREVENÇÃO DE COLLISÕES NOS CAMINHOS DE FERRO

É o engenhoso systema, proposto por um engenheiro de New-York, Mr. Stern, para evitar as catastrophes produzidas nos caminhos de ferro pelo encontro de dois comboyos.

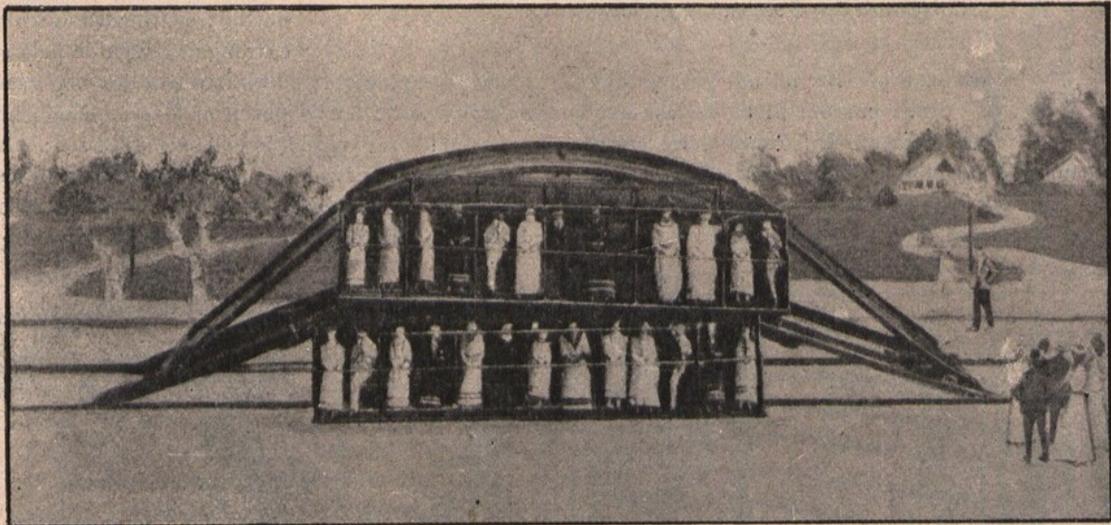
Com este systema, não é preciso mais de uma só via. Quando duas carruagens caminham uma para a outra com uma velocidade de 25 milhas por hora, uma d'ellas, em vez de entrar pela outra dentro, corre pelo tejadilho d'esta até encontrar a via pelo outro lado, continuando incolume até ao seu destino, assim como a que ficou pela parte inferior.

As carruagens, embora correndo sobre rodas, são realmente pontes moveiças, com compartimentos para acomodar passageiros. Sobre ellas ha uns

Afim de demonstrar praticamente a exequibilidade do systema, os americanos construíram uma curta extensão de via ferrea, contendo uma ladeira e uma curva, na ilha de Coney, famoso sitio de recreio dos Estados Unidos. Os passageiros teem alli ensejo de experimentar a commoção excitante de uma collisão.

Os carros são actuados por dois motores electricos. O freio, inventado pelo proprio inventor do systema, Mr. Stern, é tão effizaz que o carro que passa sobre o outro pode estacar a qualquer altura, quer subindo quer descendo, apesar da sua velocidade de 6 a 8 milhas por hora.

Não se pode prever a extensão que poderá ter este systema. É comtudo certo que elle tem muitas e importantes vantagens sobre o systema usual de



CAMINHO DE FERRO CONTRA COLLISÕES

carris em forma de arco, presos solidamente e servindo de via para a carruagem que ameaça produzir a collisão.

Os passageiros accommodam-se aos dois lados do apparelho rolante. As carruagens teem uma velocidade de 10 a 15 milhas, e fazem-se collidir com a velocidade de 8 milhas, o que é bastante para viagens de recreio. O principio sobre o qual ellas são construidas torna impossivel o esmagamento de uma pela outra.

Os proprios automoveis e outros vehiculos, encontrando no seu caminho uma d'estas carruagens, podem passar-lhes por cima como se subissem e descessem um declivio gradual, uma collinasinha, por exemplo.

Para a locomoção pelas ruas, existe um apparelho de segurança para evitar atropellamentos, o qual colhe o peão e o colloca a salvo do outro lado do carro.

tracção, sendo a principal a redução das vias ferreas a uma unica linha.

O TELEKINO

É um apparelho, inventado pelo engenheiro hespanhol D. Bernardo Torres Quevedo para a transmissão da energia electrica por meio da telegraphia sem fios. Uma das ultimas experiencias realisou-se a 9 de novembro em Bilbao. O terraço do Club Maritimo era a estação transmissora, comprehendendo apenas um apparelho de telegraphia sem fios. Um barco, o *Vizcaya*, levava uma bateria de accumuladores, um motor para o helice e outro para o leme, e dois servo-motores para pôr em acção o mecanismo dos primeiros. Estes servo-motores estavam directamente ligados ao telekino, com o qual formavam um apparelho unico. A corrente recebida da estação transmissora é recebida pelo telekino,

que a transmite por sua vez aos servo-motores, os quaes vão actuar sobre os motores da helice e do leme.

No decurso da experiencia, o inventor, do terraço do Club Maritimo, fez evolucionar por todas as formas o *Vizcaya*, como se fosse por força magica, guiando-o com segurança perfeita, sem o menor contratempo.

O publico rompeu em manifestações entusiasticas, e os mais competentes foram de parecer que o telekino representava um dos maiores triumphos da sciencia moderna.

As experiencias continuarão brevemente. O governo hespanhol tinha posto á disposição de D. Bernardo Quevedo a quantia de 8:000 libras para a construcção do apparelho, executado em Madrid, e para o custeio das experiencias.

VARIA entre as tres e as cinco horas o periodo em que dormimos mais profundamente. D'ahi por deante, o somno torna-se gradualmente mais leve, e é muito facil acordar uma pessoa á uma ou duas horas. Mas quando chegam as quatro horas, attinge-se geralmente um estado de profundissimo torpor.

É extranho que ás horas correspondentes de tarde, a maior parte da gente se sente um pouco fatigada. Não se sabe se isto é devido ás condições electricas da atmosphaera, se á posição do sol. Mas o facto é que o systema nervoso, o cerebro e os pulmões estão sobretudo vigorosos desde as dez ou onze horas (da noite e da manhã) até ás doze ou á uma.

SEGUNDO M. J. E. Gose, é a seguinte a massa de algumas estrellas em relação á do nosso sol: o Centauro vale 882 soes; Asturias 1:200; Rigel cerca de 20:000; Antares 88:000; Canopus, a maior das estrellas até hoje conhecidas, vale cerca de 1 milhão de vezes o nosso sol. Pelo contrario, muitas estrellas, como o satellite de Aldebaran, pouco maior que Jupiter, são muito mais pequenas do que o sol, o qual em summa occupa no universo um lugar medio, quanto á grandeza.

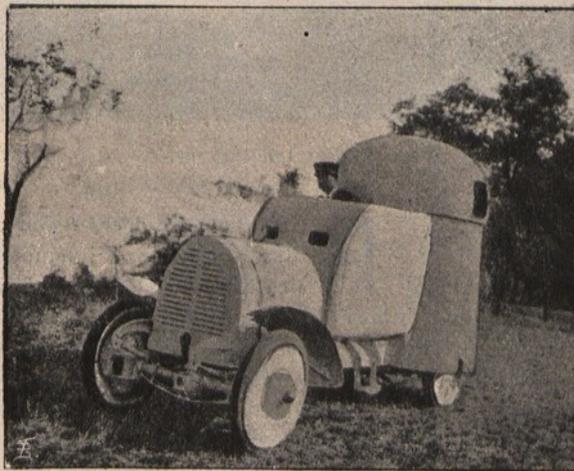
DIZ-SE que os francezes utilizam tudo quanto ha; não ha nada que se desperdice. Os trapeiros francezes compram toda a especie de calçado velho e vendem-no a certas fabricas, onde esse calçado é submettido a longos processos, que os transformam n'uma massa.

Essa massa é por seu turno transformada n'uma imitação de couro muito parecida com marroquim. Sobre esta materia estampam-se desenhos estylisa-

dos, e com ella se manufacturam papeis de forrar casas, forros de bahus, e muitos outros artigos simillhantes.

HISTORIA DA BUSSOLA **E**IS, segundo estudos do Padre Bertelli, barnabita de Florença, o que se sabe sobre o assumpto: 1.º a *bussola fluctuante* foi introduzida no Mediterraneo, no seculo x, pelos *Amalfitanos*; 2.º o *typo de eixo* foi substituido ao *typo fluctuante* pelos mesmos, antes de 1200; 3.º a suspensão Cardan foi aperfeiçoada por este inventor, mas existia antes d'elle, no seculo xv; 4.º a declinação magnetica foi descoberta por Colombo na sua primeira viagem; 5.º Flavio Gioja, o navegante napolitano do seculo xv, presumido inventor da bussola, nunca existiu.

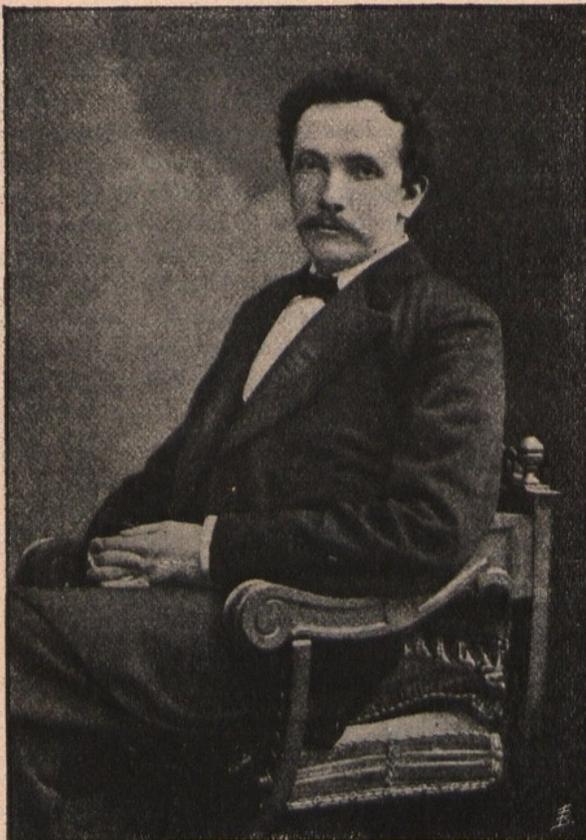
AUTOMOVEL COURAÇADO DE ARTILHARIA **A** DIFFICULDADE, que se tem sempre opposto ao uso dos automoveis para transporte de peças de artilharia, é o serem elles dispostos para correr em leitos de estrada e não prestarem para andar fóra d'ellas, como acontece á



AUTOMOVEL COURAÇADO

artilharia movida por tracção animal. Consta que este inconveniente foi vencido n'um automovel austriaco, do qual offerecemos uma illustração, fazendo com que o motor impulse separadamente os dois eixos, anterior e posterior, das rodas do carro. Um automovel com esta disposição pode correr por terrenos accidentados e pantanosos, ou por qualquer caminho tosco, com tanta segurança como as viaturas puxadas por cavallos. O automovel tem uma couraça que o reveste inteiramente. O *chauffeur* pode tornar-se invisivel baixando a bancada. A peça está montada na parte posterior do carro. Este automovel é fabricado pela companhia Danisler, de Newstadt.

Vida na arte



O MAESTRO RICARDO STRAUSS

A NOVA OPERA
DE
RICARDO STRAUSS

R COMPOSIÇÃO da opera *Salomé*, libretto de Oscar Wilde, musica de Ricardo Strauss, deu causa a uma desavença entre o imperador da Alemanha e o maestro. Este ultimo faz parte da casa imperial, na qualidade de regente da opera no theatro de Berlim. O Kaiser mandou-lhe dizer que não considerava a montagem de uma opera com o assumpto de *Salomé*, nem digna do talento de Strauss, nem conveniente para os progressos da arte pura. A isto redarguiu Strauss que de pessoa alguma, por mais alta que fosse a sua hierarchia, recebia lições de arte, a não ser que reconhecesse n'essa pessoa uma superior auctoridade no assumpto. Seguiu-se naturalmente a isto o imperial desfavor, e consta que não se renovará o contracto de Strauss como director da orchestra de Berlim.

Isto não impediu comtudo que a opera, em um acto apenas, fosse representada em Dresden, onde parece ter obtido grande exito.

Oscar Wilde é hoje o auctor favorito dos allemães, e *Salomé* tem a reputação de um dos mais bellos poemas que ha muitas decadas tem apparecido no mundo.

Quanto a Ricardo Strauss, que hoje conta 41 annos, é um compositor que deixa Wagner a perder de

vista nos seus methodos symphonicos. O seu poder orchestral é considerado immenso. Os seus effeitos são tão extravagantes que no auditorio, antes da representação da opera, não causava estranheza o boato de que Herodiade cantaria doze compassos em lá bemol, acompanhada pela orchestra tocando em lá natural.

O maestro seguiu, apenas com ligeiros cortes, o drama de Wilde.

O MAESTRO
PUCCINI **R**EPRESENTOU-SE em Londres com grande exito a ultima opera de Puccini *Madama Butterfly*, com a assistencia do proprio maestro, que tem grande predilecção pela metropole britannica e que ahi encontrou o assumpto da sua opera.

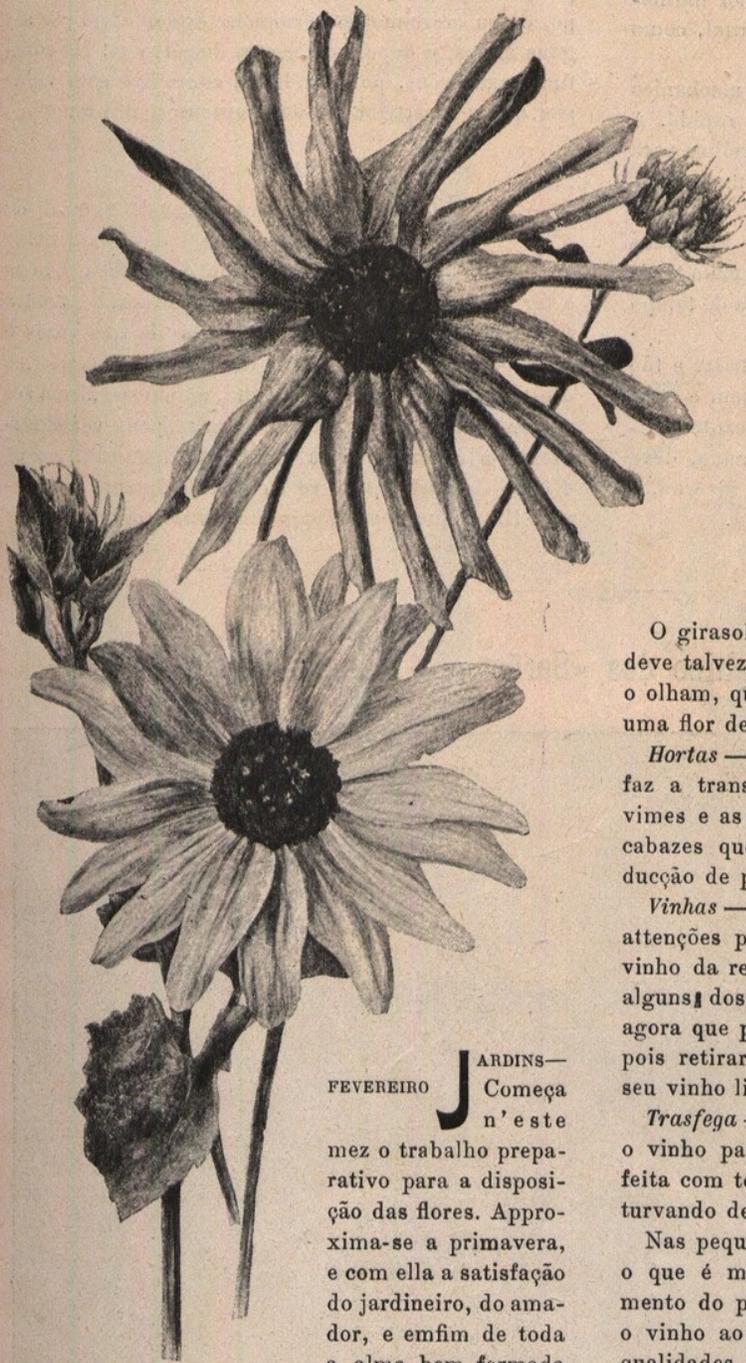
A um jornalista annunciou elle que a sua primeira obra teria como protagonista Maria Antonietta. Sempre o seduziu o periodo revolucionario, e já conferenciou com os seus librettistas, Illica e Giacosa, sobre o plano geral do trabalho dramatico.

Puccini, automobilista *enragé*, fracturou ultimamente uma perna n'uma das suas digressões. Não se corrige porém. Vive perto de Pisa, e entrega-se de coração ao automobilismo por terra e por agua, pois tem no seu jardim um lago que se presta ás evoluções do seu *motor-boat*.



O MAESTRO PUCCINI

Vida nos campos



O GIRASOL

JARDINS—
FEVEREIRO Começa
n' este
mez o trabalho prepara-
tivo para a disposi-
ção das flores. Appro-
xima-se a primavera,
e com ella a satisfação
do jardineiro, do ama-
dor, e emfim de toda
a alma bem formada
que no seu amor pelas
flores manifesta a finu-
ra do seu caracter.

Limpa-se os canteiros, ensaibra-se os arruamentos, e guarnece-se os tableiros com plantas vivazes que irão florescer nos mezes da primavera. Os sitios mais abrigados devem ser destinados ás plantas que primeiro florescem, para que as não vá prejudicar ainda os rigores do inverno.

Semea-se n' este mez: alecrim do norte, alfinetes

de tocar, balsaminas, campainhas, cravos e cravinas, cruz de malta, espozas, goivos, girasoes, mangericão, myosotis, saudades, valverdes, etc.

O *Girasol* que a nossa gravura representa, é uma planta originaria do Perú, e pertencente á familia das compostas. Alguns povos adoraram esta planta que entre elles symbolisava o sol. Diz-se que acompanha o sol no seu curso voltando para elle as suas flores, de cujo facto lhe vem o nome. Não parece comtudo que tenha fundamento esta asserção.

De uma altura notavel, a haste é quasi despida de folhas, que são alternas e em fórma de coração.

Quer uma terra fresca e forte, não exige tratamento especial, e floresce em junho.

O girasol symbolisa a intriga, e a esta fatalidade deve talvez um pouco de desprezo com que as damas o olham, que aliás tambem se pode explicar por ser uma flor de avantajado tamanho.

Hortas — O hortelão semea n' este mez os legumes, faz a transplantação das laranjeiras, e apanha os vimes e as cannas destinadas á confeção de cestos, cabazes que lhe prestarão grande serviço na conducção de productos do seu trabalho.

Vinhas — Feitas as podas vira o viticultor as suas atenções para a adega onde se acha envazilhado o vinho da recente colheita, assentando pouco a pouco alguns dos elementos que tinha em suspensão. É agora que pouco ha que fazer nas vinhas que elle vae pois retirar de sobre o pé ou deposito de borras, o seu vinho limpo, o que se denomina

Trasfega — Consiste quasi este trabalho em mudar o vinho para outra vasilha. Essa mudança deve ser feita com toda a cautela para que o pé se não levante turvando de novo o liquido.

Nas pequenas adegas faz-se a mudança a canecos, o que é moroso, muito facil de causar o levantamento do pé, e tem ainda o inconveniente de expôr o vinho ao ar pelo que perde muito aroma e outras qualidades. Comtudo não vale para pouco serviço empregar uma bomba especial.

As bombas de trasfega fazem a mudança do vinho com toda a facilidade, sem os inconvenientes de expedição e acidificação do liquido.

A trasfega pode repetir-se sempre que o vinho tenha deposito, separando-o assim de todas as suas impurezas. Deve escolher-se para isso tempo claro, frio e sereno, e não ir alem de março.

Campos — Semea-se este mez ainda os trigos chamados tremezes, por se fazerem em tres mezes.

O temporão que já está nascido pode para o fim do mez ser já mondado.

Consiste a monda n'uma especie de sacha para a destruição da herva que afronta a planta.

Esta operação é geralmente executada por mulheres, não só por ser mais barato o seu jornal, como por exigir pouco trabalho.

Nos terrenos sementeados com semeador mechanico as linhas torna-se a monda mais facil e rapida. A industria tem inventado mesmo uns aparelhos para este serviço, mas que não estão por ora muito empregados.

Tambem se semeia favas em linhas afastadas trinta a oitenta centimetros, para facilitar mais tarde a sacha a gado, no que ha grande economia de tempo e dinheiro.

Com este mez termina o inverno, tão triste e tão cruel para quem tem de viver no campo sem o agasalho e as commodidades desejaveis; o encanto tudo da vida alli, durante o resto do anno, deve compensar o camponoz das agruras do inverno, e avigorar-lhe o natural amor pela *sua terra*.

VIDA DAS
ARVORES

REGULA approximadamente por 75 annos o tempo requerido para o carvalho alcançar a maturidade.

O mesmo periodo é preciso, pouco mais ou menos, para o freixo, o larico e o olmeiro. Passado esse tempo, o seu crescimento permanece estacionario por alguns annos, e depois começa a decadencia. Ha contudo excepções, pois ainda ha carvalhos com vida, aos quaes se attribue idade superior a mil annos.

A ARVORE
BRUXA

É UMA arvore notavel, natural de Nevada, a qual deve esse nome á superstição dos indios. Chega

a ter pouco mais de dois metros de altura, e o tronco tem na base um diametro igual ao de tres vezes o pulso de um homem. A maravilhosa caracteristica d'esta arvore é a luz que irradia, a qual se affirma ser tamanha que n'uma noite escura se pode ver claramente a arvore a uma milha de distancia. Ao pé d'ella, de noite, pode-se ler distinctamente um jornal. Eis o que nos affiança um jornal inglez.



Concurso photographico dos «Serões» — Menção honrosa



UMA LAVRA EM ERMEZINDE

Photographia do sr. Luiz Marques de Sousa